

**Arquitectura Prisional Portuguesa: Forma, Experiência e
Representação do Espaço.**

O Estabelecimento Prisional de Monsanto

Mariana Correia Carolo

Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea

ANEXOS

Maio, 2019

I. Relatórios e documentos relativos a visitas aos Estabelecimentos Prisionais

Nota: Não tendo sido possível recolher mais elementos durante as visitas, não será apresentada uma conclusão exacta sobre esta matéria.

Visita à Holanda, Amsterdão a 17 de Abril de 2012.

Conversa entre Mariana Carrolo e o Arquitecto Martin Van Dort, do Archivolt Architecten BV. (Tradução livre)

Ordem de trabalhos:

- a) Apresentação e conversa sobre a investigação a realizar para a tese.
- b) Visita ao *Amsterbaken Amsterdam – Gesloten Justitiële Jeugdirichting*.
- c) Visita ao Tafelberweg t.b.v. De koppeling – justitiële jeugd inrichting + uitbraiding jeudzorg tafelberweg t.b.v. De koppeling, fase 2.
- d) Visita ao estabelecimento prisional de arnhem - "koepel gevangenis" (*dôme* ou *panopticon prison*).

a) Apresentação. Conversa sobre o tema da tese e sobre a investigação (1 hora).

Martin Van Dort é, com Philip Breedveld, director do Archivolt Architecten BV. Em conjunto coordenam uma equipa de 12 membros, num atelier certificado pelo – Management Systeem Certificatie (ISO 9001:2008).

O atelier foi formado em 1962, por Hein Van Meer com uma vertente desmarcadamente social.

Desde 1996, Martin Van Dort deu especial atenção à reabilitação e à renovação de edifícios e de projectos públicos, equipamentos e instituições.

Mariana (09:08H): Bom dia. Desde já, muito obrigada, por me receber.

No que diz respeito à minha apresentação... licenciiei-me em arquitectura, em Lisboa e, igualmente, em História da Arte. Enquanto estava a estudar História da Arte, dei aulas no Estabelecimento Prisional de Monsanto e aí, com os reclusos, realizaram-se diferentes trabalhos de Expressão Plástica, como Desenhos e Pinturas. No final do curso, tendo como ponto de partida esta experiência, preliminar, no EPM pensou-se num modo de ampliar o âmbito desses trabalhos e de se ampliar a pesquisa (...).

Segundo entendemos, a tese será constituída por duas partes. A primeira parte, incide sobre o caso de estudo, o Estabelecimento Prisional de Monsanto, enquanto objecto arquitectónico, a sua história e, o seu quotidiano e rotinas disciplinares. A segunda parte centra-se, sobretudo, sobre a experiência prisional desse espaço e, o modo como esse espaço e esse quotidiano é percebido pelos reclusos.

Nesta fase da investigação, temos alguma informação sobre o edifício da prisão de Monsanto, no seu contexto Histórico, mas é difícil aceder aos desenhos projectuais do edifício prisional. Talvez por isso, seja tão interessante poder conhecer-se o edifício e as suas vivências, de outro modo.

[É feita a apresentação do Edifício, explicada a sua arquitectura e a sua estrutura construtiva]... EPM é uma prisão de planta circular, radial. O modo como este edifício foi transformado em prisão tem suscitado associações com os princípios do Panóptico de J. Bentham. Os princípios panópticos de Bentham I eram conhecidos em Portugal havendo a apropriação das suas ideias implementadas, ocasionalmente, mas de forma pouco sistemática, em alguns projectos prisionais/penitenciários em Portugal.

Martin: O mesmo ocorreu na Holanda.

Mariana: ...Existe uma prisão em Lisboa que segue realmente o panóptico radial – o EP Lisboa, construída de raiz para ser a principal penitenciária do país. Já o EP Monsanto foi uma adaptação a um edifício militar previamente existente e, foi sempre, uma prisão que mereceu por parte das autoridades uma menor relevância e atenção política.

O objecto arquitectónico foi construído como fortaleza e à sua imagem, de modo a defender Lisboa, no final do século XIX, sem ter chegado realmente a cumprir a missão para que estava destinado. Já no século XX, o edifício militar vê ser alterada a sua função, após a implantação da República Portuguesa, transformada em cadeia civil. Desde o final do século XX este previsto o encerramento desta prisão, por falta de condições físicas sendo que, no início do século XX se deu uma alteração de planos, levando a que o edifício fosse transformado numa prisão de segurança máxima, a única no país.

A história e a função do edifício, pelas alterações a que foi estando sujeito, levantam questões sobre os motivos que possam ter levado à escolha e à sistemática manutenção deste edifício a servir, como uma prisão e, posteriormente, à sua eleição para vir, já no século XIX a acomodar uma instituição prisional de alta-segurança. Isto, sabendo-se que este tipo de prisão obriga a uma arquitectura e a um regime disciplinar bastante específico e restritivo e ainda a medidas de segurança muito particulares.

Martin: Verá que a prisão de Arnhem jamais tendo sido uma fortaleza, foi também construída à semelhança de uma. Para parecer uma fortaleza.

Mariana: 5. Em Lisboa, o EPM situa-se num ponto cimeiro da cidade.

Martin: Já estive em Lisboa, mas não a consigo situar.

Mariana: Situa-se na mata de Monsanto. Embora a vista a partir de Monsanto e sobre a cidade e sobre o rio seja privilegiada, de dentro da prisão e a partir dela, os reclusos estão perfeitamente impossibilitados de ver seja o que for, para fora de muros. Só vêem o céu.

Martin: Lembro-me que há a descrição de um recluso que, a partir da sua cela, da janela da sua cela, só consegue ver um pouco acima da janela oposta, a cerca da prisão e o céu.

Mariana: Sim, é isso. Só o céu, nada mais.

Martin: Sim, também iremos ver *isso* hoje nas visitas que iremos fazer.

Mariana: Esses procedimentos e restrições também se faziam sentido na sala de aula e na disciplina que estava a leccionar. Por exemplo, nos materiais utilizados e nos temas de trabalhos possíveis de serem desenvolvidos. Sobretudo no caso específico nos trabalhos e desenhos que reflectem a percepção e a representação do espaço prisional. Houve, em Portugal, alguma perplexidade no acolhimento dos desenhos realizados. Talvez por não imaginarem que os reclusos detivessem tanto conhecimento e memória do espaço prisional.

6. (Nesse imagem) consegue ver os objectos e equipamento disponível numa cela. Como vê, é diagramático, visto que a cela nunca poderia ter os ângulos perpendiculares. Sendo que estas imagens pertencem a um artigo [Revista Sábado, nº228 de 2008] com autorização Ministerial.

7. Os reclusos passam até 22H na cela. Embora, actualmente, tenham actividades que reduzem essa permanência. Embora estas actividades não sejam “abertas” a toda a comunidade.

Martin: E todas as actividades são individuais?

Mariana: Não, na minha actividade posso ter até 6 reclusos em aula.

Martin: OK.

Mariana: Em todo o caso é um espaço muito pequeno. A sala de aula, onde estou com os reclusos, tem pouco mais de 12m². Dentro da sala de aula estou sozinha com os reclusos. Os guardas prisionais permanecem do lado de fora da sala vigiando, pontualmente a sessão, através da janela e por videovigilância. O que é engraçado porque os guardas olham-nos como se estivéssemos dentro de um aquário. E, nós, de certo modo, quando os vemos, em igual contexto, pensamos exactamente o mesmo.

Esta prisão é uma «prisão castigo». Por isso, ao final de um ano, os reclusos devam poder sair dela, transferindo-se para outra, com um regime de segurança diferente.

8. Estes são alguns dos trabalhos livres que fiz com os reclusos. Estes trabalhos que lhe mostro são cópias de autor e inspirações. No geral, este primeiro momento de aquisição das técnicas de expressão e plásticas baseiam-se na experiência de Friedl Dicker-Brandeis, com as crianças de Terezin. Friedl Dicker-Brandeis trabalhou directamente com as crianças do campo de concentração. Alguns dos trabalhos realizados diziam respeito a representações do interior do Campo e a forma como as crianças percepcionavam o que viviam. Essa prática de Friedl Dicker-Brandeis influenciou-nos muito o programa estabelecido para a disciplina, aquilo que gostaria de trabalhar os reclusos e a metodologia e as práticas pedagógicas a adoptar.

Nem todo o programa foi cumprido, mas por exemplo: “como é a tua cela?”, “o teu dia”, o “interior ou exterior da prisão” ou metáforas das situações.

9. Nestes trabalhos realizados ao longo do tempo, interessa o ensino e a aprendizagem da técnica, processo para se atingir a capacidade de representar a realidade. Fizemo-lo através de algumas referências e exercícios-tipo como o modelo humano e naturezas mortas.

10. Neste desenho temos a representação de um cubo. É um tema muito rico e uma problema frequente na disciplina do desenho. É um excelente objecto de representação pois permite vermos os erros da nossa leitura, da perspectiva e a sobreposição desses olhares com as convenções, como pode ver nestes desenhos. Alguns parecem caixas de sapatos - pois são representados de acordo com aquilo que o observador sabe (informação prévia) e não como estão a ver/percepcionar.

11. Estas imagens, (no computador) são aqueles desenhos que ali tenho e que gostaria de lhe mostrar e pedir o seu comentário, como Arquitecto e alguém que lida com o desenho.

[Sobre os desenhos] Alguns são mais ‘emocionais’ outros mais ‘realísticos’. Ambos cumprem a sua função e permitem diferentes tipos de análise. Ambos são extremamente úteis.

Martin: Sim, nós precisamos sempre dos planos e do projecto. Mas, actualmente, para as apresentações e para o público, em geral, pedem representações destas, em 3D [mostra desenho em 3D]. São muito mais imediatos, muito embora precisemos também do projecto. Por exemplo, neste projecto de um edifício histórico, que temos agora em competição, num concurso, vemos que é um problema para as pessoas descodificarem e compreenderem o projecto.

Mariana: Penso que de algum modo, do que percebi e do que participei enquanto observador/investigador, julgo que os desenhos serão capazes de ilustrar com bastante detalhe algumas das características fundamentais da percepção do espaço dos reclusos.

Martim: **Sim, surgem neste desenho [MA] com grande detalhe.**

Está cá tudo. Tudo tal qual ele vê. Ele mostra exactamente o que há na cela. As localizações e o que será, muito provavelmente, muito importante para o [MA]. Por exemplo o desenho das linhas, das marcações do chão estão – como desejaríamos – alinhados. Talvez por que passe tanto tempo do dia e da noite na cela, percepcione assim...

Em todo o caso surpreende-me (no desenho, Michel – cela) a forma como representa a cama.

Mariana: Está aqui, neste sítio, representado em betão/cimento.

Martim: **Ah, não me apercebi, visto estar representado de forma tão dura... normalmente, contamos com algo mais suave e macio.**

Mariana: Sim é muito duro. De facto é um desenho particular, pois ele coloca as indicações para o observador, de como olhar o desenho, e mostra quatro vistas da cela.

Interessava-me muito compreender, através dos desenhos, que tipo de espaço e projecto vê aqui reflectidos, de modo a tentar identificar as marcas dos desenhos e eventualmente alguma marca sinal específico na representação. Elementos claramente demarcados ou ausentes.

Martim: **Temos de ir a este edifício e a este.... E a Arnhem. Arnhem é de facto uma prisão, para adultos. Enquanto a prisão juvenil tem outros requisitos, na sua história e no desenvolvimento do projecto.**

Temos outras prisões, às quais não vamos, cuja cópia do projecto tenho aqui para si.

Mariana: Ah, muito obrigada. Então está, realmente, acostumado a projectar prisões?

Martim: **sim, temos de facto vários projectos de prisões. Penso que 1/3 de todas as prisões têm projectos nossos.**

Mariana: Breda também?

Martim: Não. Breda é, igualmente, uma prisão de adultos e é uma cópia de Arnhem e de Harlem. Harlem foi projectado em 1882, também tarde no tempo, mas mais pequena que Arnhem.

A prisão de Arnhem tem actualmente 206 celas, sendo que no original tinha 198 celas. Agora tem um pouco mais, pois todas as outras funções foram, actualmente, colocadas no exterior desse edifício central. Assim, o arquitecto que fez Breda, fez uma cópia exacta de Arnhem e posteriormente projectou Harlem, menor.

É muito interessante porque Bentham não tinha idealizado a organização do Panóptico. Na Holanda, muito especialmente e durante o século XIX, a discussão de colocar o recluso individualmente numa cela foi sempre consensual.

... Os reclusos estavam sozinhos numa cela, aquém davam uma bíblia...

Mariana: Pelo que me diz, não houve discussão entre escolher o modelo Auburniano e Pensilvano?

Martim: Sim, foi desde o início absolutamente claro. Vi filmes do início dos anos 30, em Harlem, em que os reclusos tinham o rosto tapado.

Mariana: Portanto, do que me diz, não só não viam os outros e a si próprios como não havia reconhecimento dos reclusos.

Martim: Sim, durante o século XIX passavam só uma hora diária, no exterior. Todas as actividades eram feitas individualmente, o tempo e as deslocações. Eu não o conseguia entender, isto é a Holanda em 1880. Incrível!

Só no final da II Grande Guerra foi entendido ser realmente necessário alterarem-se as prisões.

Nos anos 60 e 70 em Amsterdão, tentando novas tipologias de projecto, foi construído um edifício, em torre. Não é longe daqui. Talvez o possamos ver mais tarde. Houve ainda, nos anos 70, um outro ideal, em que foram construídas 3 ou 4 prisões diferentes, mas essa de que falava, em torre, veio a tornar-se a prisão mais dispendiosa na Holanda. Essa prisão tem variadíssimos problemas, entre os quais o recurso a elevadores, por ter toda a sua organização estabelecida na vertical. E é, igualmente, perigosa! até no transporte dos reclusos... pelo que querem construir uma nova prisão no norte de Amsterdão, encerrando esta, tão dispendiosa.

Mariana: Esse é um ponto interessante, porque no caso da prisão portuguesa de que falamos, os custos envolvidos foram um motivo que me levou a questionar o motivo porque teriam reutilizado a antiga prisão. Uma prisão, num edifício de raiz militar, que reconhecidamente não tinha condições... em vez de projectarem uma nova. De facto, esta estrutura/edifício tem algumas patologias, é excessivamente frio e

húmido, por causa da cobertura que viu, entre muitos outros problemas (alguns projectuais e outros de implantação). Pelos materiais e betão em que foi construído e a dificuldade de penetração da luz, por exemplo.

Questiono-me sobre os motivos aqui implicados.

Ficamos, obviamente, impressionados com o uso do capuz, no século XIX, pelos reclusos. Mas tenho curiosidade em perceber qual o objectivo de ter, no século XIX, os reclusos em arquitecturas e ambientes do século XIX. Por que sabemos todos que, depois dos reclusos cumprirem penas nestes lugares, estes reclusos acabarão, na mesma, por sair e serem libertados... e o desajuste é enorme.

Martim: Poderá ver isso na prisão Juvenil onde vamos agora.

Os homens têm altas taxas de reincidência enquanto com as mulheres é totalmente diferente. Também projectámos prisões para mulheres. Mas efectivamente, para os juvenis, eles têm esta política de tentar “tratar” o comportamento juvenil e prepará-los para uma nova vida. Em todo o caso existe esta distinção, a prisão para os juvenis consiste na ideia de tratamento.

Mariana: Mas enquanto está a projectar e a desenhar os planos, têm a consciência de estar de algum modo, a exercitar o poder, ou a ser o seu veículo, numa óptica próxima de Foucault?

Martim: Eu distingo isso. O edifício não é o castigo, a punição. A punição é não mais existir liberdade. Temos de actuar de modo a que mudem o seu comportamento. Eu não posso ajudá-los nisso. Só posso projectar e construir lugares onde tenham de estar, mas onde o edifício em si não seja o castigo. Por isso, procuro organizar o edifício com bastante luz – luz natural e, para mim, enquanto projectista, é muito importante que o reclusos, qualquer pessoa, seja capaz de se orientar no espaço. Temos de ser capazes de nos auto orientarmos, através da arquitectura. Assim, para mim a qualidade da estada numa prisão, dessa vivência, depende muito da qualidade da luz e das referências de um edifício.

Essas medidas trazem segurança ao edifício. Se existe luz e orientação e os reclusos conseguem ver será bom também para os guardas, pois conseguem proteger-se. Mas também, para os reclusos, pois se eles conseguem observar com amplitude o espaço - “over look” – e visionar onde os outros reclusos estão, eu diria que o lema da nossa arquitectura será: Ver e ser visto (“SEE AND BE SEEN”).

Mariana: Esse lema parece uma inversão do que Bentham definiu sobre o panóptico. O inverso.

Martim: Bentham define que os guardas têm de ver os reclusos. Todos os reclusos. Mas hoje uma prisão é organizada em torno dos grupos sociais de reclusos.

Embora as celas tenham 8m², quando se dirigem numa prisão ou fazem actividades, fazem-no em grupo. Os grupos, claro que dependem do regime da prisão, do nível de segurança.

Temos uma prisão de alta-segurança, cá, que tem um grupo de 6 a 8 reclusos, maioritariamente, a cumprir pena de terrorismo e são considerados extremamente perigosos. Outros dos reclusos mais perigosos, senão aqui, estão por vezes em prisões/alas psiquiátricas, parecidos com as norueguesas.

Eu já estive na Noruega, numa prisão que é numa ilha e onde os reclusos vivem em casas normais. Na verdade não podes sair dali, porque as águas são muito perigosas e turbulentas. Têm as chaves de casa e trabalham das 8H às 20H e no fim do dia cozinham, para si. De igual modo, as prisões concebidas para mulheres levam mais em conta o seu trabalho e participação, em geral.

Mariana: Aquilo que de algum modo encontro na arquitectura de Monsanto é o oposto do seu: “Ver e ser visto”.

Não há grande presença de luz natural e embora as suas grandes dimensões, que nos levariam a pensar numa grande lotação... têm alguma dificuldade relativamente à sua capacidade de acolher os reclusos. Pois com dois anéis e tendo um fosso interligados por três pontes de acesso, a acomodação e circulação é complexa. Ainda mais quando a área de actividades se concentra numa só zona, ou área de passagem, complicando o fluxo e as acessibilidades. Se acrescentarmos a isto, o facto de que a circulação de um recluso se faz sempre acompanhado por dois guardas, não é difícil perceber que a sua flexibilidade não é muito elevada. É uma circulação difícil.

Na verdade, pelos dados que disponho, sou levada a crer que não é um desejo geral, da instituição e de quem mantém Monsanto activo, que exista a percepção do espaço e a capacidade de orientação no espaço, por parte dos reclusos.

Martim: Hum...Hum.

Mariana: Os profissionais e direcção, acreditam que os reclusos não têm real conhecimento do sítio. Quando confrontados com alguns desenhos, mostraram-se verdadeiramente surpreendidos pela capacidade dos reclusos representarem e de conhecerem a prisão. Talvez pensem que não é suposto os reclusos saberem, terem conhecimento do seu habitat.

Posso perguntar-lhe porque escolheu projectar prisões?

Martim: Não foi uma escolha. Após licenciar-me arquitectura, aconteceu que fui trabalhar para o governo, nos serviços de arquitectura do governo, e fiquei responsável pelo desenho de planos relacionados com a arquitectura prisional.

No caso da projecto da prisão de Arnhem, o Ministério da Justiça definiu o programa e pediu-me os planos. O Ministério foi muito restritivo e objectivo nos desejos, e foi por esse motivo que anteriormente os planos de Rem Koolhaas (OMA-AMO), foram rejeitados.

Na verdade, a prisão de Arnhem já estava encerrada. Quando fomos contactados foi-nos dito que, devido à sobrelotação das prisões, desde os anos 80 e 90 e da necessidade de novos estabelecimentos, queriam que procedêssemos à renovação de Arnhem. Assim, e para nossa surpresa, após a renovação de Arnhem acabaram por nos pedir que desenhassemos e projectássemos novas prisões. Actualmente projecto bastante para a “juventude”. Prisões para juvenis... temos vários projectos. São projectos muito interessantes pois procura-se prevenir o perigo que constituem para si próprios e para a sociedade.

O edifício que vamos hoje visitar, um deles, é igualmente para a juventude. Neste caso, está ao lado de uma prisão juvenil, mas não é uma. Os jovens vão lá parar por ordem do juiz, do mesmo modo, mas para tal, ainda não fizeram, nada de errado/perigoso para a sociedade. Porque o seu comportamento é considerado já, extremamente perigoso, devem integrar o edifício para receber tratamento, serem protegidos... para posteriormente poderem integrar a sociedade cá fora. Chamamos-lhe: CLOSED YOUTH CARE.

É difícil de perceber a quantidade de problemas com que a juventude se depara actualmente. Penso que, muito desses problemas, derivam do facto de a sociedade ser tão individualista, tão “egoísta”. Vejo o caso dos meus filhos e a necessidade que eu e a minha esposa tivemos de os proteger. De passarmos tempo com eles e acompanhá-los - a ideia de haver sempre alguém a recebê-los - e penso que isto é muito importante.

Mariana: Em Portugal, evidentemente, temos também muitas situações e problemáticas similares.

....

Mariana: Qual é o seu propósito/objectivo quando projecta uma prisão...tratamento...punição?

Martin: Nenhum dos dois. Antes fazer ambientes a habitar.

Mariana: Que tipo de dispositivos procura implementar e garantir quando projecta uma prisão?

Martin: Habitar e segurança. São as duas faces da mesma moeda. Por isso nenhuma se sobrepõe.

Mariana: Que tipo de materiais utiliza normalmente? E quais foram usados na remodelação de Arnhem?

Como era a estrutura primitiva em Arnhem?

Martin: No passado foi utilizado tijolo e ferro. Aquando da intervenção utilizamos tijolo e alumínio pois, parece igual, mas nota-se a nossa intervenção sem se confundir com o passado.

Mariana: Quais são as formas/configurações seguidas, actualmente, em projectos de prisões? Novas formas ou variações sobre a geometria do panóptico?

Martin: São variações do panóptico de Bentham.

Alguns dos novos projectos, dependem das novas tecnologias de vigilância. Mas podem obter-se novos tipos de plantas e tipologias, consoante a população a habitá-los.

Mariana: No que coloca particular atenção, quando projecta?

Martin: Que os edifício e projecto respeitem a luz e a capacidade de orientação/referências, expresso no lema: “SEE AND BE SEEN”.

Mariana: Quais são os seus receios, enquanto projectista?

Martin: Que o edifício não cumpra a sua função. Que o edifício não esteja apto a cumprir a função para a qual foi programado (habitat e segurança) ou ainda que, o discurso/método transmitido pelas outras disciplinas, que intervêm num projecto, ainda não estejam bem estabilizadas. Nessa situação, acontece termos de fazer o projecto, tendo logo em vista “backup plans”.

Mariana: O que considera ser prioritário?

Martin: A segurança de todos os intervenientes. Mas também, a participação de todos e a identificação com o habitat.

Mariana: Que tipo de regulamento segue, respeitante ao tamanho das celas, pátios, áreas de grupo?

Martin: Os regulamentos holandeses maioritariamente. As celas têm entre 8m² e 10m². Temos grande atenção aos planos de evacuação contra incêndios, a medidas anti suicídio e antecâmaras.

Mariana: Como entende os espaços multiusos?

Martin: São espaços muito importantes. Se o tipo de reclusos, a habitar esse espaço o permitir, procuro ter esses espaço multiusos logo integrados no projecto.

Isso favorece a personalização do espaço e o uso desse espaço conforme o grupo o deseja. Em termos das formas de ocupação também. Claro que não podem ser em demasia, mas entendendo-os como necessários e benéficos.

Mariana: Que atenção tem à orientação solar, ao projectar uma prisão?

Martin: Como a luz é muito importante para mim, é óbvio que gostaria de dizer que as celas ficariam viradas a sul. O que posso dizer é que evito colocá-las a norte e que o projecto e a forma como configuro os ângulos, num edifício, procuram fachadas viradas a sudoeste ou sudeste e, não tanto, com os ângulos a 90 graus que limitam essa orientação. Assim minimizo o problema.

Mariana: Que atenção tem à temperatura ambiente, isolamentos e conforto , ao projectar uma prisão?

Martin: Procuo a optimização da estrutura, usando com frequência novas técnicas, mais ecológicas de ventilação e aquecimento do edifício. Uso também terraços verdes, bem como procuro dotar o edifício de bons isolamentos térmicos e acústicos.

Mariana: E relativamente ao uso da cor?

Martin: Procuo conjugar a cor – suave – com outras de significados sinaléticos, com os diferentes materiais e luz.

Mariana: E quanto ao efeito da estereotomia/acabamentos dos materiais?

Martin: Relativamente à estereotomia procuro ter em atenção, não só o alinhamento dos materiais, mas o jogo que os diferentes materiais e estruturas têm/podem ter.

Mariana: Dá muita importância aos pormenores?

Martin: Enquanto situações fora da estrutura, não. Coloco por exemplo ninhos para andorinhas nos edifícios, penso que é interessante. Também tenho em atenção ao jogo dos pavimentos ou das janelas. Mas deixo espaço no projecto para que os reclusos possam dotar o espaço de referências suas. Por exemplo, numa prisão que concluímos agora, foi feito um trabalho realizado por eles, decorativo e artístico, que é deles! e visa deixar para a posteridade o trabalho dos reclusos que já lá viveram.

Mariana: Como concebe o mobiliário?

Martin: Por vezes faz parte do projecto.

Mariana: No seu entender, a quantidade e a qualidade da luz e a localização de uma cela, são meios de “exercitar o poder” sobre um recluso? Deverão ser entendidos como privilégios?

Martin: Não. Primeiro, não cabe à arquitectura fazê-lo, embora possa tornar-se veículo. Mas não é minha intenção, pelo contrário, pretendo é encontrar as condições para que o recluso cumpra a sua pena, mas com dignidade. Uma coisa são direitos outra são privilégios, confundir ambas leva inequivocamente a tensões.

Mariana: Do mesmo modo, entende que factores ambientais como temperatura ambiente ou grau de humidade, possam ser usados como modo de garantir e efectivar autoridade e poder, sobre o reclusos?

Martin: não. Penso, igualmente, que não.

Mariana: Prefere o uso de materiais e suas formas associados a um ‘background’ cultural ou procura criar novos significados num objecto, tendo em vista o respeito pela sua função?

Martin: Prefiro desligar-me de certos materiais e formas culturalmente ligadas a uma função.

Mariana: Neste sentido, usa a Rede/Grelha quadriculada e barras na vedação ou prefere outros materiais, com o mesmo efeito, sem o estigma/simbolismo associado?

Martin: Por vezes coloco grades e barras porque é uma comunicação mais directa e objectiva colocá-las – é inequívoco – mas, outras vezes, prefiro o uso de vidro resistente. Transforma logo o uso e o significado, embora mantenha a função.

Mariana: Procura o ‘feedback’ posterior dos reclusos?

Martin: Sim. No caso de Arnhem, muitos dos reclusos preferem esse edifício a outros mais modernos, pelo espaço e visibilidade que tem.

Mariana: Quais são as recomendações e regulamentos no contexto europeu?

Martin: São sobretudo no domínio da prevenção de fogos. São regulamentos muito restritos.

V PARTE. DESCRIÇÃO DA VISITA À PRISÃO DE ARNHEM.

16:32H – Entrada no edifício da recepção. Existem duas entradas distintas. Uma para os visitantes e outra para os funcionários. Dirigimo-nos para a entrada

respeitante aos funcionários. Foi feita a apresentação dos documentos de identificação. Os objectos pessoais foram colocados em cacifos.

Ao pedido feito à Direcção do Estabelecimento de se usarem recursos de gravação audiovisuais ou máquina fotográfica, o mesmo foi negado.

Passamos pelo detector de metais.

Espera, no espaço contíguo, pelos responsáveis da prisão.

16:44H – Percorremos um grande corredor que nos levou até ao guarda prisional e ao edifício da cozinha e outra, uma sala de equipamentos.

1. Cruzámos uma passagem e entrámos no piso 0, da dome. Dirigimo-nos ao centro onde, anteriormente, existia o panóptico. Esse panóptico está agora deslocado para um dos extremos da dome – por motivos de segurança e bem-estar dos responsáveis pela vigilância.

Assistimos às 17H, ao movimento dos reclusos, nos diferentes pisos (4), a cruzarem o edifício e a percorrerem-no, nos diferentes níveis nos respectivos corredores. O barulho e eco – ressonância dos materiais – é muito forte. É uma área de dimensões muito significativas.

Na Dome de Arnhem, actualmente, existem mais celas (13x4 segmentos) x (4 pisos) que no passado – 2 celas, retiradas para o panóptico que já não se localiza ao centro da rotunda, o que perfaz 206 celas, no total. Tal foi possível por terem sido retiradas funções da dome que estão, actualmente, fora desse edifício.

Antes existiam 75% de celas e 35% de “*living area*” na dome, hoje é 100% celas e outras funções adjacentes.

2. Passámos junto ao novo panóptico, do lado de “*exterior*”. Saímos da dome – arena – conhecendo o resto edifício. Entrámos na sala de vigilância, com cozinha e IS, adjacente.

Do que nos foi observável da Dome, a intervenção do arquitecto foi pautada pela alteração das dimensões das portas/aduelas da prisão e pela requalificação de todas as calhas técnicas e corettes. Foram igualmente alteradas e subidas as cota de todas as guardas (corrimões), de modo a aumentar a segurança. Foi colocado um elevador para os guardas prisionais se poderem melhor deslocar. Foi, também, alterado o pavimento da arena, com um *epoxy* trabalhado por um artista que colocou uma poesia e uma ilustração, só completamente perceptível visto do alto.

O vidro no novo panóptico foi aqui, por opção da administração, reflector e fumado, de modo a evitar a exposição dos que trabalham no seu interior.

Existiu a intenção, por parte dos projectistas, de aumentar as dimensões de uma significativa percentagem das janelas das celas mas, devido ao valor que essa intervenção comportava, o mesmo foi abandonado.

3. Voltámos de novo à Dome, cruzámo-la noutra direcção (oposta relativamente ao local onde estávamos). Posteriormente, subimos umas escadas de pedra negra, oriunda da Bélgica – também presente noutros detalhes estruturais do edifício – que nos levou ao piso 1.

Essa zona do edifício que acolhe agora a biblioteca foi, anteriormente, a área reservada às mulheres, visto que a prisão tinha duas secções distintas. A cozinha e um pátio eram igualmente, nesse zona feminina da prisão pois era onde se faziam esse tipo de preparativo.

4. Saímos por breves instantes ao exterior da prisão. Deste modo, pois possível vemos os campos de futebol e as zonas dedicadas às actividades físicas. As intervenções efectuadas ao edifício da prisão forma vistas do exterior.

5. Regressámos ao interior da prisão e subimos ao piso 2, onde existe actualmente a sala de Culto e, nesse sótão, pequenos compartimentos de consulta, e gabinetes de acolhimento dos profissionais.

6. Atravessámos uma passagem que nos colocou de novo dentro do anel da Dome. Tivemos oportunidade de ver, nos diferentes níveis a dome/arena.. Podemos reparar nos pormenores da ventilação, que desde a origem constam do projecto. Foi também possível reparar nos contrafortes e “arcos botantes” que suportam a enorme cobertura. Sobre as vigas de ferro, é feita a descarga das forças, visíveis nas abóbadas na cobertura das celas.

7. Entrámos numa cela. Cada cela tinha +- 8m² e uma pequena janela. Apresenta um recanto com uma latrina e um lavatório, um móvel/estante e cama, uma mesa e uma cadeira.

8. Deslocámo-nos à actual cozinha, e passámos – em zona coberta – para o edifício da antiga capela, actualmente cumpre funções de ginásio de musculação e de polidesportivo.

9. Neste mesmo bloco, subimos ao piso 1 e perfizemos o corredor que diz respeito, exclusivamente, aos profissionais e que termina numa cafetaria. No seu cumprimento tem gabinetes e auditórios.

10. A sala de visita tem duas modalidades, uma colectiva, com minibar, e uma individualizada, organizada em gabinetes mais pequenos. O recluso entra na sala de visitas, na Holanda, sempre depois das visitas já instaladas e sai sempre depois delas abandonarem as instalações.

11. Descemos de elevador e fomos deixados na recepção onde podemos reaver os nossos objectos pessoais.

12. Não visitámos o bloco relativo à higiene dos reclusos, nem visitámos quaisquer áreas de trabalho, nem o interior da cozinha e as áreas de “facilities”. De

igual modo não fomos às áreas mais reservadas dos guardas – antiga zona de recepção e cavalaria – nem a qualquer zona de cumprimento de castigo.

TEXTO PARA MEMÓRIA FUTURA

Nos estabelecimentos Prisionais não foi permitido o uso de gravador ou máquina fotográfica, pelo que as conversas não puderam ser gravadas. Registam-se algumas situações úteis e julgadas pertinentes decorrentes das conversas e visitas tidas:

Nos Países Baixos – Holanda, os guardas prisionais e os auxiliares/vigilantes não estão autorizados a utilizar qualquer tipo de arma de defesa, dentro dos respectivos estabelecimentos (ex: cassetete, taizer, armas de fogo ou outras).

Qualquer medida de coacção ou de defesa deverá ser feita através de técnicas de defesa e imobilização pessoais, para esse efeito, de duas em duas semanas, os guardas prisionais e funcionários da prisão recebem formação específica.

Desde os anos 70, do século XX que os reclusos não são obrigados ao uso de uniforme nas prisões Holandesas, excepto em regime de “castigo” – aquando do uso da “solitária”, como forma de prevenir auto e hétero agressões.

Nas prisões Holandesas e (Belgas também) são servidas 3 refeições diárias: pequeno-almoço (8H), almoço/jantar (única refeição quente) e às 17H lanche/ceia.

Nas celas os reclusos estão autorizados a ter rádio ou televisor, mediante o aluguer do equipamento.

Visita à Belgica, Conversa II: Centrale Hulpgevangenis Leuven, a 23 de Abril de 2012

(duração da visita: 13:00H às 17:15H).

(Tradução Livre)

Mariana Carrolo

Willy de Belder, Hoofd Technisch Assistent

Willy de Berder, Especialista em Segurança Prisional (Security and safety) na Prisão Central de Leuven nos últimos 20 anos. Colabora com o Director Guido Verschueren.

Exerceu igualmente na Prisão de Saint-Gilles, Bruxelas, com o Exmo. Sr. Director Ralf Bas e nos Países Baixos, na prisão Bijlmerbajes, em Amesterdão.

Ordem de trabalhos da visita:

- 1) A maquete da prisão
- 2) Visita à prisão central de Leuven
- 3) Visita às oficinas de trabalho da prisão central de Leuven
- 4) Conversa sobre a Política e Projecto Prisional a decorrer na Prisão Central de Leuven

Após ser feita a inscrição na recepção da prisão (entrega do Bilhete de Identidade e fotografada) e deixados, em cacifo, todos os materiais (ex. computador, telemóvel, máquina fotográfica ou gravador) foi pedido que passasse pelo detector de metais e aguardasse na recepção por Willy de Belder.

Foram-nos entregues dois documentos:

Um Livro de Acolhimento (Folheto de acogida – Centrale Gevangenis Leuven), edição de 2004, em língua castelhana, com o manual e explicações relativas aos usos e procedimentos na prisão.

Um documento com duas páginas, em língua inglesa, intitulado: “The Central prison of Leuven in pursuit of a humanitarian penitentiary practice”¹, gentilmente cedido pelo Sr. Director Guido Verschueren, com a explicação histórica do edifício e do seu actual programa, regime e especificidades.

1) A maquete da prisão.

Feitas as apresentações, Willy de Belder sugeriu que a visita se iniciasse com a observação e compreensão dos corpos arquitectónicos da prisão e da sua organização em planta.

A prisão data de 1860 e é seguidora do modelo panóptico, embora com um desenho particular de Sistema Ducpétiaux (o que ocorre igualmente em Saint-Gilles e ainda em outros estabelecimentos belgas).

A planta da prisão de Leuven consiste, sinteticamente, num complexo formado por 5 ou 6 asas, unidas ao centro pela torre panóptica. A maioria das prisões belgas segue o modelo radial.

Desde 1860 a prisão de Leuven sofreu sucessivas renovações e acrescentos, mas segue, no geral, o uso do tijolo e do ferro, como elementos de estrutura e de revestimento do edifício. Tem pouco e muito pouco gradeamento e arame farpado, visível, ao longo da sua estrutura, embora aquele que exista todo ele é electrificado.

Os reclusos têm acesso a dispositivos de abertura de portas automáticas controlados por videovigilância na maioria dos corredores e secções da prisão, às quais têm acesso. As portas e zonas de acesso exclusivas aos guardas-prisionais têm

¹ O texto segue em anexo a esta Vista e Conversa na Centrale Gevangenis Leuven, com Willy de Belder, 23.04.12.

fechadura e chave (Willy de Belder era portador de um imenso chaveiro, com mais de 50 chaves e das quais tinha pleno conhecimento, sem etiqueta).

O panóptico mantém-se activo e em uso. A prisão tem uma torre central panóptica na qual convergem, 4 asas menores e 2 asas de maior comprimento. É um espaço hexagonal, bastante contíguo, onde dois guardas sentados visionam todo o perímetro prisional. O panóptico ocupa somente um nível, sobre-elevado, embora a prisão tenha 3 níveis/pisos.

Do panóptico conseguem ver-se todas as asas da prisão e em todos os seus níveis. A prisão distribui-se por 3 níveis acima da cota 0 embora existam níveis inferiores, relativos às antigas celas de punição, actualmente desactivadas.

A cobertura da prisão tem variadas clarabóias, ao longo das diferentes asas/alas, procurando a optimização da luz natural. As 4 asas menores fazem um ângulo de 90 graus entre si, sendo intersectadas pelas duas maiores, opostas entre si.

Uma das maiores asas/braços da prisão é ocupada com celas, tal qual as asas/alas menores.

A outra asa/ala maior é ocupada, actualmente, pelos reclusos de Saint-Gilles (no segundo piso) e pelos gabinetes dos profissionais (no terceiro piso). Esta ala aguarda ordem para entrar em renovação, de modo a acolher mais celas e suprir as actuais necessidades. Actualmente não tem função específica, apresenta celas e oficinas desactivadas. No seu extremo tem ligação à cozinha.

O exterior da prisão, nas zonas de intersecção das asas/braços são ocupadas pelos pátios e pelas oficinas de trabalho.

A área ocupada pelas oficinas destinadas ao trabalho é, surpreendentemente grande, tendo sido, na semana passada, inaugurada uma nova zona para trabalhos. O trabalho é em Leuven considerado obrigatório, salvo prescrição médica.

Ainda assim, alguns podem não o fazer.

A capacidade da prisão é de 350 reclusos, actualmente.

Encerra nas suas instalações 300 reclusos, em regime de alta-segurança (penas superiores a 10/15 anos e vão até 20/25 anos. A Bélgica tem Prisão Perpétua). As suas celas encontram-se nas 4 asas menores e numa maior.

Encerra nas suas instalações 50 reclusos, em regime preventivo destacados da prisão de Saint-Gilles, Bruxelas. Este acordo entre estabelecimentos prisionais ocorre devido à sobrelotação de prisões como a de Antuérpia e de Bruxelas, que chegam a ter 2, 3 e mesmo 4 reclusos por cela. Por esse motivo, e também pela organização administrativa prisional do país –regra geral, francófonos são detidos na valónia e flamengos na Flandres. A asa/ala maior onde se encontram estes reclusos é também onde estão, no terceiro piso, os gabinetes dos educadores e psicólogos que trabalham na prisão.

2) Visita à Prisão Central de Leuven

1. O aspecto geral, do exterior, da Prisão Central de Leuven é, à imagem de outras prisões da mesma época (1860), a de uma fortaleza, circundada por um imenso e denso e igualmente alto (9m de altura) muro (que do exterior não tem aberturas, nem visível do exterior qualquer gradeamento).

O perímetro da prisão de Leuven é guardado pelo muro e a sua estrutura do complexo prisional organiza-se através da justaposição de diferentes edifícios. Estes edifícios dizem respeito a diferentes funções e a diferentes usos e situam-se em torno do edifício e corpo principal da prisão – a torre panóptica com as suas seis asas/alas. A sua fachada principal, com um portão central, de grandes dimensões é ladeado por dois torreões, simétricos e dois corpos rectangulares, de três pisos (parte administrativa e casa do Director (a lei belga foi alterada, pelo que será a última vez que o Director irá residir na prisão). Este primeiro corpo é de forma rectangular.

2. A entrada dos reclusos, aquando do ingresso, pela primeira vez, na prisão de Leuven, faz-se através desse grande portão, ladeado pelos dois torrões, localizados na fachada principal. De igual modo, os visitantes e profissionais ingressam por uma porta lateral, situada igualmente na fachada principal.

Este primeiro momento, de acolhimento e chegada à prisão, compreende um conjunto de espaços que circundam e encerram um pátio (corpo como um rectângulo vazado ao centro).² Deste local, o recluso pode ser encaminhado, para um lado dos lados, onde são feitas as vistorias e onde o recluso é revisto e instruído dos procedimentos e burocracias da chegada. Daí para o interior do corpo principal panóptico há uma passagem, no interior do edifício que, tem um peso simbólico, por corresponder a uma passagem/corredor onde se localizam as celas disciplinares. Através dessa ligação o recluso vai dar ao grande corpo prisional central e panóptico e, daí, tem acesso directo para as asas/alas, local a partir do qual será encaminhado à sua cela.

Se, pelo contrário, o visitante seguir, pelo lado oposto ao primeiro, quando no pátio, encontrará um segundo corpo edificado e outro pátio no seu interior, adjacente ao primeiro, e de forma triangular.³ Esta zona diz respeito às salas “das visitas”, com os seus diferentes compartimentos e funções diversas (ex. quarto visita íntima; sala visita familiar; parlatório, cafetaria; sala de visitas das crianças) e secretaria. É pois o local de encontro entre os que vêm de fora e os que vêm de dentro.

Do “vértice” desse corpo triangular, nasce uma longa e estreita passagem de acesso ao “coração” Panóptico da prisão. Esta ligação conectada, como as asas/alas, à torre/zona panóptica central tem o propósito de ligar de modo directo, e sem interrupções, o percurso que vai da torre panóptica ao “edifício das visitas”.

² Os edifícios, enquanto corpos vazados no centro, com pátios no interior, permitem uma muito maior maximização da luz natural para os diferentes compartimentos e gabinetes que se localizam nestas áreas administrativas.

³ Ibidem.

3. O corpo central, com a torre panóptica, as duas asas/alas de maiores dimensões (comprimento) e as 4 de menores dimensões, correspondem à zona de residência e de permanência dos reclusos.

As asas/alas de menores dimensões têm capacidade para albergar 40 celas, ao longo de três pisos.

A asa/ala de maior dimensão tem capacidade para 80 reclusos.

As celas são dispostas, seguidas, ao longo do comprimento da asa/ala, e umas em frente às outras, mediadas por um corredor. Esse corredor, eixo entre as celas é iluminado com luz natural, através das clarabóias e uma forma importante de ventilação da estrutura.

Os corredores em frente às celas, têm corrimãos em ferro pintado. Não existe grande tensão cromática e as estereotomias são suaves. Cada asa/ala tem cores distintas, para se diferenciarem e pequenas particularidades que as distinguem – materiais ou soluções.

As portas das celas foram outrora em madeira, actualmente, são em metal.

. Cada ala dispõe dos seus próprios balneários.

. Cada cela, com 8m², e sem antecâmara (elemento nunca presente na prisão), para além do mobiliário (cama, armário, mesa, móvel e latrina com lavatório e 'espelho') tem uma janela, de pequenas dimensões, em vidro translucido e em forma de meia lua.

. As paredes interiores da prisão estão estucadas e pintadas de branco. Só do exterior da prisão e em áreas de acesso é mantido como revestimento das paredes o tijolo cru.

A segunda asa/ala maior, já referida, que alberga os reclusos da prisão de Saint-Gilles, tem capacidade para 50 reclusos, no segundo piso. No primeiro piso, esta ala está desocupada, bem como no terceiro piso, com os gabinetes dos profissionais. Ambos os pisos aguardam renovação. É todavia, a mais alterada das alas, tendo já sofrido, no passado, grandes alterações. Desde logo, não respeita a configuração e materiais das outras asas/alas, não tendo inclusivamente a zona vazada ao centro, clarabóias ou luz natural.

Em todo o edifício não existem áreas de refeitório nem salas comuns ou multiusos. Os reclusos tomam as refeições nas celas. Devido ao regime excepcional da prisão, os reclusos ocupam a zona central/corredor das asas/alas como área comum, podendo deter-se a conversar nelas. De igual modo, os reclusos podem, diariamente e no mínimo, durante duas horas, ocupar em grupo os pátios exteriores.

As oficinas localizam-no no exterior deste edifício corpo-central, bem como as áreas administrativas e de visitas (e visitas íntimas e familiares).

ACOLHIMENTO PRESTADO NUMA PRISÃO DE ALTA-SEGURANÇA:

1. **A língua** falada na prisão é o flamengo, sendo que é tolerado o uso de outras línguas, entre reclusos. Na ala cedida à prisão de Saint-Gilles, o francês é comum.

2. **As refeições** diárias são servidas em 3 momentos aos reclusos. O pequeno-almoço, o almoço (tudo refeições frias) e o jantar, às 17H (única refeição quente).

3. Como rotina **existem chamadas**, para contagem dos reclusos, através do toque de um sino.

4. Os reclusos são **tratados pelo nome**, sendo o seu número usado meramente com carácter processual e administrativo.

5. O uso de **uniforme foi suspenso**. Os reclusos podem utilizar a sua roupa normal, do dia-a-dia.

6. Os reclusos têm **direito a visitas**, sem marcação, dos seus familiares directos, duas vezes por semana e ao fim de semana. A visita de crianças, pode fazer-se acompanhada pela mãe e têm auxiliares educativos e animadores, às quartas feiras à tarde e aos sábados de manhã.

7. O ambiente está adequado para crianças. O recluso tem ainda direito, após os primeiros 6 meses de reclusão, a uma visita íntima, com o seu parceiro conjugal, de 15 em 15 dias (o quarto dispõe de cama, mesas de cabeceira, cadeira, mesa e wc completo). Actualmente, tem também direito 1 vez por mês a uma visita familiar. Para tal, foi criada, recentemente, uma sala com ambiente íntimo, semelhante ao de um lar onde durante duas horas o recluso pode estar com a sua família, de forma privada (ex. tem sofás, lareira, consola e televisor, jogos e mesa de refeições com seis cadeiras).

As visitas regulares podem fazer-se de dois modos:

1. Na presença dos advogados, os encontros podem ocorrer em sistema de 'parlatório', mediados por um vidro.

2. Com os familiares, existe uma sala, com 35 a 40m² e pelo menos 15 mesas com 4 cadeiras cada, junto de uma cafetaria. Os reclusos e os seus familiares estão em grupo, sem segregação.

Aquando do ingresso na recepção os familiares dos reclusos podem trocar dinheiro por fichas, com as quais podem adquirir bebidas e comida na cafetaria.

8. O **consumo de bebidas e alimentos** é feito através de máquinas dispostas pelo edifício.

9. Os reclusos têm acesso a dois tipos de **celebração religiosa**, católica e muçulmana, no 2/3 piso da prisão. As salas são absidais e situam-se na ligação do piso superior do panóptico, no espaço que sobra entre a ligação das asas/alas e o panóptico.

10. Os reclusos não podem fazer **uso de telemóvel** e podem utilizar as cabines dispersas pelo edifício.

11. Os reclusos podem solicitar o **uso de computador**, desde que não ligado à internet.

CELA

12. Os reclusos têm **uma chave da sua cela**. Quando vão praticar uma qualquer actividade ou trabalhar, podem trancar a sua cela. Os guardas, só ao fim do dia procederão ao fecho das portas da cela e da asa/ala.

13. A **cela é considerada um espaço privado**. O recluso pode considerá-la um espaço seu e personalizá-lo. As mudanças e alternâncias de reclusos e celas é muito pontual.

14. Na sua cela podem ter televisão e rádio, mediante aluguer. Tachos e painéis e um pequeno fogão eléctrico. Fotografias em número ilimitado, posters e objectos livres de higiene pessoal. Na cela em que nos foi consentida a entrada (com a licença do recluso) para além do mobiliário habitual (cama, mesa, móvel, cadeira) o recluso tinha um edredão com capa do próprio.

GUARDAS E CONFLITOS:

15. Os **guardas não podem recorrer ao uso de armas** dentro das instalações prisionais (nem cacete, nem arma de fogo, nem taezer), sendo unicamente utilizada a força física e processos de imobilização dos reclusos.

16. Cada asa/ala é **vigiada por 4/5 guardas que se encontram num gabinete dentro da ala**. Os extremos das asas/alas são limitados, um dos lados por uma parede e o outro, que lhe é oposto, pelo panóptico que coordena a vigilância de todas as alas e a videovigilância. Os guardas prisionais de cada ala comunicam, ao chefe dos guardas, que por sua vez remete a informação ao ajudante. Este último, transmite a informação aos Directores e daí ao Director Geral (principal).

17. A maioria dos **conflitos ocorre entre os reclusos** – que são ainda assim ocorrências muito baixa – e tem punição através de encarceramento em celas disciplinares. Willy de Belder mencionou o caso de 3 a 5 punições por trimestre.

18. Os **conflitos ocorridos entre reclusos e guardas prisionais** são punidos com “deportação” para outra prisão. Pelo facto de os reclusos conhecerem as regras, e saberem que estão num regime de alta-segurança e saberem as condições, excepcionais que Leuven oferece e por não quererem ser transferidos, evitam sobremaneira esse tipo de conflitos.

19. Os **reclusos podem comunicar com os guardas prisionais** ou dirigir directamente os seus pedidos ao superiores.

3) Visita às oficinas de trabalho da prisão central de Leuven

As oficinas acolhem, em permanência durante o período diurno, a grande maioria dos reclusos, a trabalhar. Existem, neste momento, três grandes núcleos distintos de oficinas e, conjuntamente, ocupam uma extraordinária área da prisão. Todas elas estão adequadamente equipadas e modernizadas.

Os reclusos podem obter formação e trabalhar dentro das seguintes áreas:

- a) Carpintaria – fabricam as cadeiras, em madeiras, utilizadas em todos os estabelecimentos prisionais do país.
- b) Isolamentos de piscinas e terrenos – grandes rolos de isolamento de usos variados.
- c) Fabrico de Caixas próprias para concertos e eventos artísticos, de cor preta e de grandes dimensões.
- d) Cabos eléctricos.
- e) Caixas de electricidade.
- f) Fabrico de autocolantes e sinaléticas.
- g) Jogos de madeira e quebra-cabeças infantis.
- h) Produção de medalhas e condecorações do Estado Belga.
- i) Produção de cartões de fidelização de clientes de supermercado.
- j) Encadernação de livros e cadernos antigos – através de colagem de capa e cosedura.
- k) Produção e encaixe de calhas técnicas.
- l) Construção de paredes e edifícios.

Cada núcleo oficial tem a trabalhar, entre 2 e 5 reclusos, sendo que existe mais do que um núcleo em algumas das actividades. Existe videovigilância nos espaços e as actividades são acompanhadas de dois guardas prisionais, por sala. A estes guardas prisionais cabe a supervisão de um número superior a 15 reclusos.

Todos os materiais necessários à realização dos trabalhos encontram-se disponíveis nas oficinas, oferecidos sem limitação – serras, martelos, limas, agulhas, etc.

A remuneração dos reclusos, pelo seu trabalho pode ser feita de duas formas:

- . por pagamento diário/ 1 euro por hora.
- . à peça/ por unidade.

O horário de trabalho nas oficinas começa às 7:30H, tem uma pausa das 11:30H às 12:30H e os trabalhos são retomados entre as 12:30 e às 15:30.

Os reclusos podem dirigir-se ao seu local de trabalho, individualmente ou em grupo, desde as suas celas até às oficinas. Nas oficinas, os reclusos desenvolvem trabalhos individualmente ou em grupo. Enquanto desempenham as tarefas podem

escutar música. Durante todo o tempo de trabalho, os reclusos estão acompanhados pelos dois guardas prisionais que vigiam e coordenam as actividades. Durante parte do tempo, os guardas prisionais fazem-no de forma não directiva, acompanhando somente o regular decurso das actividades, junto dos reclusos ou nos seus gabinetes.

O feedback dos reclusos sobre o trabalho que desenvolvem é muito positivo. Os reclusos mostram grande agrado pelas novas instalações que lhes foram providenciadas para trabalho, pela prisão.

A prisão tem diferentes acordos com empresas e firmas que contratualizam os seus serviços. Não existe qualquer retorno financeiro destes trabalhos realizados na prisão, para a própria prisão. Ainda assim, é motivo de especial atenção desta Direcção e dos Profissionais, na definição do programa e do projecto prisional em Leuven, valorizar-se o trabalho, enquanto elemento dignificador do sujeito, pela promoção e aquisição de hábitos salutareos e pela aprendizagem de um ofício. Esta aposta que vai de encontro ao lema seguido pela prisão de procurar que o dia-a-dia do recluso seja o “mais normal possível”, no sentido de se assemelhar, ao máximo, ao que o recluso poderia encontrar no exterior.

II PARTE

4) Conversa sobre a política e projecto prisional a decorrer na Prisão Central de Leuven

A prisão central de Leuven é uma prisão masculina de alta-segurança, para cumprimento de penas superiores a 10/15 anos. Os crimes associados aos reclusos neste estabelecimento são, entre outros, os de homicídios, os crimes sexuais e os roubos violentos.

A convivência entre os reclusos é regra geral pacífica. Os reclusos que cometeram crimes sexuais são, geralmente, os considerados “mais abaixo” numa hierarquia prisional e é sobre estes reclusos que existe uma maior tensão e maior ocorrência de conflitos.

O **projecto e programa** desenvolvido nesta prisão é de excepção em toda a Bélgica. Iniciou-se à mais de 30 anos e desde à 20 anos que os reclusos podem “circular livremente dentro dela”.

O objectivo principal da prisão, para além do cumprimento da pena, a que o recluso foi sentenciado, diz respeito à tentativa, em absoluto, de manter a sua dignidade, mantida através daquilo que a Direcção entende serem políticas e programas “mais humanos”. Isto é, procurar que o recluso viva, intramuros, da forma mais normal e próxima ao que seria o seu quotidiano no exterior da prisão, de modo a que, aquando do cumprimento da pena, a adaptação ao meio exterior se faça com o mínimo de trauma e stress, para o recluso.

Para tal, todo o edifício procura dar aso à personalização dos reclusos, nos seus domínios privados e permitir-lhes de forma ampla a sociabilização, quer entre pares, quer com os guardas, que os acompanham durante variadíssimos anos e os conhecem e com eles falam, muito embora esta prisão seja uma representante, muito significativa, do panóptico do século XIX.

A política de admissão dos guardas prisionais é, por isso, também em si particular. Nem todos os guardas prisionais se adaptam às regras da casa ou concordam com as políticas aplicadas, destituídos de argumentos que muitos entendem ser da sua autoridade. Sem poderem fazer uso de quaisquer armas (legislação belga, em todo o país) e de uniforme, os guardas prisionais procuram mediar as situações mas, interferir o menos possível no quotidiano e rotinas dos reclusos.

Aquando da nossa visita às instalações, a grande maioria dos reclusos com que nos cruzámos cumprimentou, oralmente, Willy de Belder e a mim própria e, com frequência, com um aperto de mão o profissional.

Do ponto de vista da arquitectura, a prisão de Leuven apresenta muito poucas grades e barras, nenhuma porta de correr (tipo gradão), seccionando de forma abrupta quaisquer alas ou secções. De igual modo, os óculos nas celas não são com frequência utilizados.

O arame farpado e o gradeamento, no exterior é discreto e inexistente no interior dos edifícios prisionais.

Do ponto de vista dos procedimentos existe a procura de que, diz Willy de Belder: "(...) Que quando olham o edifício pensem que podem fugir, escapar. Mas na realidade não podem. Mas achamos salutar a perspectiva de poderem pensar que sim, de se sentirem livres. Pensamos que é muito importante isso."

Na verdade, diz De Belder: "Só temos conhecimento de uma fuga e foi há mais de 30 anos. (...) Não tememos esse tipo de tentativas, eles sabem o que os espera depois e isso quer dizer ser mudados para outra prisão. Isso eles não querem".

Por variadas vezes, De Berg repete que "aqui procuramos ser humanos. É uma prisão muito humana, respeita muito o outro", ou "trabalhei noutras prisões e a minha especialidade é segurança (security and safety) e gosto de trabalhar aqui. Também há quem não se adapte, quem não goste. Mas eu prefiro um sistema em que se respeite os reclusos. Sabe, ao fim de algum tempo conhecemo-los bem, são muitos anos. Da minha experiência segurança e humanidade não são incompatíveis aliás, uma coisa nada tem que ver com a outra." Insiste que o objectivo do cumprimento da pena não diz respeito a qualquer forma de desapropriação do recluso, da sua identidade. Refere também que, conceitos como direito e privilégio não são termos usados. Prefere referir-se como "normal" quando trata de usos e de possibilidades tomadas como excepcionais noutros estabelecimentos.

Relativamente à faixa etária da população que actualmente vive intramuros, De Belder indica que, “há 20 anos, a faixa etária dos reclusos que ocupava a prisão rondava os 40, 50 anos. Actualmente a média ronda os 25, com predominância de ocupação por imigrantes e comunidades étnicas.” Diz também que, “os homicidas não têm uma grande taxa de reincidência mas que outros crimes sim, é bastante alta.”

Quando falamos das relações dentro das prisões, De Belder mostra grande satisfação e orgulho na “capacidade de comunicação que existe na prisão e no reconhecimento dos reclusos do trabalho feito pelos guardas e profissionais, na procura de soluções e satisfação das suas necessidades”. De igual modo, mostra-se satisfeito pelo “pouco frequente uso das celas disciplinares e do uso de castigos, dizendo-nos que o mesmo ocorre devido à minimização dos stressores, resultantes do espaço e da privação da liberdade e autonomia. Que sem esse tipo de tensões é muito mais fácil o relacionamento entre as diferentes partes.” Salienta ainda o que entende ser positivo que é, a disponibilidade dos cargos administrativos e de direcção em comunicar com os reclusos. Sobre isto refere que, “quanto mais altos na hierarquia, mais atentos e disponíveis estão”. De Belder conta que, até à nova legislação e por esse motivo, o director residia numa habitação, com a sua família dentro do perímetro da prisão, de modo a poder estar 24h disponível para qualquer emergência.

No caso belga, a hierarquia dos guardas prisionais depende, em absoluto, do Director, que não tendo autonomia – rege-se pelo Ministério – delibera e define um programa, ao qual os guardas lhe estão obrigados.

Quando lhe foi perguntado se, caso fosse pedido aos reclusos de Leuven, que representassem o espaço em que habitam, se seriam capazes de o fazer, De Belder disse pensar que a maior fosse capaz dessa representação. Defende que, a maioria, porque circula com grande liberdade, em todo o espaço prisional, tem uma percepção relativamente próxima dos edifícios e da realidade da prisão.

Síntese da visita à Bélgica, Conversa III: Saint-Gilles Prison, Bruxelas, a 27 de Abril de 2012 (duração da visita: 10:00H às 16:45H).

(Tradução Livre)

Mariana Carrolo

Ralf Bas e Ivo, Hoofd Technisch Assistent foi o técnico que orientou a visita, sem recurso a sistemas de gravação áudio-visuais.

Ordem de trabalhos:

I PARTE

- 1) Recepção
- 2) Conversa com o Director do Estabelecimento Prisional.

II PARTE

- 3) Visita ao exterior da prisão.
- 4) Almoço na Cantina da prisão.
- 5) Périplo no interior da prisão:
 - . O Panóptico;
 - . O controlo;
 - . As diferentes alas;
 - . A ala: “Pre-fab”
 - . As alas de maior segurança.
 - . A cela.
 - . Os diferentes pátios.
 - . O piso -1,
 - . A cantina;
 - . Zonas dedicadas ao culto;
 - . As zonas de visita;
 - . As zonas de visita íntima e familiar;
 - . O hospital;
 - . As celas de Castigo/Isolamento;
 - . O acesso à prisão “De La Fôrret”;

Visita IV: Estabelecimento Prisional de Coimbra, a 02 de Agosto de 2012 (duração da visita: 11:30H às 17:30H).

A visita ao Estabelecimento Prisional de Coimbra (EPC) foi autorizada pelo Exmo. Sr. Director Geral dos Serviços Prisionais, Dr. Rui Sá Gomes e com o apoio do Exmo. Sr. Director do Estabelecimento Prisional de Coimbra, Dr. José António Lemos da Silva.

O acompanhamento da visita foi feito pelo Dr. Jorge Oliveira, responsável pela Gestão de Meios no EPC e, no interior do EPC fomos, ainda, acompanhados pelo Guarda Prisional, Sr. Castro.

A visita contou com a autorização do Exmo. Sr. Director do Estabelecimento Prisional de Coimbra, Dr. José António Lemos da Silva, para a captação de fotografias. A visita foi feita sem recurso a gravadores audiovisuais.



Fig. 01 – Fotografia da Vista área do EPC. ©Google Earth, 2006.

Ordem de trabalhos da visita:

I PARTE

- 1) Apresentação e objectivo do trabalho

II PARTE

- 2) Visita à Antiga Casa do Director
- 3) Visita com explicações ao interior do Edifício Prisional
- 4) Visita com explicações aos edifícios adjacentes ao Edifício Prisional
- 5) Visita com explicações às Oficinas de trabalho do EPC
- 6) O percurso contou com uma visita ao interior do corpo prisional principal e ao seu exterior, com os edifícios adjacentes. Exceptuou-se a visita aos terrenos agrícolas e área circundante.
- 7) **INTRODUÇÃO**

O edifício do Estabelecimento Prisional de Coimbra (1889 – 2012) localiza-se no Antigo Colégio da Nossa Senhora da Conceição da Ordem de Cristo, na zona de maior expansão da cidade oitocentista de Coimbra – o bairro de Santa Cruz. A implantação do Estabelecimento Prisional acompanha a pendente do terreno, com pisos e cotas diferenciadas, numa orientação nordeste-sudoeste (eixo principal). A entrada principal do complexo prisional localiza-se no extremo sudoeste (Antigo Colégio de Sant’Ana). Todo o perímetro do complexo é cintado por uma estrutura muralhada.

A construção do edifício decorre entre 1876 e 1901, e segue, com as respectivas adaptações, um projecto-tipo de penitenciária distrital, elaborado pelo Engenheiro Ricardo Júlio Ferraz (que também colabora no projecto do EPL): “Concebido como projecto penitenciário distrital e comarcão, o complexo edificado em Coimbra não

chegou a absorver a cadeia civil local que funcionava desde meados do século XIX no antigo celeiro do Mosteiro de Santa Cruz” (Cf. Rede do Conhecimento da Justiça, Ministério da Justiça).

Em 1888, o Governo promove as necessárias adaptações no edifício e este passa a funcionar como penitenciária nacional, servindo os distritos Norte do país. Os primeiros reclusos dão entrada, no estabelecimento, em 1901.

Em planta, o complexo tem demarcado as respectivas funções: Acesso e Casa do Director (1); corpo prisional e pátios/campos desportivos (2), Oficinas (3) – como uma pequena subdivisória relativa a doca de carga/descarga e loja de exposição dos artigos produzidos no EPC – Terreno Agrícola/Lavandaria e Estabelecimento Prisional Regional de Coimbra.

A fachada principal do edifício prisional é modesta. Ao contrário dos demais Estabelecimentos Prisionais visitados este não tem frente de rua, pelo que a cintura murada se torna determinante no conjunto. O muro limita toda a propriedade e medeia a ligação com o exterior. A altura do muro é menor que os habituais 9m de sendo que, em grande parte do seu perímetro, é encimado por ameias e merlões.

A pausa a esse limite murado faz-se a Sudoeste, pelo portão de acesso principal, em ferro forjado. É um portão de dimensões moderadas e com pouco impacto no lugar. Esse portão dá entrada num pátio para o qual faz frontaria o Edifício da antiga Casa do Director. A entrada é comum aos administrativos, aos guardas prisionais, aos visitantes e também aos reclusos. Sem elementos simbólicos e identificativos, a fachada principal é discreta e sóbria, num corpo elegante e pouco denso. Como nos outros edifícios prisionais portugueses (EPL/EPS) com influências da tipologia Belga, a entrada no interior do Estabelecimento Prisional faz-se pela zona central da fachada. Esta entrada marca a distância, mais curta, para o recluso se deslocar, ficando, ainda assim, assinalado o eixo de poder.

“O carácter frio e compacto do edifício central e pontualmente quebrado, em aberturas, cantarias, ameias e coroamentos, por módulos decorativos de inspiração neo-gótica. Esse vínculo de matriz predominantemente ornamental vai ganhando força e razão a medida que o ferro fundido se vai mostrando, ao jeito de Viollet-le-Duc, sobretudo no interior, e culmina em epifania no desenho do Panóptico-Capela suspenso, obra grande, para o contexto português, desse compromisso oitocentista entre a indústria e o artefacto” (Cf. Arqt.º José António Bandeirinhas, Publicação nº10 da Revista Património – Estudos do IPPAR).

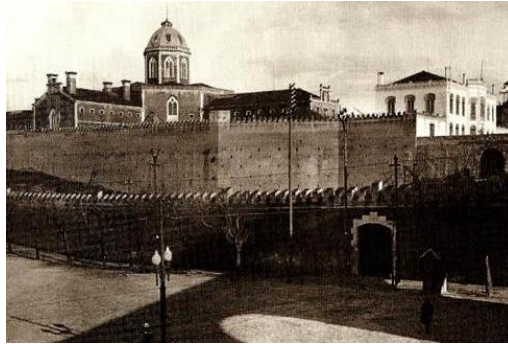


Fig. 02 – Fotografia do EPC, 1885 – Rede do Conhecimento da Justiça, Ministério da Justiça.

I PARTE (Apresentação e objectivo do trabalho)

Na primeira parte da visita, houve a apresentação do projecto do EPC e dos objectivos da pesquisa do Dr. Jorge Oliveira e fomos recebidos pelo Director do EPC, Dr. José Lemos da Silva. Nesse encontro foi estabelecida a ordem de trabalhos da visita e o percurso, com as zonas a visitar e por que ordem, de modo a evitarem-se conflitos no interior da prisão, nas horas de maior afluência e circulação interna dos reclusos. Foi solicitado ao Sr. Castro que nos acompanhasse ao longo dos percursos, acompanhando-nos de uma explicação histórica e da sua experiência pessoal, desde 1982, no EPC.

II PARTE

ENTRADA – 1º momento: Antiga Casa do Director

A Antiga Casa do Director, é um corpo principal, simétrico e de planta rectangular, autónoma do edifício prisão. A Casa do Director acolhia o Director da Prisão que residia no estabelecimento e que hoje, diz respeito ao Bloco de Administrativos e Chefe dos Guardas.

Este corpo é, composto por dois blocos com dois pisos e, ao meio, é atravessado por uma passagem para peões e carros celulares. O acesso ainda se mantém por essa passagem onde se localiza a zona de recepção e de identificação dos visitantes e a sala dos cacifos e de controlo. No topo, este edifício é rematado por ameias e por merlões. Um dos blocos do corpo é limitado, no extremo, por um pequeno jardim/pátio utilizado pelos guardas e administrativos. Neste conjunto de blocos localizam-se as salas dos funcionários que têm vindo a sofrer reformulações, oferecendo, actualmente, um bar e salas-de-estar (onde adoptaram cores quentes que retiram ao ambiente a sua carga formal e simbólica habitual e lhe conferem maior conforto e proximidade). “Na Casa do Director, contígua aos serviços administrativos e

casa dos guardas, funcionou entre 1918-1928 o Tribunal da Relação de Coimbra e o Instituto de Criminologia de Coimbra” (*in Rede do Conhecimento da Justiça, Ministério da Justiça*).



Fig. 03, 04 – Alçado Principal do actual EPC “Cadeia Penitenciária de Coimbra”, edifício correspondente à Recepção e Antiga Casa do Director; Alçado Tardoz do edifício correspondente à Recepção e Antiga Casa do Director.

~

ENTRADA – 2º momento: Átrio de acesso principal ao Edifício prisional do EPC

Do ponto de vista aéreo este corpo, destacado dos demais, constitui o primeiro momento aquando da chegada ao conjunto prisional. Enquanto corpo, não apresenta contacto coberto com os outros edifícios, circundantes. Porém, do ponto de vista da análise da fachada este edifício, embora saliente e principal, cria um continuum com outros dois corpos, quadrangulares e de menores proporções (só um piso), que se alinham em banda relativamente ao primeiro, a Antiga Casa do Director e mantem também, com o alçado do Edifício Prisional, uma composição que repete o alinhamento (planta em estrela de quatro pontas com comprimentos diferentes que se intersectam ao centro num octógono encimado por cúpula com lanternim).

A antiga ala psiquiátrica, na vertente mais a Este, diz respeito aos dois corpos quadrangulares. Correspondeu também, no passado, à ala feminina e é, actualmente, a camarata dos guardas-prisionais. Opondo-se-lhe, simetricamente, fica o Antigo Estabelecimento Prisional Regional de Coimbra, deslocado posteriormente, no final da década de 70, ainda dentro do perímetro do EPM, para fora da primeira cerca/muro, do Estabelecimento. Esta zona de baixo suporta, actualmente, a Lavandaria, a Horta, as antigas Cavalariças e o Estabelecimento Prisional Regional (também este actualmente desactivado, mas com planos de reactivação). Esta zona comunica com a “zona alta” da prisão, através de passagens e túneis subterrâneos ou não visíveis, que cruzam e interligam toda a estrutura do complexo prisional. No passado, este terreno

agrícola, ainda extenso, que tinha produção agrícola própria, a par das oficinas, visava uma auto-sustentabilidade do complexo do Estabelecimento Prisional.



Fig. 05, 06, 07 – Entrada do Ex-Estabelecimento Prisional de Coimbra (actual sala de visitas). Alçado Principal do Edifício Prisional. Edifício relativo à antiga ala feminina do EPC; Ala Psiquiátrica e actualmente Camarata dos Guardas Prisionais.

EDIFÍCIOS AUXILIARES ADJACENTES – Ex-Estabelecimento Prisional Regional de Coimbra; Cozinha e Refeitório

Organizados em gaveto entre os Edifícios térreos de planta quadrangular e ao longo da Ala A (de acesso e principal) do Edifício Prisional, encontram-se dois conjuntos de edifícios: o Refeitório e Cozinha (do lado Ocidental) e, do lado oposto, as Camaratas dos Reclusos Externos. Ambos os conjuntos necessitam, nas suas valências de novas intervenções, pelas fracas condições que oferecem aos reclusos. Adjacente ao Bloco das Camaratas encontra-se, igualmente, o núcleo de “Visitas” onde, os reclusos, ao Fim de Semana, recebem os seus familiares. Este espaço tem um ambiente informal, tipo sala de reunião, bem como, um ginásio, inaugurado através do apoio da Associação Académica de *Coimbra*.

Também na zona do Refeitório existe a intenção de melhorar as condições prestadas. Perto de 176 reclusos tomam as refeições no refeitório, mas quase o dobro tomam-nas na cela, onde lhes fazem chegar as suas marmitas. Esta situação ocorre sobretudo devido à sobrepopulação prisional (+500 reclusos actualmente, em 2011 eram 400) que pressiona as infra-estruturas disponíveis.

EDIFÍCIOS PRISIONAL PRINCIPAL – Piso 0, Piso 1 e Piso 2

Piso -1

Capela/Cúpula (Piso 3)

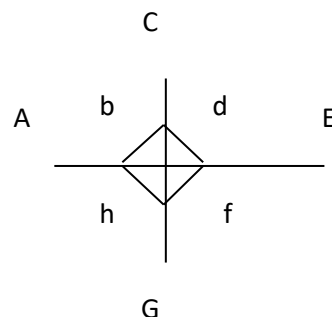


Fig. 08 – Diagrama da disposição das alas/naves do edifício prisional principal do EPC



Fig. 09, 10 – O exterior do EPC

“O edifício principal assenta numa planta de cruz latina, com quatro naves dispostas em torno de um octógono central, este recoberto por cúpula fixada a quarenta metros de altura. No centro da torre foi construída uma infra-estrutura de vigilância, em ferro, que permite controlar os três pisos de celas de cada uma das galerias.

Interior do torreão central da Penitenciária de Coimbra com o dispositivo de vigilância, os janelões neo-góticos e a cúpula seccionada em oito gomos com óculos e lanternim superior.” (*in Rede do Conhecimento da Justiça, Ministério da Justiça*). A estrutura de todo o edifício tem cobertura de duas águas, em telha, à excepção da cobertura referente à cúpula.

O projecto para o EPC considera os materiais, como o ferro e vidro, associados a este tipo de proposta prisional, em toda a Europa, no final do século XIX. No caso, estes materiais e a proposta construtiva, cumpriam melhor as exigências relativas à higiene e à salubridade, requisitos da instituição e permitiam também erigir uma estrutura mais leve, mais alta, respeitando melhor as necessidades também contra-incêndio. Todavia, o EPC, tal qual outros exemplos de edifícios prisionais, que seguem o mesmo modelo e adoptam o mesmo tipo de materiais sofreram, ao longo dos tempos, incêndios (junto à cúpula, onde se localizava a capela).

O edifício prisional conta, em todos os pisos, com um pé direito superior a 2,5m. A ventilação dos diferentes é feita com recurso a clarabóias, respiradouros e

janelas/fenestranças em forma de meia-lua, com vidraça basculante, que abre para o interior e, no exterior, conta com uma rede e um gradeamento.

O edifício prisional organiza-se em 8 alas, em torno do antigo Panóptico, zona central do conjunto, de planta octogonal. Cada Nave tem 4 pisos (piso 0, 1 e 3 e o piso -1 relativo à cave). A planta da prisão tem uma base em Cruz Latina. Segundo essa planta, as 4 alas/Naves da prisão são salientes, embora tenham comprimentos diferentes. No corpo principal do edifício temos a ala/nave A e E. A ala/nave E é a de maior comprimento. A interceptar estas alas, surgem no transepto, de menores dimensões, que as primeiras, mas de igual tamanho, a ala/nave C e a G. As naves têm uma clarabóia de iluminação e ventilação na cobertura, exceptuando a Nave E (de maior comprimento) que tem 3. O nível da cave, piso -1, só tem as alas correspondentes à naves A, C, E, e G (com acesso através da F).

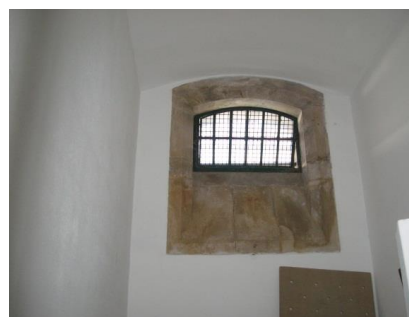


Fig. 11, 12, 13 – O piso -1 da cave, no seguimento das naves A, C, E, e G. Janela (piso -1) em cela disciplinar equivalente às demais.

As alas B, D, F e H, não salientes na estrutura. Têm, entre si, igual dimensão e apresentam uma área menor que as dispostas em cruz latina. Estas quatro alas, B, D, F e H, correspondem ao espaço “residual” na intersecção das naves principais com a torre central, o Octógono, numa parte junto ao tambor do octógono (do panóptico) sobre a qual assenta a cúpula, com o lanternim (zona esta mais elevada que as Naves). O comportamento arquitectónico desta zona, no corpo principal da prisão assemelha-se ao que ocorre na planta de uma igreja, em cruz latina onde, na intercepção da nave principal, com a cabeceira e com o transepto, se encontra a torre lanterna.

Estas alas menores, existem só a partir do piso 0, sem pisos inferiores, à excepção da ala F. **Têm 3 pisos, sendo o piso 2 com duplo pé-direito e clerestório** (excepto a ala F, única com acesso à cave). Estas alas, embora acomodem reclusos,

visam sobretudo acolher funções de passagem, organização interna ou actividades que precisam de uma maior área e/ou luz, como o caso da “capela” – sala de culto; teatro e biblioteca, na prisão. Estes espaços, anteriormente referidos, encontram-se no piso 2, em salas com duplo pé direito, por onde a luz entra, através dos clerestórios, com os vitrais brancos.



Fig. 14 – Cúpula e clerestório do octógono.

O OCTÓGONO - Modelo de Vigilância Total: Panóptico. Octógono encimado por cúpula.

O EPC, à imagem do Estabelecimento Prisional de Lisboa e do ex-Estabelecimento Prisional de Santarém, que foram as suas referências projectuais, segue alguns dos princípios fundamentais do Panóptico de Jeremy Bentham e das suas posteriores adaptações. De acordo com essas orientações, o EPC apresenta vestígios da presença de um panóptico (chamada de rotunda ou de octógono). Este dispositivo, em ferro e vidro é uma estrutura, normalmente, desenhada, no piso 0 e 1, com os pisos das alas, onde se localizavam os guardas prisionais e a partir de onde estes conseguiam controlar todo o edifício e a circulação geral dos reclusos. Sobre esta rotunda ou octógono e, de acordo com o exemplo dado de uma igreja, a esta zona de “torre lanterna” e de cúpula com lanternim, corresponde um vazio, com poucos acessos ou funções por onde entra a luz, que se distribui também pelas alas/naves. Esta zona de “torre lanterna” sobre o octógono, retirava densidade ao corpo arquitectónico e dotava-o de maior capacidade de visionamento e controlo e, simultaneamente, um garante de salubridade, higiene ventilação do lugar. A este espaço, e pela analogia feita com uma igreja, adquire também um significado simbólico da materialização/manifestação do Poder. Mas, e do ponto de vista prático prevenia também os maus cheiros e permitia que o calor ao subir, se dissipasse, refrigerando e ventilando o edifício. Por outro lado, e na vertente da defesa contra incêndios, este vazio é um garante de estanquicidade, ao dificultar a propagação de um incêndio, entre alas. Todavia, na prática, esta última intenção não se mostrou bem sucedida, não só no EPC como em muitos outros estabelecimentos prisionais por toda

a Europa. O motivo deste insucesso prendeu-se com a localização da capela junto à cúpula, na maioria dessas prisões, espaços esses que utilizavam mobiliário e revestimentos em madeiras, facilmente inflamáveis.



Fig. 15 e 16 – Octógono suspenso por consolas em ferro.

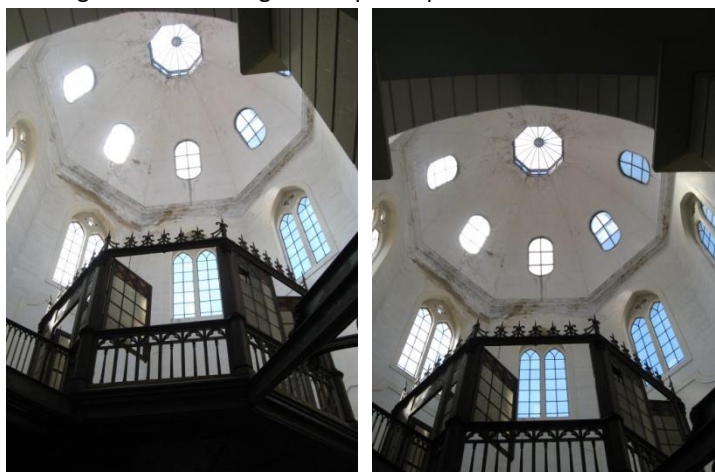


Fig. 17 e 18 – Cúpula e clerestórios do octógono (elementos da antiga capela).

As **ALAS/NAVES** destinam-se a acolher as celas dos reclusos e o corredor central. O acesso aos pisos superiores das alas fazem-se através de galerias, suportadas por consolas em ferro. Esta solução, aplicada em toda a prisão, nas várias alas, permite a existência de um grande corredor central, vazio (com duplo ou triplo pé direito). Os extremos, das alas, tendem a ter, de um lado, grandes fenestrações e, do outro, “as grades” ou gradão de cada ala. Este gradão limita a circulação dos reclusos nos demais espaços prisionais.

ALA A – (SEM RECLUSOS) A ala/nave organiza-se em 4 pisos, sendo um deles subterrâneo. Esta nave faz a ligação com o exterior, no piso 0. Enquanto nave nunca alojou reclusos, senão no piso -1. O piso -1 está, actualmente, desactivado, e tem celas e balneários.

Pela ala A temos acesso à Biblioteca, à Capela, a uma Sala de Convívio e a áreas afectadas pelo incêndio, o que impossibilita o acesso ao patamar superior, da antiga Capela, que ficava suspensa sobre o octógono.

1º Troço: Administrativo. Piso 0 - Sala do Director, Sala da Chefia/Guardas, Antiga Zona de “triagem” e secretariado. 1º Controlo.

2º Troço: Serviços dirigidos aos reclusos. Piso 0 - Escadas de acesso ao 1 e 2 piso. 2º Controlo.

3º Troço: Piso 0 - Visitas de advogados. Salas para educadores e atendimento. No término da ala A existe um portão gradeado de grandes dimensões e dá para o octógono. No Piso 1 e 2, funciona a Escola e Enfermaria (no passado, a zona da Enfermaria com os gabinetes chegou a ser a camarata dos guardas).

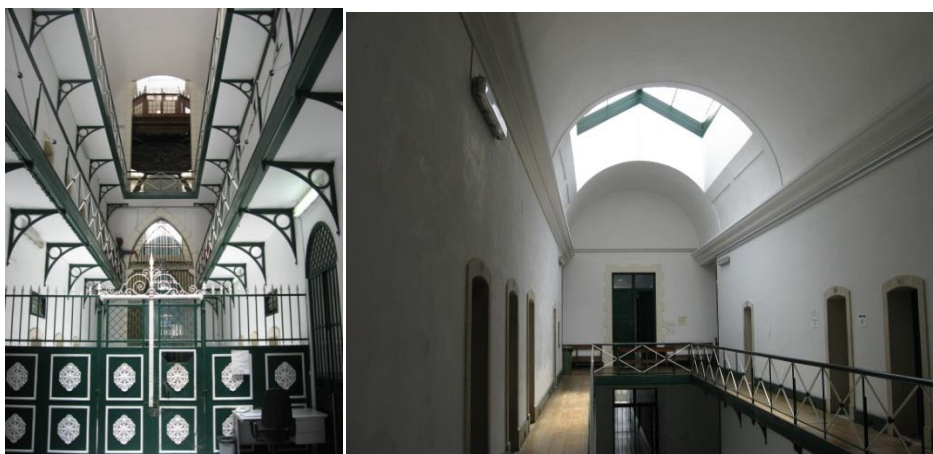


Fig. 19, 20 – Ala/Nave A. Enfermaria e Clarabóia no piso 2.

ALA B – (SEM RECLUSOS) Esta ala, por não ter reclusos é um ponto de revista/controlo para o acesso às visitas, no piso 0. Ao longo desta ala, encontramos gabinetes de controlo de reclusos.

Relativamente ao piso 1 e piso 2 desta ala, estes pisos suportam algumas das salas para o desenvolvimento de actividades colectivas na prisão. Sendo a ala com maior comprimento é um espaço muito iluminado e de fácil acesso dentro do estabelecimento. Também no extremo desta ala existe um portão gradeado – portão de ala – que dá acesso ao octógono. Não tem piso subterrâneo.

ALA C – A ala/nave C organiza-se em 4 pisos, sendo um deles subterrâneo. É considerada a ala/nave “do respeito” pois, foi a última a ser renovada. Tem celas individuais com wc. Em todos os pisos, 0, 1 e 2 é a ala que apresenta um índice de ocupação mais baixo. No limite da ala existe um portão gradeado de grandes dimensões que, igualmente, dá acesso ao octógono.

No piso -1, actualmente desactivado, encontramos zonas de arrumo prisional (os objectos pessoais dos reclusos, os uniformes e conjuntos de lençóis), a “antiga zona de despejo” resultante do uso do balde higiénico e, por último, uma zona de balneários e pontos de lavagem de roupa.

ALA D – (SEM RECLUSOS) é uma ala que serve de passagem para os pátios. Devido à permanente afluência e dificuldade de controlo das movimentações da ala D, esta ala não serve de acolhimento com celas para os reclusos no piso 0. No piso 1 e piso 2, suporta algumas das salas de actividades, colectivas, dentro da prisão.

No limite da ala existe um portão gradeado de grandes dimensões que dá acesso ao octógono. Não tem piso subterrâneo.

ALA E – A ala/nave E organiza-se em 4 pisos, sendo um subterrâneo. É a ala com maior índice de ocupação de reclusos em celas, a par da G, nos pisos 0, 1 e 2. As celas são ocupadas por vários reclusos. Na ala não existem balneários. No limite da ala existe um portão gradeado de grandes dimensões que dá acesso ao octógono.

O piso -1 está, actualmente, desactivado e é ocupado por arrumos, com cacifos.

ALA F – A ala F não recebe reclusos no piso 0, **pois dá passagem para a cave**, no piso -1. No piso 1 e 2 tem celas para os reclusos. No limite da ala existe um portão gradeado que dá acesso ao octógono.

No piso -1, existem as salas de visita para os advogados e o acesso às celas disciplinares na ala/nave G e aos pátios exteriores.

ALA G – A ala/nave G organiza-se em 4 pisos, sendo um subterrâneo. A ala G é, a par da ala/nave E a com maior índice de ocupação de reclusos por cela, no piso 0, 1 e 2. Como na ala E não existem balneários, pelo que os reclusos têm de recorrer aos balneários exteriores à ala. No limite da ala existe um portão gradeado que dá acesso ao octógono. No piso -1, a ala/nave G, suporta as celas disciplinares que, no caso, são quatro. Adjacente à ala G, temos as salas de visita (para advogados) e o pátio no exterior cujo acesso, como referido, se faz pela ala F.

ALA H – A ala H não recebe reclusos no piso 0, pois dá **passagem para o refeitório**. Acolhe celas para os reclusos no piso 1, e piso 2. No limite da ala existe um portão gradeado que dá acesso ao octógono.

OFICINAS – Sistema de Regeneração Laboral

Na zona norte do Estabelecimento Prisional de Coimbra encontram-se as oficinas. Para alcançarmos esta zona é necessário cruzar os pátios e um grande portão, com permanente vigilância. Este edifício de oficinas é composto por duas alas, de dois pisos cada (piso 0 e 1). As alas têm comprimentos distintos, que se interceptam numa zona central a que chamam de “octógono” (à imagem do corpo prisional principal).

Esta área, actualmente, em grande transformação com a reestruturação e ampliação das salas apresenta grandes fenestraçãoes, para o desenvolvimento dos trabalhos de: Marcenaria e Serralharia (cadeiras, móveis, etc.) (1); Restauro (2); Trabalhos em Ferro Forjado (3); Encadernações de Livros (coser lombadas, encadernar e dourar – produção para a Universidade de Coimbra) (4); Garagem automóvel – mecânica (5); Concerto de Máquinas de Café Delta (6); Cerâmica (produção para o Mosteiro de Santa Clara) (7); Pintura de elementos metálicos e Estufa (8); Artesanato (9); chegou a ter Alfaiataria (10). (11) As obras, levadas a cabo no EPC, são geridas e operadas com recurso à mão de obra dos reclusos, no conjunto dos seus diferentes saberes. Exemplos disso foi a renovação das condutas do esgoto do EPC.

No passado, enquanto o trabalho prisional era actividade obrigatório dos reclusos, a zona oficinal albergava ainda mais reclusos durante o período diurno do que actualmente. Havia grande produção, tanto para consumo interno das prisões quanto para consumo externo. O EPC tem um “Showroom” para exposição dos trabalhos produzidos, trabalhos estes que, no passado, traziam um retorno económico à prisão e rentabilizavam a produção. Com as alterações à lei, o trabalho passou a ser desenvolvido por menos reclusos, com carácter opcional e sem o retorno económico para o EPC.

Este edifício oficinal poderá ter sido construído, como um mini-panóptico com o intuito de acolher a antiga cadeia/prisão Regional. Tal nunca se verificou, pois o edifício nunca ofereceu as condições necessárias para o efeito.

INFORMAÇÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO DO EPC

. HORÁRIOS

Manhã: Com o acordar (8:00/8:30H) são abertas as celas, e feito o “conto matinal” (a contagem dos reclusos na respectiva ala) e distribuído o pequeno-almoço. Existe um período de tempo considerado para a higiene pessoal dos reclusos, com água quente. Os reclusos podem ir aos **pátios** ou, em caso de **trabalharem**, podem dirigir-se para as oficinas (os reclusos que trabalham na cozinha e no refeitório cumprem horários distintos).

Meio-dia: Com o aproximar da refeição (12:00/12:30H) há um novo “conto” dos reclusos. Os reclusos nas listagens do refeitório, dirigem-se ao refeitório para tomarem o almoço. Os outros reclusos, aguardam na cela a entrega das marmitas, com a respectiva dieta escolhida. Os reclusos podem ir aos **pátios** ou, em caso de **trabalharem**, podem dirigir-se, de novo, para as oficinas (os reclusos que trabalham na cozinha e no refeitório cumprem horários distintos).

Nova contagem dos reclusos.

A partir das 16:00H, existe um novo período de tempo para a higiene pessoal dos reclusos, com água quente.

Fim de tarde: Pelas 17:00/17:30H é entregue a 2ª refeição quente do dia aos reclusos e é também entregue o Reforço (Seia) para a noite.

Novo período de tempo para higiene pessoal dos reclusos, com água quente.

Nova contagem dos reclusos, com fecho das celas e das respectivas alas.

Noite: Os reclusos têm acesso e podem visionar um televisor, embora estejam obrigados a “fazer pouco barulho”. A luz eléctrica é disponibilizada durante toda a noite.

Na cela, individual ou em camarata, os reclusos podem ter alguns dos seus objectos pessoais, como Fotografias e livros ou um televisor, um Rádio e uma Chaleira (não sendo permitido cozinhar na cela).

Os reclusos podem adquirir bens de consumo, disponibilizados no interior da prisão e podem receber até 1kg de bens alimentares facultados pelos familiares.

Nas celas a mobília não está fixa ao pavimento, havendo alguma mobilidade dos equipamentos e a possibilidade de adaptá-los ao espaço. Algumas celas dispõem de Instalação Sanitária.

No EPC encontram-se sobretudo reclusos a cumprir pena, havendo poucos “preventivos” a aguardarem julgamento. As penas cumpridas no EPC vão até ao máximo legal e há reclusos que as cumprem, integralmente, no EPC. Dentro da lógica organizativa do EPC, as mudança de celas não são muito comum, embora exista rotatividade dos serviços dos guardas prisionais, relativamente às alas.

A maioria dos conflitos interpessoais que ocorrem no EPC dizem respeito aos reclusos. Essas tensões dizem, sobretudo, respeito a negócios e quezílias internas que, por vezes, se estendem ao corpo dos Guardas Prisionais. Dentro do edifício prisional do EPC, os guardas prisionais não andam armados.

Os reclusos não são, actualmente, obrigados ao uso de uniforme, podendo vestir a sua roupa desde que, seguindo algumas indicações.

Fumar é consentido nos pátios, no exterior.

Um reclusos ocupar a Ala/Nave C é considerado, no EPC, um privilégio. De igual modo, só os reclusos com aprovação podem exercitar-se no ginásio.

O EPC ainda não dispõe de Visitas Íntimas Conjugais.

BIBLIOGRAFIA

http://www.sprc.pt/upload/File/PDF/Agenda/EXPOSIC3%87%C3%83O_INTRO_EPC.pdf

<http://www.redeconhecimentojustica.mj.pt/Category.aspx?id=48>

Visita V: ao ex-Estabelecimento Prisional de Santarém, a 17 de Julho de 2012 (duração da visita: 11:00H às 13:00H).

Autorizada pelo Exmo. Sr. Administrador, Dr. José Valentim. O acompanhamento da visita foi feito pelo Sr. Filipe Andrade. A visita contou com a autorização do Exmo. Sr. Exmo. Senhor Administrador, Dr. José Valentim para a captação de fotografias. Cul.Tur - Empresa Municipal de Cultura e Turismo de Santarém - EEM.

Casa de Portugal e de Camões
(Antigo Presídio Militar)



Fig. 01 – Fotografia da Vista área do Ex-EPS. ©Google Earth, 2006.

Ordem de trabalhos:

I PARTE

- 1) Visita à Antiga Casa do Director, actual Cul.Tur - Empresa Municipal de Cultura e Turismo de Santarém
- 2) Visita ao interior do Edifício Prisional
- 3) Visita aos edifícios e oficinas adjacentes ao Edifício Prisional

INTRODUÇÃO

O ex-edifício prisional de Santarém data de 1890, primeiro como Presídio Militar nº 2, depois como Estabelecimento Prisional de Santarém. O seu projecto ficou a cargo dos engenheiros Adolfo Loureiro, Alexandre da Conceição e José Cecílio da Costa. Desde da sua desactivação, o edifício do ex-EPS pertence à Câmara Municipal de Santarém e está classificado como sendo de interesse público.

O Estabelecimento Prisional de Santarém foi criado pelo decreto-lei nº 416/98, de 31 de Dezembro e o entrou em funcionamento a 6 de Julho de 2000, no edifício do antigo Presídio Militar nº 2, que foi desafectado pelo Ministério da Defesa a favor do Ministério da Justiça. O estabelecimento prisional central tinha capacidade para 106

reclusos, distribuídos por três pavilhões, cada um com capacidade para 36 reclusos. Enquanto estabelecimento prisional destinava-se a reclusos que precisavam de "protecção redobrada, em virtude das funções que exercem ou exerceram, nomeadamente em forças de segurança e que, conseqüentemente implicam a existência de instalações a eles destinados em exclusivo", de acordo com o diploma que o criou (Cf. Publico 01.02.2007, 20:33 por Lusa, "Reforma do sistema prisional. Estabelecimento Prisional de Santarém encerra este ano").

A 31 Janeiro de 2008 foi anunciada a extinção das prisões de Castelo Branco, Portimão e Santarém, bem como, a intenção de transformar o Estabelecimento de Évora em cadeia de alta segurança e de reclusão para elementos das forças de segurança – o decreto-lei foi aprovado a 27 de Dezembro de 2007, em Conselho de Ministros. (Cf. Lusa, 31.01.08).

A visita ao ex-EPS foi conduzida pelo Sr. Filipe Andrade que se disponibilizou a fazer a visita e a partilhar o conhecimento e informações gerais que adquiriu do Ex-Estabelecimento Prisional de Santarém, já após a sua desactivação, em 2009. Assim sendo, a experiência do espaço e substancialmente distinto de outras visitas feitas, visto o espaço estar "desocupado" e "vazio" – sem guardas prisionais ou reclusos.

O complexo prisional de Santarém é significativamente de menores dimensões que o complexo de Lisboa e Coimbra. Embora mantenha as mesmas directrizes em termos de projecto, tanto em planta como como de características exteriores – o mesmo octógono, presente no EPC, com naves/alas salientes e outras quatro, não salientes; com a torre, encimada por cúpula e lanternim que centraliza a estrutura.

O edifício está orientado a Este-Oeste. O complexo prisional é murado em todo o seu perímetro e embora a altura do muro, rondando os 9m, o espaço não é 'opressivo', embora a pontuação excessiva das vigias ou redes em arame. A entrada principal surge a Este, onde se encontra a Antiga Casa do Director, actual gabinete da cultura e antigo edifício administrativo.

O conjunto prisional, embora repetindo as indicações projectuais das prisões de Lisboa e Coimbra e as orientação panópticas para as penitenciárias, devido às suas dimensões/proporções menores que as outras duas prisões e pela ritmada pontuação dos seus vãos, adquire um aspecto menos denso, não lhe retirando todavia imponência, simbolismo e impacto. O edifício tem uma planta em cruz grega, cada nave/ala com 2 pisos e, na zona de intersecção um corpo octogonal com 3 pisos e a cúpula (que não atinge os 40 metros de Coimbra).

I PARTE

ENTRADA – 1º momento: Antiga Casa do Director

A antiga Casa do Director, em Santarém, é o elemento de mediação entre a frente de rua e o interior da prisão. O impacto da fachada do edifício, é modesto, no tecido urbano, com um espaço ajardinado e uma escala 'local' e humanizada.



Fig. 03 – Alçado Principal do Ex-EPS;

Fig. 04 – Espaço ajardinado acessível pelo interior.

Este edifício, da antiga Casa do Director, que faz frontaria com a via pública, tem uma planta rectangular. Enquanto edifício detém autonomia perante os demais (prisionais). Também em Santarém, era neste edifício que ficavam localizados os gabinetes, do Director, dos Administrativos e do Chefe dos Guardas. Embora sendo um único corpo, este edifício residencial e administrativo apresenta-se em dois blocos de dois piso. Ao centro do edifício há uma passagem, que o atravessa, para peões e carros celulares. Actualmente, no piso térreo, situa-se a Universidade da Terceira Idade. E todo o primeiro piso é ocupado pela Cul.Tur - Empresa Municipal de Cultura e Turismo de Santarém.

Enquanto edifício tem elementos e marcas decorativas eclécticas, seguindo as tendências historicistas, do século XIX. No exterior existem alguns elementos neogóticos e também, ameias e os merlões a rematar a platibanda, mas não só, existem também acabamentos cuidados, como os azulejos, o trabalho dos tectos e a escadaria. Uma das alas do corpo é limitada no extremo por um pequeno jardim cimentado e com árvores de fruto.



Fig. 05, 06 – Passagem interior de acesso; panejamento mural: azulejos.
Fig. 07, 08 – Acesso ao piso 1; Trabalho do tecto.

ENTRADA – 2º momento: o conjunto prisional

Nas traseiras da antiga Casa do Director encontramos uma estreita faixa exterior que nos encaminha ao edifício prisional.

O conjunto do edifício prisional é composto por dois blocos edificados que estão justapostos e em seguimento. O primeiro destes blocos diz respeito à parte administrativa e corresponde à frente do edifício prisional (conforme figura 09) e perpendicular à nave/ala A. O segundo bloco, o edifício prisão, com a zona de reclusão, assenta numa planta de cruz grega, com quatro naves que se interceptam formando quatro lados do octógono central, encimado por uma cúpula.

Este primeiro bloco **administrativo**, frente do edifício prisão, (figura 9) e perpendicular à nave/ala A, tem uma planta rectangular e surge como acrescento, a Norte e para Sul da **Nave/ala A**, como eixo principal que nos conduz ao octógono – panóptico. Na **ala A** concentram-se todos os espaços e funções administrativas e de apoio à prisão, também para servirem os guardas prisionais e os funcionários (que

podem circular no exterior e em zonas mais periféricas ao conjunto). Neste conjunto de salas encontra-se o refeitório e um pátio adjacente (figura 12 e 13).



Fig. 09, 10, 11 – Composição da fachada do edifício prisional principal perpendicular à nave/ala

A.



Fig. 12, 13 – Lado sul e norte da fachada do edifício prisional principal.

O **edifício central da prisão de Santarém** organiza-se, tal qual, as penitenciárias de Lisboa e Coimbra. Com 8 alas, que se projectam a partir de um núcleo central octogonal. A planta base é em Cruz Grega, 4 dessas alas, indicadas como Naves, são salientes e apresentam, cada uma, 2 pisos (piso 0, 1 - sem cave).

As naves principais e salientes ao octógono são as alas: C, E e G – de iguais dimensões – e a referida ala A (de administração) e ligeiramente de menores dimensões.

As restantes alas B, D, F e H são não salientes. Cada uma delas tem 3 pisos e planta triangular/trapezoidal, correspondente à secção remanescente da intersecção entre as naves e o octógono. Não apresentam pisos subterrâneos. É nas alas/naves que se encontram as celas dos reclusos. Estas alas/naves têm um corredor central. O acesso às celas dos pisos superiores faz-se, no piso 0, através de escadas que dão para as galerias, suportadas por consolas em ferro.

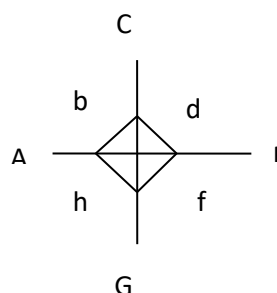


Fig. 14, 15 – O edifício central da prisão de Santarém; Diagrama da disposição das alas ex-EPS.

A cobertura dos edifícios, à excepção da cobertura da cúpula é em telha. Em termos dos materiais de construção em Santarém, encontra-se o ferro e o vidro, embora práticos e modestos/discretos, tomam como referencia as orientações de Jeremy Bentham, relativas ao Panóptico e, os já referidos exemplos nacionais de Lisboa e Coimbra, que seguem, igualmente, referências estrangeiras como Leuven, na Bélgica. Seguindo o exemplo de Coimbra, Santarém segue o mesmo tipo de fenestrações de Coimbra, com as janelas de meia-lua basculantes, os clerestórios no octógono ou no término das naves/alas, bem como rasga grandes vãos de iluminação na cúpula, iluminando o interior prisional. As naves C, E, G apresentam igualmente uma clarabóia de iluminação e ventilação na cobertura.

O INTERIOR DO EX-EPS – ALA/NAVE A

(SEM RECLUSOS) A ala/nave A organiza-se em 2 pisos. Sendo a nave que faz a ligação com o exterior (no piso 0) nunca alojou reclusos. Na verdade, é a ala mediadora entre o exterior e o interior e, por esse motivo, apresenta características distintas das outras naves.

O pé direito é mais baixo e sem galerias (cobertura tradicional) e organiza-se através de um eixo central, ladeado por saletas e compartimentos actualmente indiferenciáveis.



Fig. 16, 17 – 1º troço. Porta de acesso à prisão; panejamento mural: azulejos.
 Fig. 18, 19 – 1º troço. Porta de acesso à prisão; porta de ala.

No piso 0

1º Troço: Administrativo. Sala da Chefia/Guardas e secretariado. Momento do 1º Controlo e revista na prisão (ver figura 16).

2º Troço: Serviços dirigidos aos reclusos. Escadas de acesso ao 1º piso (Enfermaria); Zona de “triagem”; de arrumos; dá acesso ao pátio e ao refeitório, adjacentes (entre a Ala A e ala C); à Sala de visitas, e de atendimento; ao 2º momento de Controlo. No término da ala existe uma porta gradeada (figura 19) – porta de ala – quedá acesso ao octógono.

No piso 1 da nave/ala A destinava-se à Enfermaria e aos seus diferentes gabinetes. Tem uma escada de acesso interior própria.



Fig. 20, 21 – Imagens da Enfermaria.
Fig. 23, 24 – escadas internas de acesso à Enfermaria.

– ALA B –

A ala B organiza-se em 3 pisos.

No piso 0 tem uma cela, uma zona de arrumos e uma passagem para o exterior.

A zona exterior associada a esta ala está vedada, com um pátio e está alocado ao edifício adjacentes à ala A (edifício administrativo).

Tem igualmente uma porta de ala (figura 25). As celas têm janelas de meia-lua e as celas têm uma área superior aos regulares 8m².

O piso 1 tem também celas para reclusos e, ao meio, um corredor. A ala tem também uma porta.



Fig. 25, 26 – (piso 0) Porta da ala B; Janela de meia-lua.

O **piso 2** da ala B acolhe, a capela – a Sala de culto do estabelecimento. A orientação da ala B é Este-oeste, pelo que são colocados vitrais coloridos e alusivos ao culto.

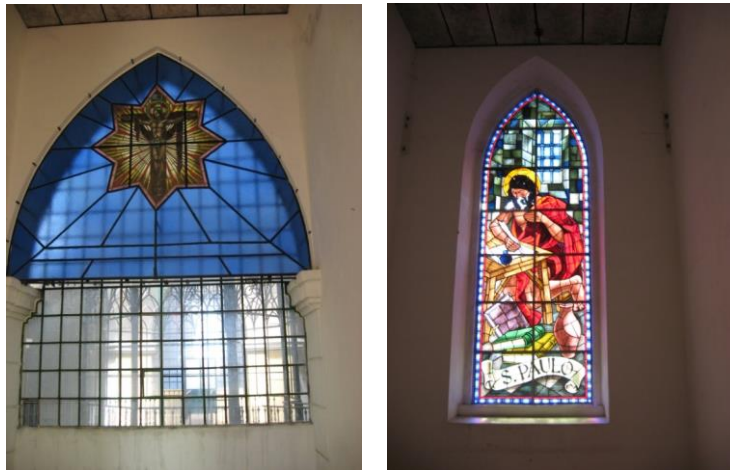


Fig. 27, 28 – Vitrais da Capela – Sala de culto.

– ALA/NAVE C –

A ala C organiza-se em 2 pisos.

Como a nave/ala E foi reformulada e sofreu grandes melhorias. Cada cela apresenta uma cabine de duche e sanitário próprio.

No **piso 0 e 1** a ala acolhe celas de ambos os lados do corredor central. A nave apresenta bastante luz natural e ventilação, com aberturas em ambos os extremos (para o exterior e para o Panóptico), o que evitava maus cheiros e controlo da temperatura. Em ambos os pisos as celas têm dimensões equivalentes. As celas do **piso 1** são acedidas através de uma escadaria, no topo, junto ao Panóptico e por galerias em ferro, assentes sobre consolas. O pé direito, junto à caixa de escadas, é mais elevado que na restante nave.



Fig. 29, 30 – Ala C vista Sul; Ala C vista Norte.
Fig. 31, 32, 33 – Cella I, ala C; Ala C vista Panóptico; Cella II, ala C.
Fig. 34, 35 – Caixa de escadas; Escadas em ferro.

– ALA D –

A ala D organiza-se em 3 pisos.

No **piso 0** encontram-se celas, à imagem da ala B e uma passagem, com portão gradeado para o exterior e uma outra, na entrada da ala, junto ao octógono.

No **piso 1** situa-se a Sala Museológica, segundo placa afixada (única informação disponível). O aspecto e acabamentos da Sala são mais cuidados, parecendo ter sofrido reformulações, em data não muito distante (2000/2008).

Relativamente ao **piso 2**, e sabendo que só a ala D, B, F e H têm três pisos, são necessariamente as únicas a terem salas no piso superior, embora não tenha sido possível perceber a que uso estava destinada.



Fig. 36, 37 – Vão do piso 0, ala D; Sala Museológica, piso 1.

– ALA/NAVE E –

A ala E organiza-se em 2 pisos.

A nave/ala E foi reformulada, tendo sofrido grandes melhorias. Cada cela apresenta uma cabine de duche e sanitário próprio. A luz e a ventilação mostram-se factores essenciais.

A ala/nave E tem, no seu extremo, acesso ao exterior e sendo este o melhor acesso para o campo de jogos/futebol.

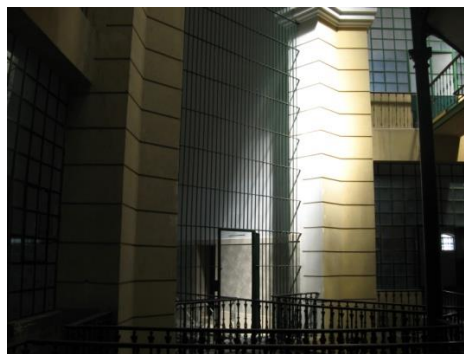
No **piso 0 e 1** a ala tinha celas de ambos os lados do corredor central. A nave apresenta bastante luz natural e ventilação, com aberturas em ambos os extremos (para o exterior e para o Panóptico). Em ambos os pisos as celas têm dimensões equivalentes.

As celas do **piso 1** são acedidas através de uma escadaria, no topo junto ao Panóptico e por galerias em ferro, assentes sobre consolas.

O pé direito, junto à caixa de escadas, é mais elevado que na restante nave.



Fig. 38, 39 – Ala E vista Oeste, ala D; Ala E vista Este.
Fig. 40, 41 – Galeria de acesso ao piso 1; Caixa de escadas.
Fig. 42 – Gradeamento de ala e seu acesso no piso 1.



– ALA F –

A ala F organiza-se em 3 pisos.

No **piso 0** encontramos celas e uma passagem para o exterior, dando acesso à horta. No **piso 1** era o antigo refeitório, embora o único objecto reconhecível seja a caixa de um elevador, por onde, possivelmente, se faria chegar os alimentos.

Relativamente ao **piso 2** não temos qualquer indicação relativamente ao seu tipo de uso, apontando para salas de grupo..

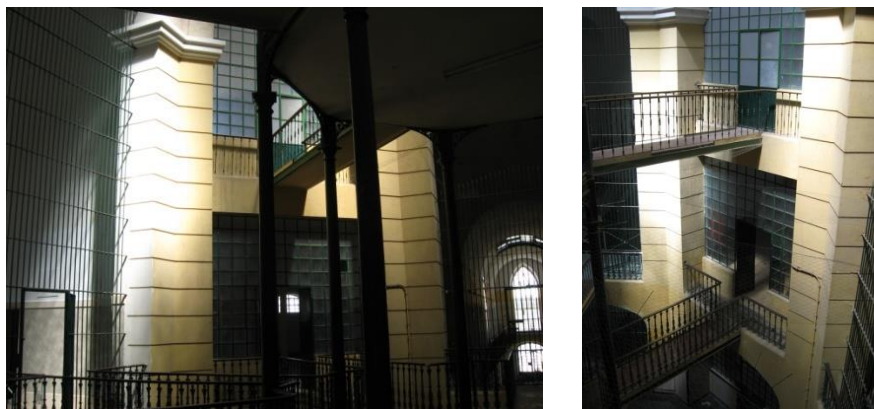


Fig. 43, 44 – Refeitório, ala F, piso 1; Ala F, Piso 3.

– ALA/NAVE G –

A ala G organiza-se em 2 pisos.

A nave/ala G nunca foi alvo de qualquer renovação, entre o ano 2000 e 2008. Assim sendo, está patente toda uma realidade prisional anterior, ausente das condições de higiene e salubridade encontradas na nave/ala C e E. O seu estado de degradação é muito visível. A ala/nave G tem, no seu extremo, dá acesso ao exterior.

No **piso 0 e 1** a ala acolhe celas de ambos os lados do corredor central. A nave apresenta menos luz natural que as demais, também em virtude da sua orientação virada a Norte – talvez por isso tenha ficado, para último, nas campanhas de obras de requalificação do espaço. As dimensões das celas são iguais às demais, nesta nave, bem como, a sua forma de acesso nas galerias superiores.



Fig. 45 – Piso 1 de celas – acesso através de galerias.



Fig. 46, 47 – Ala G vista da cobertura; Ala G vista do panóptico (Sul).



Fig. 48, 49, 50 – Diferentes perspectivas de uma cela na ala G.

– ALA H –

A ala H organiza-se em 3 pisos.

No **piso 0** mantém-se o esquema de celas, presente nas outras alas/naves e igual acesso ao exterior do edifício prisional. Estas celas são as únicas “em uso”. Isto é, desde a desactivação da prisão em 2008, estas celas têm vindo a ser utilizadas em filmagens de produções televisivas nacionais..

No **piso 1** encontramos o esquema de celas igual às outras alas/naves.

No **piso 2** existe uma sala de grandes dimensões iluminada por um grande clerestório, sem função identificada.



Fig. 51, 52 – Cella e porta de acesso na Ala H.

O OCTÓGONO - Modelo de Vigilância Total: Panóptico. Octógono encimado por cúpula.

Seguindo a lógica das demais penitenciárias e dos edifícios radiais panópticos Santarém apresenta ainda, “no terreno” o lugar/objecto do designado Panóptico. Isto é, ao centro da torre de planta octogonal encontra-se uma estrutura de vigilância, igualmente octogonal, em ferro e vidro (máxima visibilidade), que permite controlar todas as alas/naves, em todos os três pisos e as suas galerias, bem como, necessariamente, o hipotéticos movimento dos reclusos.

Esta visão totalizadora do espaço permite uma maior vigilância sobre o espaço e dos seus agentes, seguindo o lema panóptico: “Ver sem ser visto” de J. Bentham (1748-1832). É materializada numa estrutura em ferro e vidro



Fig. 53, 54 – Estrutura do Panóptico assente sobre a planta octogonal.

Nos restantes pisos 1 e 2, e sobre a estrutura octogonal panóptica do piso 0, surge uma estrutura ‘aracnídea’ gradeada, autónoma da estrutura parietal e de aspecto quase suspenso. Esta estrutura metálica, como uma ponte com várias ‘derivações’ permite não só cruzar as diferentes alas, em todos os pisos, como permite fazê-lo controlando os acessos e os fluxos de cada passagem.

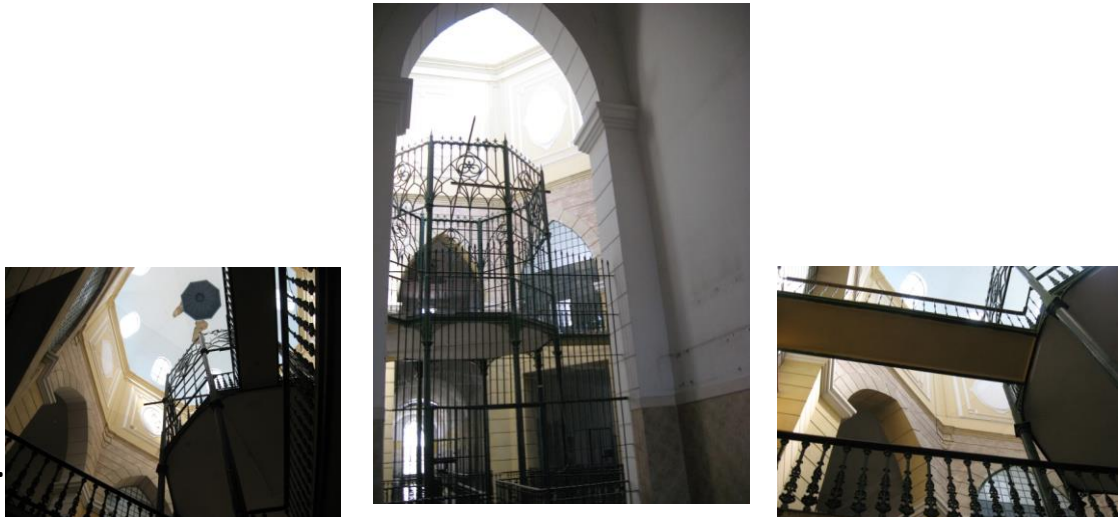


Fig. 55, 56, 57 – Estrutura do Panóptico assente sobre a planta octogonal.



Fig. 58, 59 – Estrutura do Panóptico assente sobre a planta octogonal.

A Cúpula –

A cúpula, de dimensões significativamente menores que a do EP Lisboa e do EP Coimbra, mantém os mesmos traços e aspecto formal que as demais. Relativamente à Cúpula de Lisboa, a de Santarém é menos trabalhada nos acabamentos, tanto no lanternim e nas molduras das fenestranças, quanto nos medalhões e nos trabalhos em

estruque. Todavia, é igualmente, compacta e majestosa, dominando de forma sobranceira toda a estrutura do edifício prisional, e demarca-se do restante edifício tanto do ponto de vista da qualidade arquitectónica como, do ponto de vista simbólico.



Fig. 60, 61 – Cúpula.

OFICINAS, CAMPOS E PÁTIOS

O espaço exterior ao edifício prisional e até ao **perímetro murado** não é muito extenso. Ainda assim, comporta do lado Norte um núcleo de **oficinas**, e um outro bloco de edifícios relativo à lavandaria e à garagem. Só existe um pequeno pátio vedado, entre a nave/ala A e a C. Os outros terrenos não apresentam qualquer acesso condicionado ou vedações. Existe entre a nave/ala E e G um terreno agrícola – **horta** – com algumas árvores de fruto. E, por último, entre a nave/ala C e a E encontra-se o **campo** de jogos/futebol.



Fig. 62, 63 – Perímetro murado; zona oficial vista a partir da nave/ala A, piso 1.



Fig. 64, 65 – Edifício da garagem e lavanderia.
Fig. 66, 67– Horta; Campo de jogos/futebol.

II. Documentos do curso de Artes Criativas, 2007/2008 e desenhos dos reclusos.

Nota: Estes documentos antecedem a investigação para a tese.

11.11.07, página 2.3 e 4

Caros colegas,

Conforme combinado aqui está a lista dos materiais por mim seleccionados. Como anteriormente mencionado, a lista por vós fornecida era, no que respeita a Papelaria Fernandes totalmente insuficiente, pelo que, me dispus, a dirigir-me pessoalmente à Papelaria Fernandes e com eles criar essa mesma listagem, com os respectivos preços por eles praticados, procurando respeitar o mais possível o montante acordado, a especificidade da disciplina e o âmbito em que se enquadrava.

Assim sendo, agradeço que por vós, certifiquem as respectivas contas, bem como o valor de cada um dos objectos, caso o considerem pertinente, por saberem que, a via pela qual os consegui obter foi, enquanto cliente.

A Lista é tipartida, sendo que os materiais respeitantes aos têxteis (2) dizem respeito a uma retrospectiva do C.C.Colombo que disponibilizava todo o matéria necessário e a última lista (3) diz respeito a materiais necessários mas que entendo poderem ser facultados pelo próprio estabelecimento.

Coloco-me pois à vossa disposição para qualquer assunto, esperando a vossa aprovação para os respectivos materiais e programa desta nossa disciplina que, procura de todo em todo contemplar artes criativas versus artes decorativas.

Sem mais assunto e com os melhores cumprimentos,

Mariana Carrolo

Doc. 1. Lista de Materiais para Artes Criativas.

Lista de Materiais para a disciplina de extra-escolar de Artes Criativas/Decorativas, para o ano lectivo de 2007 /2008:

1.

Material a requisitar da Papelaria Fernandes	Preço	Unidades	Total
Aguarela Pelikan, 22 unidades	3.99€	2	7.99€
Apara-lápis M+R, alumínio	0.20€	2	0.40€
Borracha Linex, er5 branca	0.20€	2	0.40€
Cartão Tela, 25x35cm	3.30€	8	26.4€
Compasso escolar da Linex	2.80€	1	2.80€
Conjunto de 10 micas Bantex, ref. ext. 204108	1.98€	1	1.98€
Copo pintura, Giotto	1.95€	4	7.80€
Esferográfica Pentel BK 77, Preto	0.59€	9	5.31€
Esquadro Fernandes, conj. 2, 45° + 60° com bolsa	1.22€	2	2.44€
Fita adesiva Fernandes, transparente 12x33	0.28€	2	0.56€
Godés Giotto	0.76€	5	3.80€
Lápis de cor Pelikan, 24	2.72€	4	10.88€
Lápis preto mats lumograph, 3b	1.07€	4	4.28€
Lápis preto mats lumograph, 6b	1.07€	4	4.28€
Lápis preto naris 2, HB	0.26€	9	2.34€
Papel Fabriano de aguarela, 23x30.5cm, 200gr	7.54€	2	15.08€
Papel Vegetal Fernandes, A3	4.20€	1	4.20€
Pasta Arquivo Eco21, preto	1.40€	1	1.40€
Pasta modular branca da DAS	5.26€	8	42.08€
Pastel óleo da Giotto, 24	9.10€	3	27.3€
Pincel espatulado, nº14, série 304	5.40€	2	10.80€
Pincel nº 4, série 303	2.26€	8	18.08€
Pincel nº8, série 303	3.47€	8	27.76€
Resma Papel A3, 80gr	6.49€	1	6.49€
Resma Papel A4, 80gr	3.27€	1	3.27€
Rolo Papel Cenário, 1x3m	3.64€	6	21.84€
Tempra guache Giotto:	4.88€		24.4€
. Magenta			
. Azul Ciano			
. Amarelo			
. Branco			
. Preto			
Tintas Acrílicas Winsor –	3.55€		17.75€
. Process magenta			
. Process cyan			
. Process Yellow			
. Titanium White			
. Ivory Black			
UHU, Baton cola, 8gr	0.84€	1	0.84€

1. Total: 302.95 Euros

Lista de Materiais para a disciplina de extra-escolar de Artes Criativas/Decorativas, para o ano lectivo de 2007 /2008:

Material a requisitar de uma retrosaria*:			
Agulhas de bico redondo	0,50€	8	4,00€
Tela Garça, 60x100cm	8,00€	2	16,00€
Lã Catifano, rosário – lã grossa Branco; Amarelo; Verde; Azul; Castanho; Preto; Vermelho; Laranja; Verde-claro; Azul-claro.	1,35€	10x 2	27,00€
Lã Catifa, rosário – lã fina Rosa; Outro Azul; Outro Verde	1,35€	3	4,05€

2. Total: 51,05 Euros

* Estes preços baseiam-se numa simulação efectuada com base na Retrosaria Alex, no C.C., Colombo.



RETROSARIA
ALEX, Lda
C.C. Colombo 4-0181
LISBOA
NIF:508 419 981

Telefone: 21 0195 449
IVA INCLUIDO TAXA 21%
FACTURA/RECIBO

Outros materiais necessários – NÃO MENOS IMPORTANTES!			
Balde com Água	?	1	
Estifogona	?	1	
Plástico para cobrir chão 3x3m	?	1/2	
Copos de plástico tipo água ou café, novos ou usados – função de gobê.	-	...	-
Garrafas de água usadas, para permanecerem na sala de aula com água.	-	4	-
1 mesa individual (pequena) para a professora	-	1	-
Dinheiro disponível para Fotocópias A3	2€	16	32,00€

Total das três (1+2+3) parcelas: 386 Euros*

* O somatório é feito tendo em vista os preços definidos, com o IVA já aplicado, sendo que os materiais da última parcela à excepção das fotocópias, não são contemplados.

Material a requisitar da Papelaria Fernandes	Preço	Unidades	Total
Aguarela Peilkan, 22 unidades	3,99€	2	7,99€
Apara-lápis M+R, alumínio	0,20€	2	0,40€
Borracha Linex, er5 branca	0,20€	2	0,40€
Cartão Tela, 25x35cm	3,30€	16	52,8
Conjunto de 10 micas Bantex, ref. ext. 204108	1,98€	1	1,98€
Eserográfica Pentel BK 77, Preto	0,59€	7	5,31€
Esqadro Fernandes, conj. 2, 45° + 60° com bolsa	1,22€	4	2,44€
Fita adesiva Fernandes, transparente 12x33	0,28€	2	0,56€
Godés Giotto	0,76€	5	3,80€
Lápis de cor Peilkan, 24	2,72€	4	10,88€
Lápis preto mais lumograph, 3b	1,07€	4	4,28€
Lápis preto mais lumograph, 6b	1,07€	4	4,28€
Lápis preto notis 2, HB	0,26€	9	2,34€
Papel Fabricano de aguarela, 23x30,5cm, 200gr	7,54€	2	15,08€
Papel Vegetal Fernandes, A3	4,20€	1	4,20€
Pasta Arquivo Eco21, preto	1,40€	1	1,40€
Pasta modular branca da DAS	5,26€	16	84,18€
Pastel óleo da Giotto, 24	9,10€	3	27,3€
Pincel espatulado, nº 14, série 304	5,40€	2	10,80€
Pincel nº 4, série 303	2,26€	8	18,08€
Pincel nº8, série 303	3,47€	8	27,76€
Resma Papel A3, 80gr	6,49€	1	6,49€
Resma Papel A4, 80gr	3,27€	1	3,27€
Rolo Papel Cenário, 1x3m	3,64€	6	21,84€
Tempira guache Giotto: . Magenta . Azul Ciano . Amarelo . Branco . Preto	4,88€	1 x5 =5	24,4€
Tintas Acrílicas Winsor – . Process magenta . Process cyan . Process Yellow . Titanium White . Ivory Black	3,55€	2 x5=10	35,5€
UHU, Baton cola, 8gr	0,84€	1	0,84€

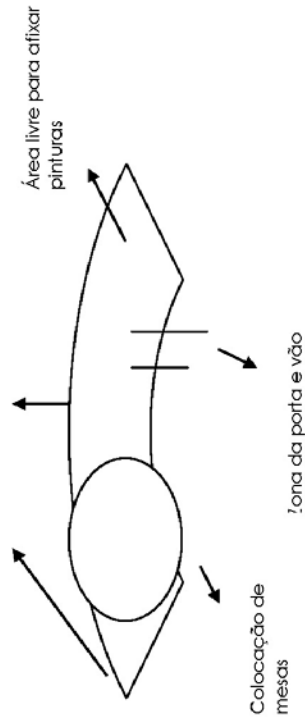
Doc. 2. 2ª Versão da Lista de Materiais.

06.11.07, página 1

Lista de materiais requeridos para o espaço aula:

- . 1 mesa individual para a professora junto à entrada (o mais possível).
- . 4 mesas duplas
- (não se requer mesa para a professora)
- . 9 cadeiras
- (professora incluída)
- . armário de duas portas com fechadura ou estante mista de prateleiras e portas em baixo com fechadura.
- . que seja confirmada se a iluminação é a adequada às actividades a realizar – luz suficiente, branca e que cubra toda a superfície da aula.
- . que seja certificada a adequada ventilação, pelo exaustor ou alteração do vão com grades.
- . pretende saber-se qual a proximidade à instalação sanitária o estabelecer o modo como se acede a água para limpeza de materiais, bem como saber qual a disponibilidade para a permanência de um balde e esfregona na sala de aula.

Armário numa destas 2 zonas



- . Em caso de dúvida é favor contactar a professora, obrigada.

11.11.07, página 5, 6, 7 e 8.

Planificação de aulas de Artes Criativas:

Proposta de Orientação Geral por Temáticas para o ano lectivo 2007/2008

- 1º Período . as dimensões do desenho o suporte, o processo, as técnicas e linguagem.
- 2º Período . o desenvolvimento de um percurso a análise, a transformação e o designio.
- 3º Período . o encontro com o objecto criativo, o volume, o objecto, a concretização do processo: da ideia à materialidade.

Calendário	Actividades	Competências/Objectivo
07 Dezembro	Apresentação.	
12 Dezembro	0: Abordagem ao Desenho: o Contorno enquanto comunicação.	Relação primeira: o eu e desenho – 1º passo.
14 Dezembro	1 : Abordagem ao Desenho: a Mancha, enquanto linguagem.	... - 2º passo.
2º Período		
04 Janeiro	2 : Abordagem ao Desenho: O Ponto.	... - 3º passo. [O entendimento da linguagem].
09 Janeiro		
11 Janeiro	3: O desenho em todas as suas vertentes. Desenho de vista.	... - 4º passo. [O real].
16 Janeiro	4: O auto-retrato.	... - 5º passo. [O confronto com o eu].
18 Janeiro	4: Abordagem experimental à pintura: A força do instinto/ o poder do Imaginário – tema livre.	... - 4º passo [Seguir o impulso].
23 Janeiro	4: Abordagem experimental à pintura: A força do instinto/ o poder do Imaginário – tema livre.	...

25 Janeiro	5: Abordagem à pintura, segundo o tema: " a Memória da paisagem".	... - 5º passo [A memória].
30 Janeiro	5: Abordagem à pintura, segundo o tema: " a Memória da paisagem".	...
01 Fevereiro	6: O guache – cores primárias e secundárias. Estudo da cor.	Relação segunda: eu, a visão e a minha mão.
08 Fevereiro	7: Composição a guache. O molde para azulejo: forma e composição. Técnica de artes decorativas.	Relação terceira: A mão e a sistematização.
13 Fevereiro	7: Padrão e composição.	Relação terceira: A mão e a sistematização.
15 Fevereiro	7: Continuação da aula anterior.	...
20 Fevereiro	8: A técnica da aguarela.	Relação quarta: Percepção/Precisão.
22 Fevereiro	8: Continuação da aula anterior.	...
27 Fevereiro	9: Escolha de uma pintura de autor. Conversa sobre o próximo projecto.	Relação de projecto: 1 percurso.
29 Fevereiro	9: A cópia: técnica a carvão.	... [Minúcia e Detalhe]
05 Março	9: Análise da composição.	... [Compreensão das Formas].
07 Março	9: Continuação da aula anterior. A ampliação como técnica (quadricula).	...
12 Março	9: A ampliação como técnica: transposição das figuras.	... [Noção de Escala]
14 Março	9: Continuação da aula anterior.	...
3º Período		
02 Abril	9: A pintura em acrílico: Reprodução de um quadro.	... [A cópia - método de abstracção.]
04 Abril	9: Continuação da aula anterior.	...

09 Abril	9: Continuação da aula anterior.	...
11 Abril	9: Continuação da aula anterior.	...
16 Abril	9: Conversa com os formadores. Aula de balanço da actividade realizada. Apresentação da actividade 10.	Parilha de experiências/Troca de impressões.
18 Abril	10: O desenho geométrico e abstracto. Intersecções de formas.	Desenvolvimento da abstracção.
23 Abril	10: Estudo do desenho geométrico – análise cromática. Papel e lápis.	Autonomia e opções de projecto.
30 Abril	10: Continuação da aula anterior.	
02 Maio	10: Passagem do desenho para o suporte: tela.	Repetição da a apreendizagem.
07 Maio	10: Aula de pintura.	...
09 Maio	10: Continuação da aula anterior.	...
14 Maio	10: Continuação da aula anterior.	...
16 Maio	10: Continuação da aula anterior.	...
21 Maio	11: Conversa sobre a actividade concluída. Apresentação da actividade 12.	Compreender e comparar.
23 Maio	12: A modelação. Técnicas: Por adição.	A linguagem do corpo, concepção mental aditiva.
28 Maio	12: Continuação da aula anterior.	...
30 Maio	12: Continuação da aula anterior. A modelação por subtracção.	...
04 Junho	12: A modelação por subtracção.	A linguagem do corpo, concepção mental subtrativa.
06 Junho	15: Os santos populares: Quadras e manjericos.	Noção de perfunça: a Festividade.

11 Junho	15: Os santos populares: Quadras e manjericos.	...
18 Junho	12: Continuação da aula de 04 de Junho.	...
20 Junho	12: Pintura em acrílico dos modelos.	Noção decorativa.
25 Junho	13: Conversa e balanço da actividade finda. Apresentação da actividade 14.	Compreender e comparar.
27 Junho	14: O poema como base de trabalho para a criação de um cenário: o desenho mural – o desenho urbano – o Espaço. "Uma janela para o mundo" – definição pessoal do projecto.	A transversalidade das artes. A sensibilidade como perspectiva e autonomia.
02 Julho	14: Continuação da aula anterior.	...
04 Julho	14: O Desenho da estrutura: continuação.	...
09 Julho	14: O Desenho da estrutura: continuação.	...
11 Julho	14: O preenchimento do espaço.	...
16 Julho	15: Aula de conclusão de trabalhos inacabados. Conversa final: retrospectiva das aprendizagens.	Auto e heiro-avaliação.

Doc. 4 Programa e planificação de actividades .

15ª semana

sumário data 09/04/08 aula nº 25 tempo 90 min
Continuação da aula anterior. (8)

notas

sumário data -/04/08 aula nº - tempo 90 min

notas
 A professora faltou, compensará a aula na próxima semana, onde se efectuaram as pinturas a acrílico.

16ª semana

sumário data 16/04/08 aula nº 26 tempo 90 min
A cópia e a grelha: técnica a carvão. (9)

notas

O R V faltou por motivos médicos.

sumário data 17/04/08 aula nº 27 tempo 90 min
Continuação da pintura a acrílico. (10)

notas

O R V faltou por motivos médicos.
 O L G chegou muito atrasado.

alunos	nacionalidade	p	09/03/08	p	-/04/08	p	16/04/08	p	17/04/08
8 A J	França - Côrsega								
2 A V	PI - Cabo Verde	F							
5 J V	Espanhol - Ceuta								
9 L G	França - Côrsega								
5 M F (2)	Brasil	F							
3 M F	PI - Cabo Verde								
7 P G	França - Côrsega								
6 R V	PI - Cabo Verde								

17ª semana

sumário data 18/04/08 aula nº 28 tempo 90 min
Continuação da aula anterior. (11)

notas

sumário data / / aula nº - tempo min

notas

18ª semana

sumário data 23/04/08 aula nº 29 tempo 90 min
Continuação da aula anterior. (12)

A Professora procurou incentivar os reclusos a concluírem os seus trabalhos, embora o grande desfasamento de ritmos.

notas

Houve a tentativa de integração do recluso N (Nº 99) nas actividades da aula. Tal não decorreu do melhor modo, tendo sido chamados os guardas para a sua remoção desta. Foi feita uma participação por parte da Professora no sentido, de que este, não torne às aulas de Artes.

sumário data 25/04/08 aula nº - tempo min

notas

Não houve aula - feriado.

alunos	nacionalidade	p	18/04/08	p	- / - / -	p	23/04/08	p	-/04/08
8 A J	França - Côrsega								
2 A V	PI - Cabo Verde	F							
5 J V	Espanhol - Ceuta								
9 L G	França - Côrsega								
5 M F (2)	Brasil	F							
3 M F	PI - Cabo Verde								
7 P G	França - Côrsega								
6 R V	PI - Cabo Verde	F							
9 N (2)	Português	-							(-)

Artes Criativas
Professora – Mariana Carrolo

19ª semana

sumário data 30/04/08 aula nº 30 tempo 90 min
Continuação da aula anterior. (13)

notas
O M F (Brasil) voltou a integrar as aulas, iniciando o trabalho seguinte, pela experimentação do desenho.
Os reclusos franceses foram a tribunal.

sumário data 02/05 /08 aula nº 31 tempo 90 min
Aula final. (14)
Alguns dos reclusos iniciaram estudos para o próximo trabalho.

notas
Os reclusos franceses foram a tribunal.
Nem todos os reclusos iniciaram hoje essa tarefa. O RV, P G e L G ainda não acabaram o trabalho anterior.

20ª semana

sumário data 07/05/08 aula nº 32 tempo 90 min

Estudos em desenho abstracto (pessoal). 1ª Fase do projecto a passar a tela – pintura. (1)

notas

sumário data 09/05/08 aula nº 33 tempo 90 min
Continuação da aula anterior. (2)

notas

Artes Criativas
Professora – Mariana Carrolo

21ª semana

sumário data 14/05/08 aula nº 34 tempo 90 min

Transposição dos desenhos geométricos elaborados por cada um, para as respectivas telas. (3)

notas
O J V elaborou de forma muito rápida e bem conseguida ao seu trabalho, que finalizou. O M F (Brasil) perturba a aula e embora advertido a "não ter conversas", insiste.
A professora tem vindo a refoçar os trabalhos anteriores que apresentação pequenos borrões.

sumário data 16/05/08 aula nº - tempo min

notas
Aula a ser compensada pela professora (1ª).

22ª semana

sumário data 21/05/08 aula nº - tempo min

notas
A pedido do estabelecimento a professora não deu aula (demonstração de squash) – aula a ser compensada (2ª).

sumário data 23/04/08 aula nº 35 tempo 90 min

Continuação da aula anterior – pintura das telas. (4)

notas
A professora propôs ao José a elaboração de outra tela de paisagem/abstracção.
O L G falou, talvez devido à presença de M F (Brasil). Este insiste em perturbar a aula, embora as advertências que lhe são feitas.

Nota: realizou-se a reunião relativa à exposição no dia 20.05.08, no EPM, com a participação da Doutora Manuela, Prof. Raquel H. da Silva, Dr. Jorge Alves, Chefe Marins e da Prof. Mariana.

alunos	nacionalidade	30/04/08	02/05/08	07/05/08	09/05/08
8 A J	França - Córsega	F	F		
2 A V	PI - Cabo Verde	F	F	F	
5 J V	Espanhol - Ceuta				
9 L G	França - Córsega	F	F		
5 M F (?)	Brasil				
3 M F	PI - Cabo Verde				
7 P G	França - Córsega	F	F		
6 R V	PI - Cabo Verde				

alunos	nacionalidade	14/05/08	-/05/08	-/05/08	23/05/08
8 A J	França - Córsega	P		P	
2 A V	PI - Cabo Verde	F			F
5 J V	Espanhol - Ceuta				
9 L G	França - Córsega				F
5 M F (?)	Brasil				(-)
3 M F	PI - Cabo Verde				
7 P G	França - Córsega				
6 R V	PI - Cabo Verde				

28ª semana

sumário data 11/07/08 aula nº 49 e 50 tempo 120 min
 Preenchimento de uma ficha de auto-avaliação.
 Balanço da disciplina e actividades realizadas.
 Aula livre.

notas
 A aula decorreu com grande animação e boa disposição.

29ª semana

sumário data 14/07/08
 A professora deslocou-se à Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho no sentido de emitir com a Professora Raquel Escórcia os diplomas dos reclusos.
 Reclusos considerados aptos à recepção do diploma (Centro de emprego e Novas Oportunidades):

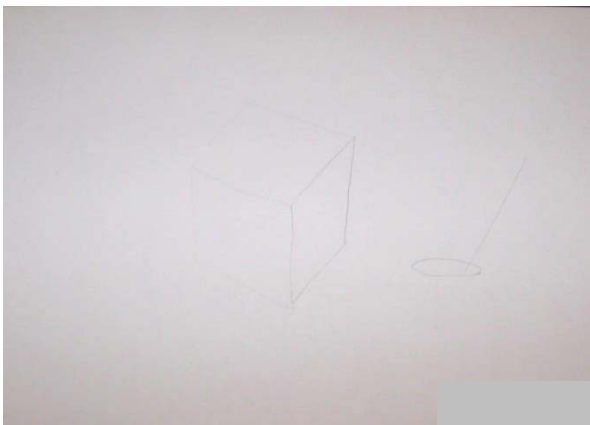
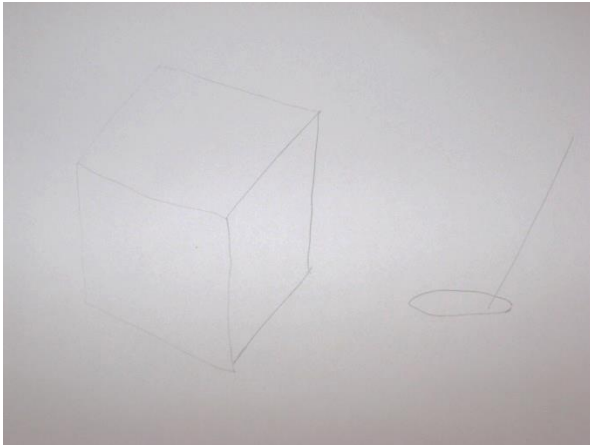
- A J;
 J V;
 L G;
 M F;
 P G;
 R V;

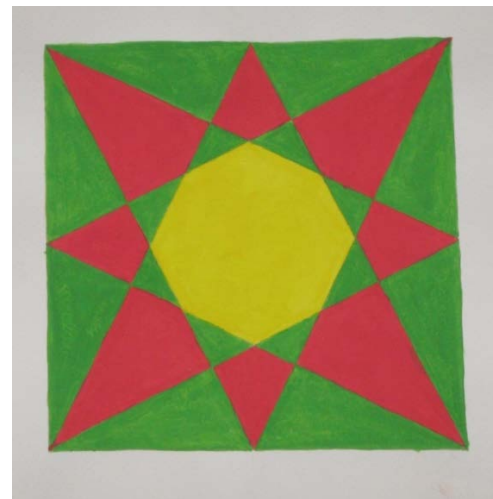
alunos	nacionalidade	p	11/07/08	p	p	p
8 A J	França - Córsega					P
2 A V	PI - Cabo Verde	F				
5 J V	Espanhol - Ceuta					
9 L G	França - Córsega					
5 M F (2)	Brasil	F				
3 M F	PI - Cabo Verde					
7 P G	França - Córsega					
6 R V	PI - Cabo Verde					

Doc. 6. Trabalhos realizados, no ano lectivo de 2007/2008, no EPM pelos seis reclusos que obtiveram a certificação em Artes Criativas, **AJ. RV. LG. AV. MF. PG. JV.**

[Os trabalhos foram fotografados com a máquina fotográfica do EPM, num tempo limitado e nas condições possíveis.]

[AJ . 2007/2008]





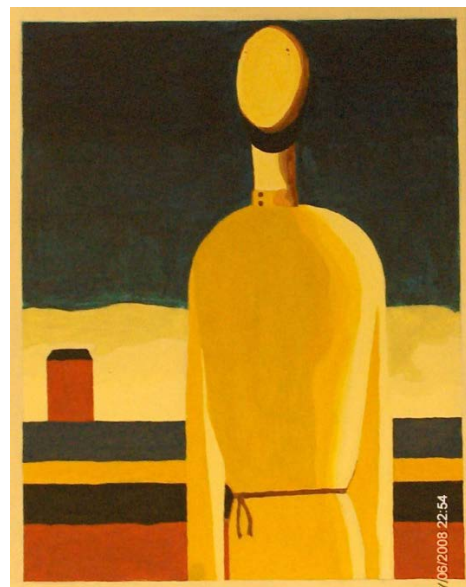
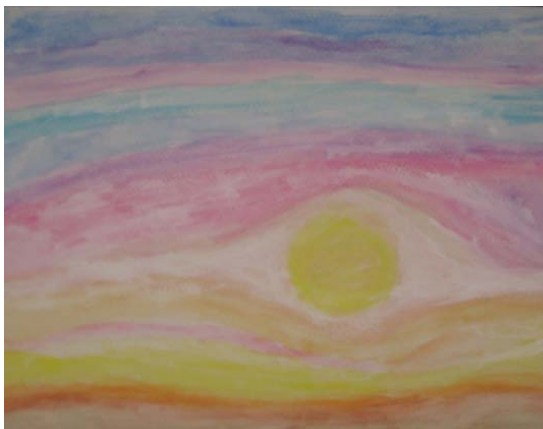
O guache: 1. Estudo da cor 2. Composição e padrão. 3. Molde para azulejo, cópia e transposição de suporte. (em cima)

A aguarela: 1. Experiência da cor em tema livre.(ao meio à esq.)

O pastel: : 1. Experiência da cor em tema livre. (em baixo à esq.)

Cópia de uma pintura de autor: 1. Cópia da obra de Kasimir Malevitch: Complex Presentiment (Half-figue in yellow shirt), 1928-1932. Estudo da obra, análise da composição e estudo da cor. Pintura em tinta acrílica. (ao meio à dta.)

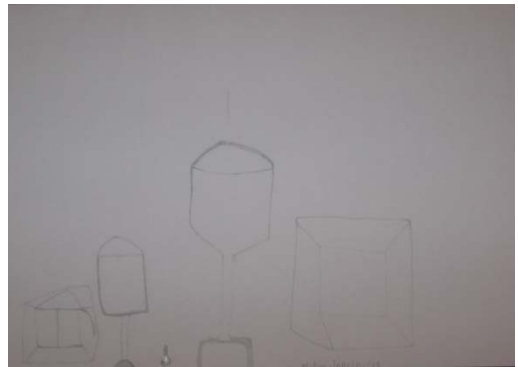
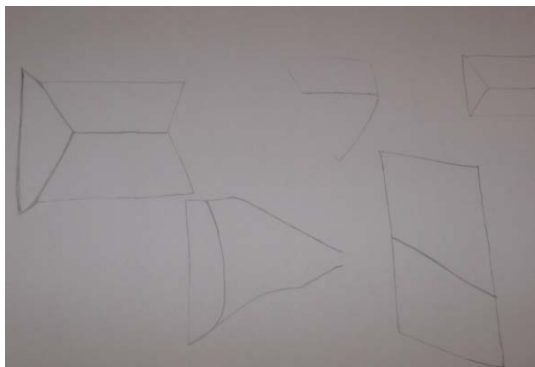
O desenho geométrico e abstracto: Desenho e pintura de um tema geométrico ou abstracto, em tinta acrílica (em baixo à dta.)



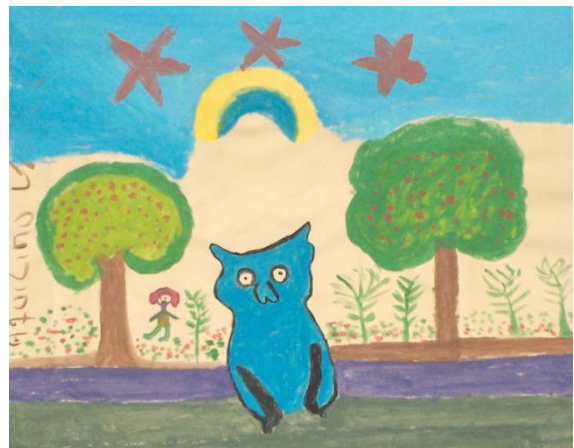
[AV . 2007/2008]



As dimensões do desenho: 1. O contorno enquanto comunicação (em cima à esq.) 2. O desenho: A mancha enquanto linguagem (em cima à dta.) 3. O desenho: O ponto enquanto linguagem (ao meio).

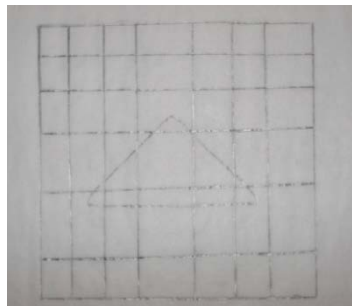


A Pintura: 1. O instinto e o impulso. (em cima à dta.) 2. A "memória da paisagem" (ao centro à esq.) 3. Tema livre (em baixo à dta.)

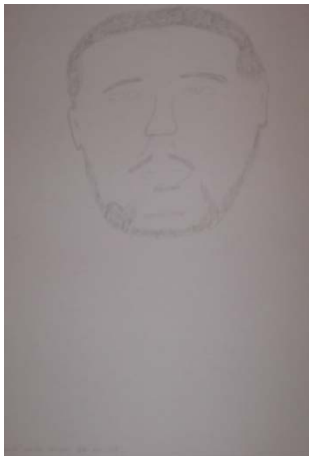


O guache: 1. Estudo da cor 2. Composição e padrão. 3. Molde para azulejo, cópia e transposição de suporte. (à esq.)

O pastel: : 1. Experiência da cor em tema livre. (em baixo à dta.)



[JV . 2007/2008]



As dimensões do desenho: 1. O desenho: A mancha enquanto linguagem (ao meio.) 2. O desenho: O ponto enquanto linguagem (em cima à dta.) 3. O auto-retrato (em cima à esq.)



As dimensões do desenho: 1. O desenho à vista, (2 exercícios, em cima).

A Pintura: 1. O instinto e o impulso. (à esq.) 2. A “memória da paisagem” (ao centro à esq.) 3. Tema livre (em baixo à dta.)

A aguarela: 1. Experiência da cor em tema livre (em baixo à esq.)



O guache: 1. Estudo da cor 2. Composição e padrão. 3. Molde para azulejo, cópia e transposição de suporte. (em cima)

Cópia de uma pintura de autor: 1. Cópia da obra de Franz Marc: Horse in a landscape, 1910. Estudo da obra, análise da composição e estudo da cor. Pintura em tinta acrílica. (ao meio à esq.)

A Pintura abstracta: Pintura directa de um tema parcialmente abstracto, em tinta acrílica (em baixo à dta.)

A Pintura de uma paisagem: pintura directa.





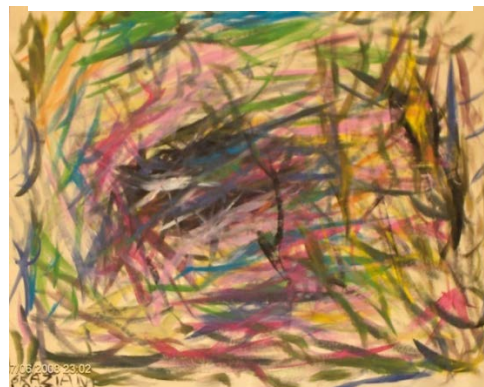
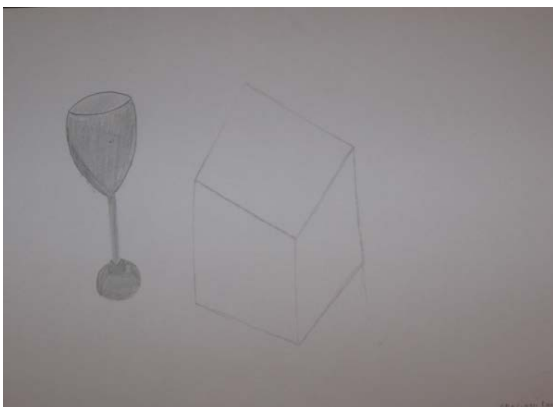
[LG . 2007/2008]



As dimensões do desenho: 1. O desenho: O ponto enquanto linguagem (à esq.) 2. O auto-retrato e a ampliação (em cima).

As dimensões do desenho: 1. O desenho à vista, (1 exercício, à esq.).

A Pintura: 1. O instinto e o impulso. (em baixo)





O guache: 1. Estudo da cor 2. Composição e padrão. 3. Molde para azulejo, cópia e transposição de suporte. (em cima)

A aguarela: 1. Experiência da cor em tema livre. (ao meio à esq.)

Cópia de uma pintura de autor: 1. Cópia da obra de Henri Matisse, Large reclining nude, 1935. Estudo da obra, análise da composição e estudo da cor. Pintura em tinta acrílica. (em baixo)



[MF . 2007/2008]

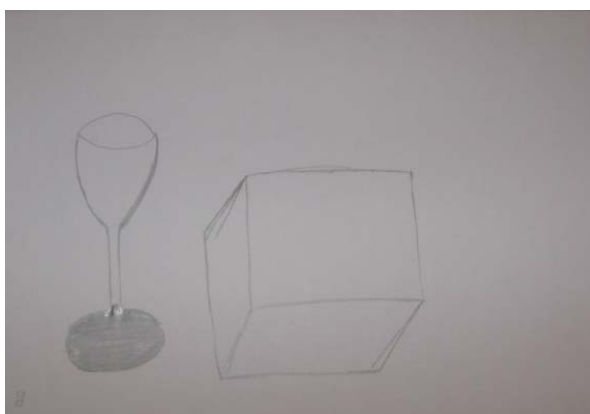
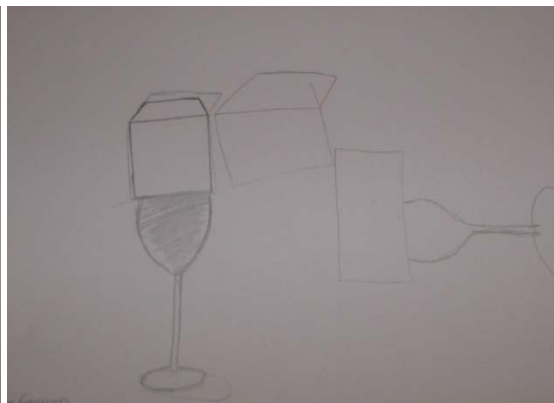
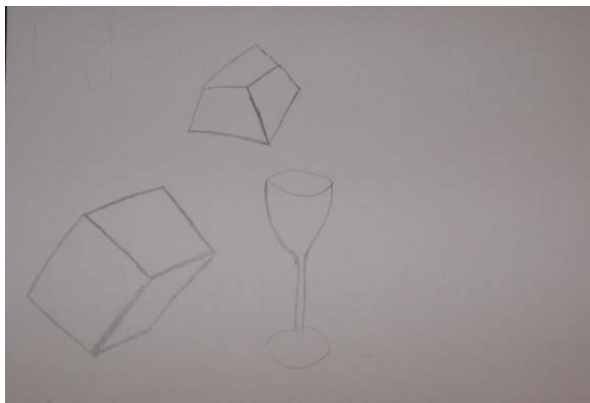


As dimensões do desenho:

1. O desenho: O ponto enquanto linguagem (ao meio à esq.) 2. O auto-retrato (ao meio à dta.)

As dimensões do desenho:

1. O desenho à vista, (3 exercícios, em baixo).



A Pintura: 1. O instinto e o impulso. (em cima à esq.) 2. A “memória da paisagem” (em cima à dta.) 3. Tema livre (em baixo à e.).

O guache: 1. Estudo da cor 2. Composição e padrão.



A aguarela: 1. Experiência da cor em tema livre.(em cima à esq.)

A Modelação: 1. Experiência de modelação pelo método aditivo e subtrativo(em cima ao centro e à dta.).



Cópia de uma pintura de autor: 1. Cópia da obra de Joan Miró: Abstract Figure Art, 1st/2nd grade. Estudo da obra, análise da composição e estudo da cor. Pintura em tinta acrílica. (ao meio à esq.)

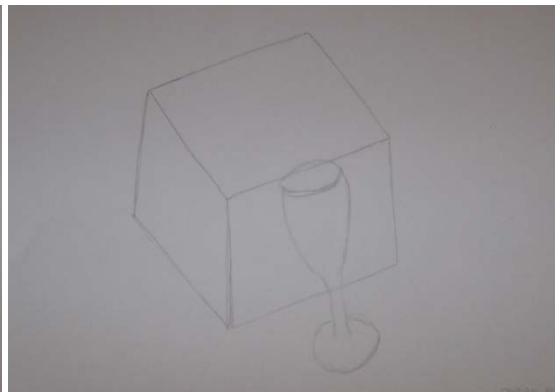
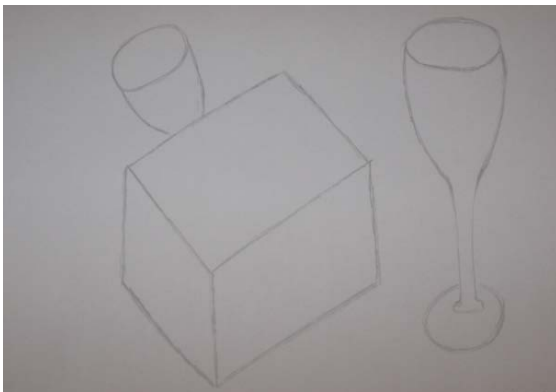
O desenho geométrico e abstracto: Desenho e pintura de um tema geométrico ou abstracto, em tinta acrílica (em baixo à esq.)



[PG . 2007/2008]



As dimensões do desenho: 1. O contorno enquanto comunicação (em cima ao centro) 2. O desenho: A mancha enquanto linguagem (em cima à dta.) 3. O desenho: O ponto enquanto linguagem (ao meio) 4. O auto-retrato (em cima à dta.).



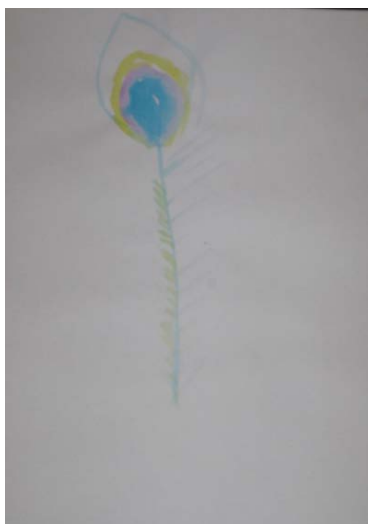
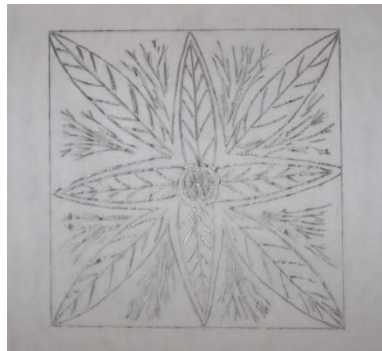
As dimensões do desenho: 1. O desenho à vista, (3 exercícios, à dta.).



A Pintura: 1. O instinto e o impulso. (em cima à esq.) 2. A “memória da paisagem” (em cima à dta.) 3. Tema livre (em baixo à esq.).



Cópia de uma pintura de autor: 1. Cópia da obra de Amadeo de Souza Cardoso: Le Sault du Lapin, 1911. Estudo da obra, análise da composição e estudo da cor. Pintura em tinta acrílica. (ao meio à dta.).



O guache: 1. Estudo da cor 2. Composição e padrão. 3. Molde para azulejo, cópia e transposição de suporte. (em cima)

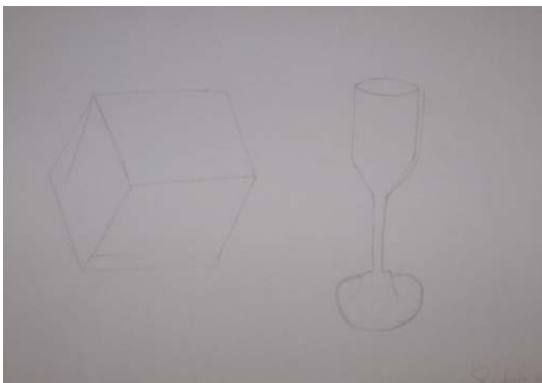
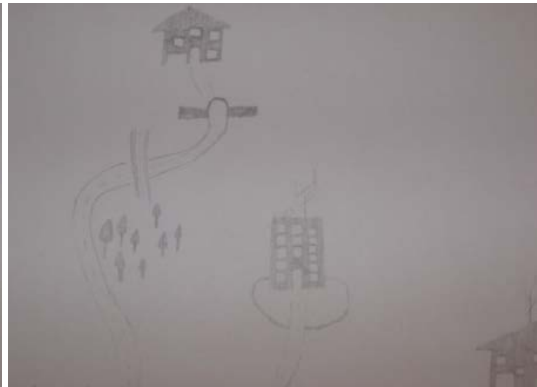
A aguarela: 1. 3 Experiências da cor em tema livre.(ao meio)

O desenho geométrico e abstracto: Desenho e pintura de um tema geométrico ou abstracto, em tinta acrílica (em baixo).

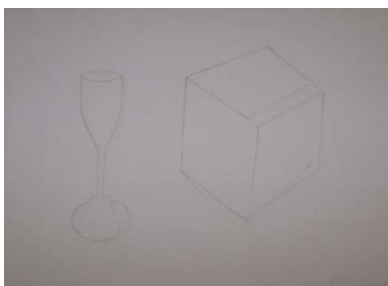
[RV . 2007/2008]

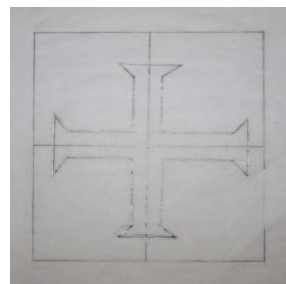
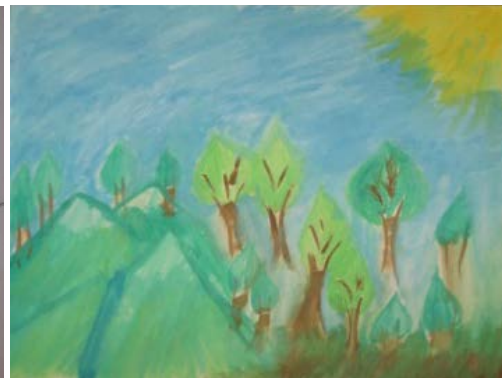


As dimensões do desenho: 1. O contorno enquanto comunicação (em baixo à esq.). 2. O desenho: A mancha enquanto linguagem (em baixo à dta.) 3. O auto-retrato (em cima)



As dimensões do desenho: 1. O desenho à vista, (5 exercícios).





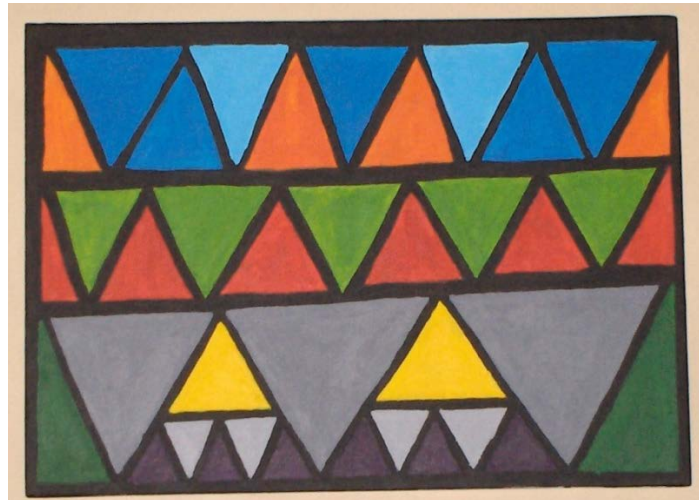
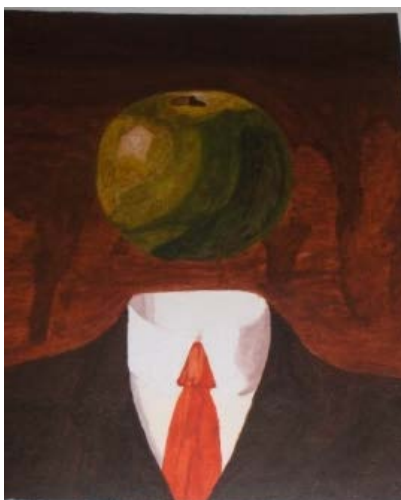
A Pintura: 1. O instinto e o impulso. (em cima à esq.).

O pastel: : 1. Experiência da cor em tema livre. (em cima à dta.).

O guache: 1. Estudo da cor 2. Composição e padrão. 3. Molde para azulejo, cópia e transposição de suporte. (em cima)

Cópia de uma pintura de autor: 1. Cópia da obra de René Magritte: L'Idée, 1966. Estudo da obra, análise da composição e estudo da cor. Pintura em tinta acrílica. (ao meio à dta.)

O desenho geométrico e abstracto: Desenho e pintura de um tema



Nº de sessões: 55

Duração por sessão: 90 minutos

Aulas práticas: 90 horas

Frequência: 2 vezes por semana. Às quartas e sextas-feiras, das 15 horas às 16 e 30.

Aluno: 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9

Nota: A escala de 1 a 5 designa: 1 para mau
2 para insuficiente
3 para suficiente
4 para bom
5 para muito bom

1. Autoavaliação

(a) Como avalia, de 1 a 5, o resultado final de trabalhos realizados, em Artes Criativas:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, o empenho pessoal em efectuá-los:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(c) Como avalia, de 1 a 5 (muito difícil), o grau de dificuldade dos trabalhos propostos/realizados:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(d) Como avalia o interesse nas actividades propostas:

Muito
Nem muito, nem pouco
Pouco

2. Avaliação do desempenho da Professora

(a) Como avalia, de 1 a 5, o seu desempenho global, ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, a sua capacidade comunicativa e de explicação das actividades:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(c) Como avalia, de 1 a 5, o acompanhamento dos trabalhos por parte da professora:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(d) Como avalia, de 1 a 5, a relação professor-aluno desenvolvida ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

3. Avaliação da disciplina

(a) Como avalia, de 1 a 5, o interesse intelectual da disciplina:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, o interesse lúdico da disciplina?

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(c) Que avaliação faz da experiência desenvolvida:

Muito agradável
'Fique'
Normal
Indiferente
Aborrecida

(d) Que outras actividades, dentro da área artística e criativa, gostaria de ter desenvolvido ou vir a desenvolver?

.....
.....
.....

(e) Considera que a disciplina lhe desenvolveu o gosto e sensibilidade pelas Artes?

.....
.....
.....

(f) Considera que o "as aulas de arte" devem ter um carácter imposto ou livre?

.....
.....
.....

(g) Em que medida a disciplina foi igual ou diferente a outras experiências artísticas tidas?

.....
.....
.....

(h) Como avalia, de 1 a 5, os conteúdos e actividades propostas pela disciplina?

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(i) Reflexão/Observação Pessoal/Sujeitos:

.....
.....
.....
.....
.....

Doc. 7. Ficha de Avaliação de Artes Criativas (Julho 2008):

a) Modelo da ficha de avaliação em português e francês

b) Ficha de avaliação de avaliação preenchidas pelos reclusos

c) Ponderação e apresentação dos resultados obtidos.

Évaluation: traduction en Français

Nombre de séances: 55

Durée des séances: 90 minutes

Classes pratiques: 90 heures

Fréquences: 2 fois par semaine – mercredi et vendredi, de 15h00 jusqu'à 16h30.

Echelle d'évaluation: 1 - mauvais; 2 - insuffisant; 3 - suffisant; 4 - bien; 5 - très bien.

1. Auto-évaluation

- (a) Faites votre évaluation, de 1 à 5, quand au résultat finale des travaux réalisés en Arts Créatives.
- (b) Faites votre évaluation, de 1 (peu difficile) à 5 (très difficile), quand au degré de difficulté des activités proposées/réalisées.
- (c) Faites votre évaluation, de 1 à 5, quant à l'effort/motivation personnel dans sa réalisation.
- (d) Faites votre évaluation sur l'intérêt des activités proposées: -beaucoup; -comme si, comme ça; -peu.

2. Évaluation de la "performance" du prof.

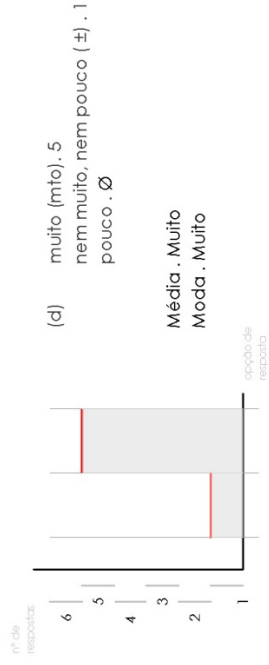
- (a) Faites votre évaluation, de 1 à 5, de la "performance" global du prof. tout au long de l'année.
- (b) Faites votre évaluation, de 1 à 5, de sa capacité de communication et d'exposition des activités.
- (c) Faites votre évaluation, de 1 à 5, de l'attitude du prof. par rapport à sa disponibilité d'accompagner la réalisation des activités.
- (d) Faites votre évaluation, de 1 à 5, de la relation pédagogique établie entre prof, et élèves.

3. Évaluation de la Discipline

- (a) Faites votre évaluation, de 1 à 5, sur l'intérêt intellectuel de la discipline.
- (b) Faites votre évaluation, de 1 à 5, sur l'intérêt ludique de la discipline.
- (c) Faites votre évaluation de l'expérience développée. Elle a été: - "super", agréable, normal, indifférente, déçue.
- (d) Est-ce que vous aimeriez développer d'autres activités dans le domaine artistique et créative?
- (e) Est-ce que vous considerez que la discipline vous à permis développer le gout e la sensibilité artistiques?
- (f) Est-ce que vous considerez que les "classes d'arts" doivent avoir des activités de caractère imposé ou bien de caractère libre/experimental?
- (g) Dans quelle mesure la discipline a été égale, ou bien, différente des autres expériences que vous avez déjà eu?
- (h) Faites votre évaluation, de 1 à 5, des contenus et activités de la discipline proposés.
- (i) Reflexions/Observations personnelles/Suggestions.

Total de perguntas: 17
 Resposta aberta: 3
 Resposta fechada: 15

Dimensão da amostra: 6 reclusos
 Apresentação de resultados numéricos e gráficos.
 Análise dos resultados sujeita a reflexão.

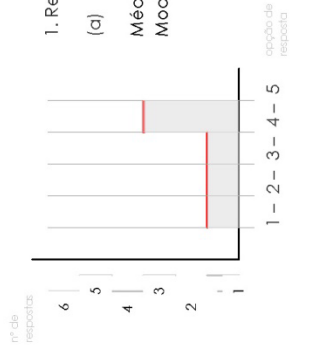


Média . Muito
 Moda . Muito

1. Respostas à Autoavaliação

(a) 2; 3; 4; 5; 5; 5

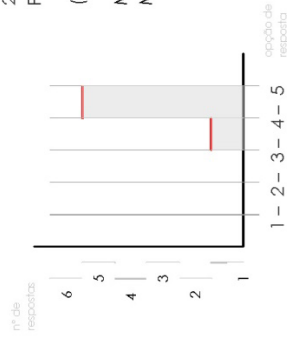
Média . 4
 Moda . 5



2. Respostas à Avaliação do desempenho da Professora

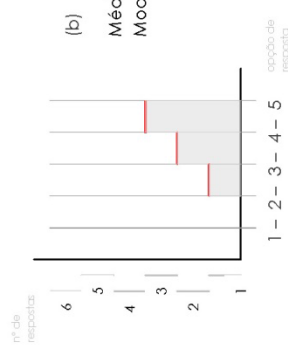
(a) 4; 5; 5; 5; 5; 5

Média . 4,8
 Moda . 5



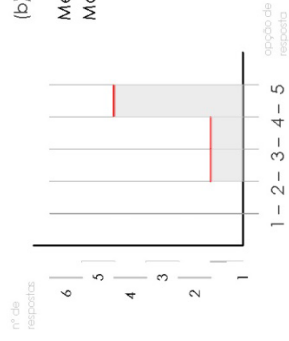
(b) 3; 4; 4; 5; 5; 5

Média . 4,3
 Moda . 5



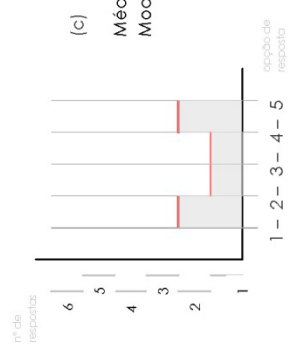
(b) 3; 4; 5; 5; 5; 5

Média . 4,5
 Moda . 5



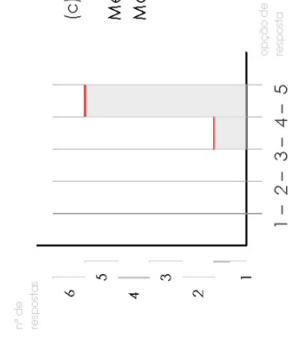
(c) 2; 2; 3; 4; 5; 5

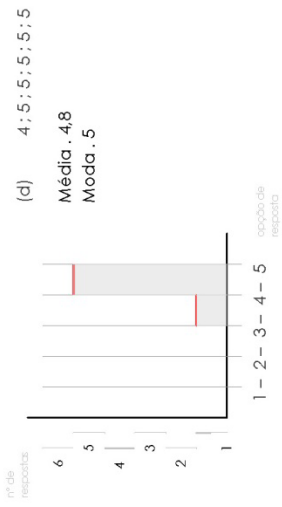
Média . 3,5
 Moda . Ø



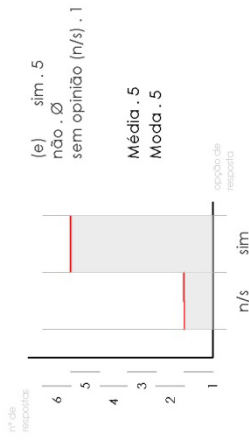
(c) 4; 5; 5; 5; 5; 5

Média . 4,8
 Moda . 5





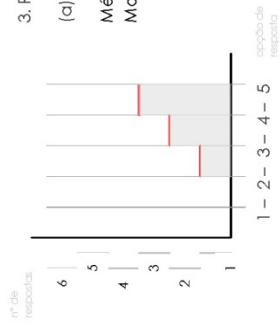
(d) olaria/barro
olaria/cerâmica
mosaicos/azulejo
azulejo/espelho
fotografia/cerâmica
sem opinião



3. Respostas a Avaliação da disciplina

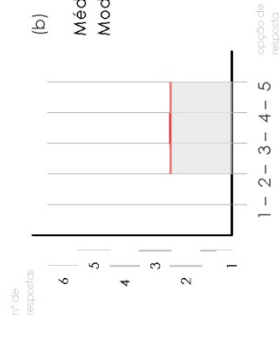
(a) 3; 4; 4; 5; 5; 5

Média . 4,3
Moda . 5



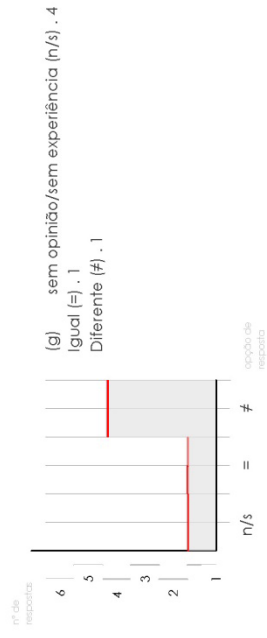
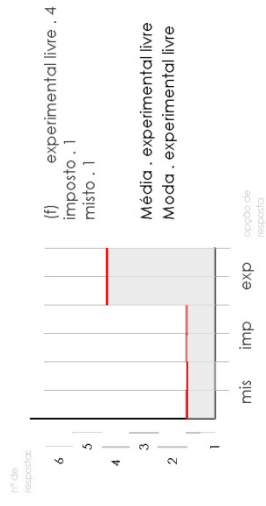
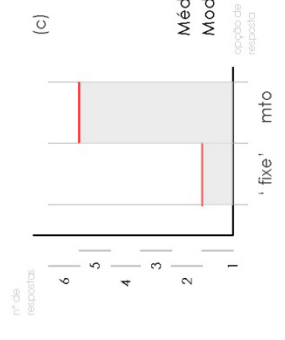
(b) 3; 3; 4; 4; 5; 5

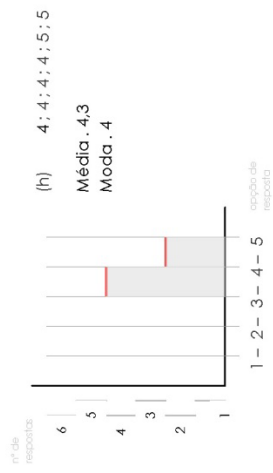
Média . 4
Moda . 0



(c) muito agradável . 5
'fixe' . 1
normal . 0
indiferente . 0
aborrecida . 0

Média . muito agradável
Moda . muito agradável





- (i)
- . positivo e muito bom.
 - . quer continuar.
 - . elogiam a professora e a disciplina como pedagógica.
 - . diferente de outras actividades porque são responsáveis pela criação do início ao fim do trabalho.

Ficha avaliativa da disciplina de
Artes Criativas, por aluno.
Recluso I: p. 1/3

Nº de sessões: 55
Duração por sessão: 90 minutos

Aulas práticas: 90 horas
Frequência: 2 vezes por semana. Às quartas e sextas-feiras, das 15 horas às 16 e 30.

Aluno: 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9

Nota: A escala de 1 a 5 designa: 1 para mau
2 para insuficiente
3 para suficiente
4 para bom
5 para muito bom

1. Autoavaliação

(a) Como avalia, de 1 a 5, o resultado final de trabalhos realizados, em Artes Criativas:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, o empenho pessoal em efectuá-los:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(c) Como avalia, de 1 a 5 (muito difícil), o grau de dificuldade dos trabalhos propostos/realizados:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(d) Como avalia o interesse nas actividades propostas:

Muito

Nem muito, nem pouco

Pouco

X

2. Avaliação do desempenho da Professora

(a) Como avalia, de 1 a 5, o seu desempenho global, ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, a sua capacidade comunicativa e de explicação das actividades:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(c) Como avalia, de 1 a 5, o acompanhamento dos trabalhos por parte da professora:

1 - 2 - 3 - 4 - ⑤

(d) Como avalia, de 1 a 5, a relação professor-aluno desenvolvida ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - ⑤

3. Avaliação da disciplina

(a) Como avalia, de 1 a 5, o interesse intelectual da disciplina:

1 - 2 - 3 - 4 - ⑤

(b) Como avalia, de 1 a 5, o interesse lúdico da disciplina?

1 - 2 - 3 - 4 - ⑤

(c) Que avaliação faz da experiência desenvolvida:

Muito agradável

'Fixe'

Normal

Indiferente

Aborrecida

X

(c) Que outras actividades, dentro da área artística e criativa, gostaria de ter desenvolvido ou vir a desenvolver?

Gostaria de desenvolver mais o trabalho na área de fotografia e cerâmica.

(d) Considera que a disciplina lhe desenvolveu o gosto e sensibilidade pelas Artes?

Sim, que despertou em mim o gosto pela arte que estava adormecido.

(e) Considera que o "as aulas de arte" devem ter um carácter imposto ou livre?

Penso que ambas fazem parte das aulas de arte, porque há que haver algo imposto, por vezes, e o imposto pela obra, desde que ela tenha a intenção de fazer algo diferente de fazer algo imposto por ela.

(f) Em que medida a disciplina foi igual ou diferente a outras experiências artísticas tidas?

Recluso I: p. 3/3

*... muito... expressão... com a... e...
... de... em... e...
... com... de... e...*

(g) Como avalia, de 1 a 5, os conteúdos e actividades propostas pela disciplina?

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(h) Reflexão/Observação Pessoal/Sugestões:

*... que... uma... que...
... de... e...
... e...
... que...
... e...
... que...
... muito de ser aluno da Escola Mariana.*

Inquérito . Ficha avaliativa da disciplina de Artes Criativas, por aluno. Recluso II: p. 1/3

Nº de sessões: 55
Duração por sessão: 90 minutos

Aulas práticas: 90 horas
Frequência: 2 vezes por semana. Às quartas e sextas-feiras, das 15 horas às 16 e 30.

Aluno: 1-2-3-4-5-6-~~7~~-8-9

Nota: A escala de 1 a 5 designa: 1 para mau
2 para insuficiente
3 para suficiente
4 para bom
5 para muito bom

1. Autoavaliação

(a) Como avalia, de 1 a 5, o resultado final de trabalhos realizados, em Artes Criativas:

1-2-~~3~~-4-5

(b) Como avalia, de 1 a 5, o empenho pessoal em efectua-los:

1-2-~~3~~-4-5

(c) Como avalia, de 1 a 5 (muito difícil), o grau de dificuldade dos trabalhos propostos/realizados:

1-2-3-4-~~5~~

(d) Como avalia o interesse nas actividades propostas:

Muito
Nem muito, nem pouco
Pouco

<input checked="" type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

2. Avaliação do desempenho da Professora

(a) Como avalia, de 1 a 5, o seu desempenho global, ao longo do ano lectivo:

1-2-3-4-~~5~~

(b) Como avalia, de 1 a 5, a sua capacidade comunicativa e de explicação das actividades:

1-2-3-4-~~5~~

(c) Como avalia, de 1 a 5, o acompanhamento dos trabalhos por parte da professora:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(d) Como avalia, de 1 a 5, a relação professor-aluno desenvolvida ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

3. Avaliação da disciplina

(a) Como avalia, de 1 a 5, o interesse intelectual da disciplina:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, o interesse lúdico da disciplina?

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(c) Que avaliação faz da experiência desenvolvida:

Muito agradável

'Fixe'

Normal

Indiferente

Aborrecida

<input checked="" type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

(c) Que outras actividades, dentro da área artística e criativa, gostaria de ter desenvolvido ou vir a desenvolver?

...qui j'aimerais faire de la poterie
.....
.....

(d) Considera que a disciplina lhe desenvolveu o gosto e sensibilidade pelas Artes?

...oui ça apporte au plus
...evident au Niveau de la
Sensibilité artistique
.....
.....

(e) Considera que o "as aulas de arte" devem ter um carácter imposto ou livre?

...je pense que c'est mieux à
caractères expérimental
.....
.....

(f) Em que medida a disciplina foi igual ou diferente a outras experiências artísticas tidas?

La difference est que l'on doit être
conscient de son travail pour
pouvoir être le meilleur etc. Sait

(g) Como avalia, de 1 a 5, os conteúdos e actividades
propostas pela disciplina?

1-2-3-4-5

(h) Reflexão/Observação Pessoal/Sugestões:

J'ai trouvé que c'est très bien pour
la créativité et j'espère que
l'année prochaine nous aurons
accès à nouveau à cette discipline
avec le même professeur qui est
très compétent et très sympathique

Inquérito . Ficha avaliativa da disciplina de Artes Criativas, por aluno. Recluso III: p. 1/3

Nº de sessões: 55

Duração por sessão: 90 minutos

Aulas práticas: 90 horas

Frequência: 2 vezes por semana. Às quartas e sextas-feiras, das 15 horas às 16 e 30.

Aluno: 1-2-3-4-5-6-7-8-9

Nota: A escala de 1 a 5 designa: 1 para mau

2 para insuficiente

3 para suficiente

4 para bom

5 para muito bom

1. Autoavaliação

(a) Como avalia, de 1 a 5, o resultado final de trabalhos realizados, em Artes Criativas:

1-2-3-4-5

(b) Como avalia, de 1 a 5, o empenho pessoal em efectua-los:

1-2-3-4-5

(c) Como avalia, de 1 a 5 (muito difícil), o grau de dificuldade dos trabalhos propostos/realizados:

1-2-3-4-5

(d) Como avalia o interesse nas actividades propostas:

Muito

Nem muito, nem pouco

Pouco

<input checked="" type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

2. Avaliação do desempenho da Professora

(a) Como avalia, de 1 a 5, o seu desempenho global, ao longo do ano lectivo:

1-2-3-4-5

(b) Como avalia, de 1 a 5, a sua capacidade comunicativa e de explicação das actividades:

1-2-3-4-5

(c) Como avalia, de 1 a 5, o acompanhamento dos trabalhos por parte da professora:

1-2-3-(4)-5

(d) Como avalia, de 1 a 5, a relação professor-aluno desenvolvida ao longo do ano lectivo:

1-2-3-4-(5)

3. Avaliação da disciplina

(a) Como avalia, de 1 a 5, o interesse intelectual da disciplina:

1-2-3-(4)-5

(b) Como avalia, de 1 a 5, o interesse lúdico da disciplina?

1-2-(3)-4-5

(c) Que avaliação faz da experiência desenvolvida:

Muito agradável

'Fixe'

Normal

Indiferente

Aborrecida

X

(c) Que outras actividades, dentro da área artística e criativa, gostaria de ter desenvolvido ou vir a desenvolver?

oui j'aimerais essayer la poterie

(d) Considera que a disciplina lhe desenvolveu o gosto e sensibilidade pelas Artes?

non je ne pense pas que ~~non~~ que je sois encore arriver

(e) Considera que o "as aulas de arte" devem ter um carácter imposto ou livre?

je pense que la classe doit être imposée

(f) Em que medida a disciplina foi igual ou diferente a outras experiencias artisticas tidas?

Recluso III: p. 3/3

La discipline a été différente
des autres activités. Elle n'a
même pas proposé parce que nous avons
notre propre travail du début à la fin.

(g) Como avalia, de 1 a 5, os conteúdos e actividades
propostas pela disciplina?

1-2-3-4-5

(h) Reflexão/Observação Pessoal/Sugestões:

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Inquérito . Ficha avaliativa da disciplina de Artes Criativas, por aluno. Recluso IV: p. 1/3

Nº de sessões: 55

Duração por sessão: 90 minutos

Aulas práticas: 90 horas

Frequência: 2 vezes por semana. Às quartas e sextas-feiras, das 15 horas às 16 e 30.

Aluno: 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9

Nota: A escala de 1 a 5 designa: 1 para mau

2 para insuficiente

3 para suficiente

4 para bom

5 para muito bom

1. Autoavaliação

(a) Como avalia, de 1 a 5, o resultado final de trabalhos realizados, em Artes Criativas:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, o empenho pessoal em efectuá-los:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(c) Como avalia, de 1 a 5 (muito difícil), o grau de dificuldade dos trabalhos propostos/realizados:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(d) Como avalia o interesse nas actividades propostas:

Muito

Nem muito, nem pouco

Pouco

<input type="checkbox"/>
<input checked="" type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

2. Avaliação do desempenho da Professora

(a) Como avalia, de 1 a 5, o seu desempenho global, ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, a sua capacidade comunicativa e de explicação das actividades:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(c) Como avalia, de 1 a 5, o acompanhamento dos trabalhos por parte da professora:

1 - 2 - 3 - 4 - (5)

(d) Como avalia, de 1 a 5, a relação professor-aluno desenvolvida ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - (5)

3. Avaliação da disciplina

(a) Como avalia, de 1 a 5, o interesse intelectual da disciplina:

1 - 2 - 3 - 4 - (5)

(b) Como avalia, de 1 a 5, o interesse lúdico da disciplina?

1 - 2 - 3 - 4 - (5)

(c) Que avaliação faz da experiência desenvolvida:

- Muito agradável
- 'Fixe'
- Normal
- Indiferente
- Aborrecida

X

(c) Que outras actividades, dentro da área artística e criativa, gostaria de ter desenvolvido ou vir a desenvolver?

... Arte

(d) Considera que a disciplina lhe desenvolveu o gosto e sensibilidade pelas Artes?

... Si

(e) Considera que o "as aulas de arte" devem ter um carácter imposto ou livre?

... Livre

(f) Em que medida a disciplina foi igual ou diferente a outras experiências artísticas tidas?

Recluso IV: p. 3/3

.....
.....
.....

(g) Como avalia, de 1 a 5, os conteúdos e actividades propostas pela disciplina?

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(h) Reflexão/Observação Pessoal/Sugestões:

.....
Ninguma
.....
.....
.....
.....

Inquérito . Ficha avaliativa da disciplina de Artes Criativas, por aluno. Recluso V: p. 1/3

Nº de sessões: 55

Duração por sessão: 90 minutos

Aulas práticas: 90 horas

Frequência: 2 vezes por semana. Às quartas e sextas-feiras, das 15 horas às 16 e 30.

Aluno: 1 - 2 - ~~3~~ - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9

Nota: A escala de 1 a 5 designa: 1 para mau

2 para insuficiente

3 para suficiente

4 para bom

5 para muito bom

1. Autoavaliação

(a) Como avalia, de 1 a 5, o resultado final de trabalhos realizados, em Artes Criativas:

1 - 2 - 3 - 4 - ~~5~~

(b) Como avalia, de 1 a 5, o empenho pessoal em efectua-los:

1 - 2 - 3 - 4 - ~~5~~

(c) Como avalia, de 1 a 5 (muito difícil), o grau de dificuldade dos trabalhos propostos/realizados:

1 - ~~2~~ - 3 - 4 - 5

(d) Como avalia o interesse nas actividades propostas:

Muito

Nem muito, nem pouco

Pouco

<input checked="" type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

2. Avaliação do desempenho da Professora

(a) Como avalia, de 1 a 5, o seu desempenho global, ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - ~~5~~

(b) Como avalia, de 1 a 5, a sua capacidade comunicativa e de explicação das actividades:

1 - 2 - ~~3~~ - 4 - 5

(c) Como avalia, de 1 a 5, o acompanhamento dos trabalhos por parte da professora:

1 - 2 - 3 - 4 - (5)

(d) Como avalia, de 1 a 5, a relação professor-aluno desenvolvida ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - (5)

3. Avaliação da disciplina

(a) Como avalia, de 1 a 5, o interesse intelectual da disciplina:

1 - 2 - 3 - 4 - (5)

(b) Como avalia, de 1 a 5, o interesse lúdico da disciplina?

1 - 2 - 3 - (4) - 5

(c) Que avaliação faz da experiência desenvolvida:

Muito agradável

'Fixe'

Normal

Indiferente

Aborrecida

X

(c) Que outras actividades, dentro da área artística e criativa, gostaria de ter desenvolvido ou vir a desenvolver?

AJULEIRO e espelho

(d) Considera que a disciplina lhe desenvolveu o gosto e sensibilidade pelas Artes?

SIM

(e) Considera que o "as aulas de arte" devem ter um carácter imposto ou livre?

LIVRE

(f) Em que medida a disciplina foi igual ou diferente a outras experiências artísticas tidas?

Recluso V: p. 3/3

FOI IGUAL MAS Á UNICA DIFERENÇA
É QUE NUNCA TIVE EXPERIÊNCIA
COM A PASTA DE BARRO

(g) Como avalia, de 1 a 5, os conteúdos e actividades propostas pela disciplina?

1-2-3-4-5

(h) Reflexão/Observação Pessoal/Sugestões:

POSITIVO.....
.....
.....
.....
.....

Inquérito . Ficha avaliativa da disciplina de Artes Criativas, por aluno. Recluso VI: p. 1/3

Nº de sessões: 55

Duração por sessão: 90 minutos

Aulas práticas: 90 horas

Frequência: 2 vezes por semana. Às quartas e sextas-feiras, das 15 horas às 16 e 30.

Aluno: 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9

Nota: A escala de 1 a 5 designa: 1 para mau

2 para insuficiente

3 para suficiente

4 para bom

5 para muito bom

1. Autoavaliação

(a) Como avalia, de 1 a 5, o resultado final de trabalhos realizados, em Artes Criativas:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, o empenho pessoal em efectuá-los:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(c) Como avalia, de 1 a 5 (muito difícil), o grau de dificuldade dos trabalhos propostos/realizados:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(d) Como avalia o interesse nas actividades propostas:

Muito

Nem muito, nem pouco

Pouco

<input checked="" type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

2. Avaliação do desempenho da Professora

(a) Como avalia, de 1 a 5, o seu desempenho global, ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, a sua capacidade comunicativa e de explicação das actividades:

1 - 2 - 3 - 4 - 5

(c) Como avalia, de 1 a 5, o acompanhamento dos trabalhos por parte da professora:

1 - 2 - 3 - 4 - (5)

(d) Como avalia, de 1 a 5, a relação professor-aluno desenvolvida ao longo do ano lectivo:

1 - 2 - 3 - 4 - (5)

3. Avaliação da disciplina

(a) Como avalia, de 1 a 5, o interesse intelectual da disciplina:

1 - 2 - 3 - (4) - 5

(b) Como avalia, de 1 a 5, o interesse lúdico da disciplina?

1 - 2 - 3 - (4) - 5

(c) Que avaliação faz da experiência desenvolvida:

Muito agradável

'Fixe'

Normal

Indiferente

Aborrecida

<input checked="" type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

(c) Que outras actividades, dentro da área artística e criativa, gostaria de ter desenvolvido ou vir a desenvolver?

... MOSAICO - AZULEJO

(d) Considera que a disciplina lhe desenvolveu o gosto e sensibilidade pelas Artes?

... ou "Sim"

(e) Considera que o "as aulas de arte" devem ter um carácter imposto ou livre?

... A caractere experimental

(f) Em que medida a disciplina foi igual ou diferente a outras experiencias artisticas tidas?

Recluso VI: p. 3/3

.....
.....
.....

(g) Como avalia, de 1 a 5, os conteúdos e actividades propostas pela disciplina?

1-2-3-4-5

(h) Reflexão/Observação Pessoal/Sugestões:

.....
.....

Muito Bom

A professora tem uma capacidade de comunicação
em pedagogia e em trabalhar com os alunos
que se mantém durante o ano lectivo?

III. Documentos do curso de Artes Criativas 2009/2010 e os desenhos dos reclusos.

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

Lista de Materiais para a disciplina de extra-escolar de Artes Criativas/Decorativas, para o ano lectivo de 2007 /2008:

Material	Unidades
Aguarela Pelikan, 22 unidades	02
Apara-lápis M+R, alumínio	02
Borracha Linex, er5 branca	02
Cartão Tela, 25x35cm	16
Conjunto de10 micas Bantex, ref. ext. 204108	01
Esferográfica Pentel BK 77, Preto	07
Esquadro Fernandes, conj. 2, 45° + 60° com bolsa	04
Fita adesiva Fernandes, transparente 12x33	02
Godés Giotto	05
Lápis de cor Pelikan, 24	04
Lápis preto mars lumograph, 3b	04
Lápis preto mars lumograph, 6b	04
Lápis preto noris 2, HB	09
Papel Fabriano de aguarela, 23x30.5cm, 200gr	02
Papel Vegetal Fernandes, A3	01
Pasta Arquivo Eco21, preto	01
Pasta modular branca da DAS	16
Pastel óleo da Giotto, 24	03
Pincel espatulado, nº14, série 304	02
Pincel nº 4, série 303	08
Pincel nº8, série 303	08
Resma Papel A3, 80gr	01
Resma Papel A4, 80gr	01
Rolo Papel Cenário, 1x3m	06
Tempra guache Giotto:	01 x05 =05
Magenta	
Azul Ciano	
Amarelo	
Branco	
Preto	
Tintas Acrílicas Winsor –	02 x05=10
Process magenta	
Process cyan	
Process Yellow	
Titanium White	
Ivory Black	
UHU, Baton cola, 8gr	01

Aquarela Pelikan, 22 unidades	
Apara-lápis M+R, alumínio	
Borracha Linex,	05
Cartão Tela, 25x35cm	
Cartão Tela (24x30)	15
Cartão Tela (50x60)	07
Tinta China Pelikan Preta	01
Pincel nº 12	
Espátula	04
Tintas Acrílicas Galeria	
Pasta Modular	07
Cartolina Branca	
Pincéis nº 14, 04 e 08	
Resma A4	
Lápis preto 3B, 6B e Noris 2 HB	

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

Novembro 2009

Lista de materiais requeridos para o espaço aula:

1 Mesa individual para a professora junto à entrada (o mais possível).

4 Mesas duplas

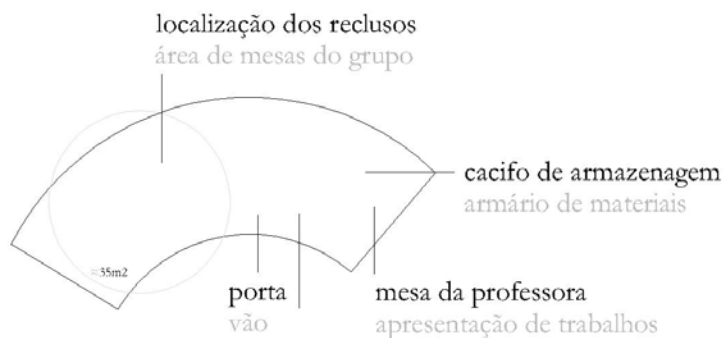
7 Cadeiras

. Armário de duas portas com fechadura ou estante mista de prateleiras e portas em baixo com fechadura.

. Que seja confirmada se a iluminação é a adequada às actividades a realizar – luz suficiente, branca e que cubra toda a superfície da aula.

. Que seja certificada a adequada ventilação, pelo exaustor ou alteração do vão com grades.

. Pretende saber-se qual a proximidade à instalação sanitária o estabelecer o modo como se acede a água para limpeza de materiais, bem como saber qual a disponibilidade para a permanência de um balde e esfregona na sala de aula.



Artes Criativas

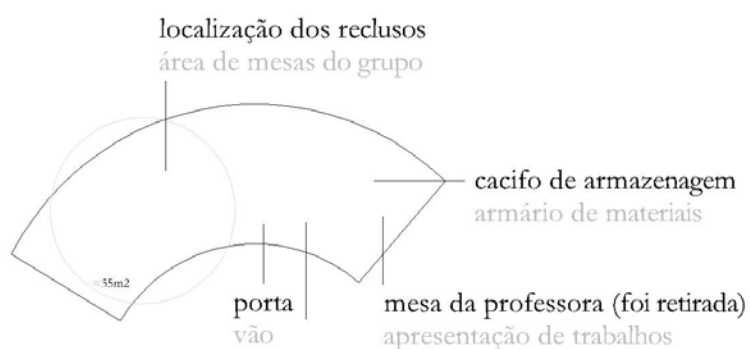
Professora . Mariana Carrolo

Dezembro 2009

Lista de materiais presentes no espaço aula:

4 Mesas duplas

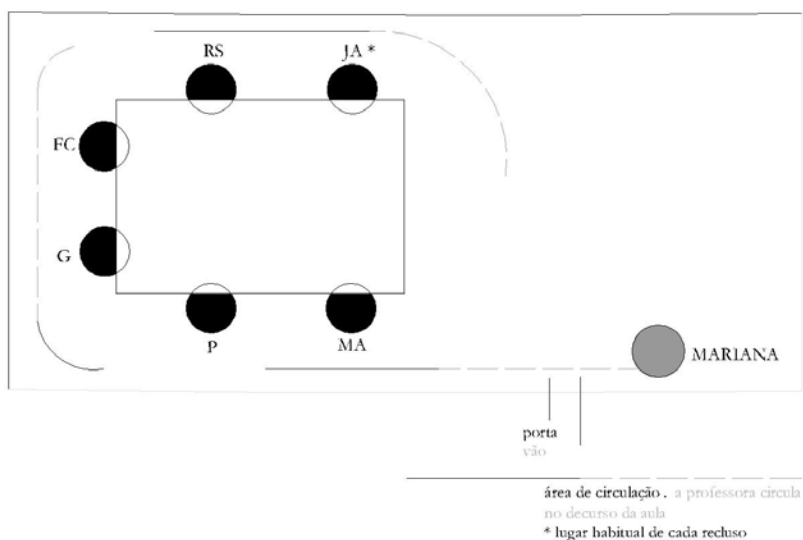
7 Cadeiras



Ocupação da sala de aula:

Os lugares adoptados pelos reclusos

O trajecto e movimentação na sala de aula como metodologia adoptada pela professora.



Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

1ª Semana

Sumário 09/11/2009 aula nº 01 tempo 120 minutos

Aula de apresentação: foi apresentado o tema da tese de doutoramento, “Arquitectura prisional portuguesa: forma, experiência e representação do espaço. O Estabelecimento Prisional de Monsanto” e o projecto a desenvolver com os reclusos como ‘trabalho de campo – investigação’, enquanto aulas práticas de artes plásticas e seu programa, metodologia e objectivos.

A medido do EPM foram apresentados dois concursos de pintura aos reclusos: ‘Postais de Natal’ e ‘Fado património imaterial – UNESCO’.

Notas

Nos dias que precederam a aula de apresentação deram-se dois encontros. O primeiro deles com a Dra. M T e Dr. J A de modo a determinarem-se os reclusos a participarem no projecto bem como toda a logística de materiais, regulamentos e logística necessários para o curso. O segundo com o Director do EPM.

Observações gerais de aula

A aula decorreu sem incidentes.

A aula iniciou-se com um cumprimento (passou-bem) e identificação das partes.

Os reclusos adoptaram na sala de aula as posições/lugares por si escolhidos (↻ RS, CG, GP, FC, JA).

Mantiveram-se atentos e sem conversas paralelas.

Reagiram mal à apresentação do tema por receios identificados como: receio de serem instrumentalizados na participação: ‘Serem cobaias’. Entenderem que o facto de viverem no EPM é suficientemente mau para acharem ainda pior terem de representá-lo, pensá-lo ou senti-lo na aula. Procurei dissuadi-los indicando que a apresentação do projecto visava, desde logo, garantir a transparência e que, o intuito das aulas era garantir confiança no processo. Foram indicados os temas a trabalhar e, garantido que, os trabalhos a realizar não seriam sistematicamente sobre o EPM. O único recluso que invocou desistir e se opôs determinantemente foi CG.

Alunos		09/11/2009	
1	CG	73	X
2	FC	89	X
3	JA	92	X
4	MA	105	
5	G	87	X
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

2ª Semana

Sumário 16/11/2009 aula nº 02 tempo 120 minutos
 A pedido do EPM foi lançado o desafio 'Postais de Natal 2009', para o concurso do Ministério da Justiça.

Notas

O dia da aula foi alterado da sexta-feira para a segunda-feira, entre as 09:30H e as 11:30H.

Foram seleccionados dois cartões de natal distintos. Um para o concurso do Ministério da Justiça e outro para uso interno do EPM – RC e FC.

O recluso CG ofereceu três desenhos à Professora: A cela; a ideia da cela; o natal. Pela segunda vez CG solicitou que pudesse comparecer às aulas, não participando delas de igual forma que os demais reclusos e propondo trabalhos livres para si mesmo – o pedido foi recusado. Dá indicação de abandonar as aulas (deixará em breve também o EPM).

Observações

Foram facultados os suportes (folha A4, 160gr.) com a esquadria de 15x15cm para o desenho e elaboração de um postal de natal individual, para posterior selecção.

Devido à escassez de tempo para a efectuação dos postais foi sugerido o uso de técnica mista – lápis de cor, cera e pastel – com o menor recurso possível a carvão (HB, 3B e 6B) e borracha, de modo que a proposta dos cartões de natal do EPM tivessem um carácter 'mais' abstracto e, fossem adoptados elementos de cor, mancha e simbologias simples, em vez dos tradicionais elementos figurativos e alusivos ao natal. Os reclusos aderiram bem à sugestão, desprendendo-se dos temas mais comuns da época e encontrando significados mais adaptados ao natal prisional e ao próprio significado da época.

Produziram-se trabalhos com temas próximos a:

- . A estrela/O cometa de luz;
- . Os brinquedos infantis;
- . Bouquet de flores;
- . O pai natal em vitral;
- . Os reis magos cruzam o deserto – paisagem.

	Alunos		16/11/2009
1	CG	73	X
2	FC	89	X
3	JA	92	X
4	MA	105	
5	G	87	X
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

3ª Semana

Sumário 23/11/2009 aula nº 03 tempo 120 minutos

O desenho figurativo: o retrato. A representação do outro. Método livre.

O desenho figurativo: o sapato. A representação do objecto. Método sugerido.

- A necessidade do atento entendimento e correcta captação da coisa para a sua formulação mental e seguinte transposição em forma. O problema do olhar, ver e reparar -.

Notas

O recluso CG, como antes anunciado deixou de comparecer às aulas. O ambiente na sala de aula melhorou, havendo menos dispersão e tensão entre os reclusos e maior participação positiva comigo. A integração faz-se bem e depressa. Os códigos entre pares correctamente mantidos e é estabelecida uma salutar confiança, patente nos trabalhos, pedidos de ajuda e humor. A aula nunca decorre em silêncio, mas sem quaisquer conversas paralelas – articulam-se os assuntos e a participação deles. Os reclusos são interessados e briosos – colocam questões sobre o tema e procuram soluções activamente. Não se lamentam, não apontam limitações suas e reagem bem às críticas.

Observações

Durante a primeira parte da aula, o exercício proposto tinha dois objectivos distintos. O primeiro desses objectivos era o exercitar o olhar e a atenção através de uma proposta de carácter afectivo.

Cada recluso desenhar um colega e/ou a professora – a opção ficou a cargo de cada um. O exercício foi um veículo para a promoção das relações interpessoais, definição das ‘regras da sala de aula’ e os seus limites e o espaço de convívio. Através do outro e do olhar o outro, na sua diferença mas, também, a sua especificidade. Pelo diálogo foi possível identificar situações como: proporção/simetria/parecença/distorção.

Neste sentido, cada qual desenhou o 1º retrato da parte para o todo (fruta) ou do todo para a parte (cesto). Foi pedido um 2º retrato cumprindo o pressuposto contrário – revelando as naturais tendências de acuidade e método de cada um.

Ao desenharem ‘como sabem’, revelam no diálogo os elementos constitutivos presentes no rosto e, o erro. Mas também o que elegem, como optam, porque optam, como pensam.

A segunda parte da aula pretendeu demonstrar que é possível captar o todo, e representá-lo em continuum, sem recurso à borracha, assumindo o erro como processo constitutivo do entendimento e persecução da forma.

Captar o todo, como estrutura, libertando o movimento e agilizando a mão e a velocidade do pensamento.



	Alunos		23/11/2009
1	CG	73	
2	FC	89	X
3	JA	92	X
4	MA	105	
5	G	87	
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

5ª Semana

Sumário 07/12/2009 aula nº 04 tempo 120 minutos

O desenho figurativo: o modelo e a mão.

A assinatura: exercício com 2 partes, a primeira assinatura 'com a mão confiante' (dextra), as seguintes com a outra (canhoto).

Notas

Alguns reclusos optaram por ir ao pátio grande e outro recluso foi presente ao médico. Foi uma aula muito propícia ao diálogo, à exposição de dúvidas e de proximidade com os reclusos, colocando os seus desenhos em confronto e retirando, em conjunto, as elações possíveis.

Observações

A aula foi interessante pela proximidade estabelecida com os 2 reclusos presentes. Colocaram questões, assumiram uma posição de destaque face aos colegas ausentes e acabaram por mostrar-se agradados, embora a dificuldade do exercício, em com ele prosseguir. A questão central do exercício prendia-se de novo com a questão do todo – o modelo – e a mão – a parte – em que o modelo não está à escala real mas a mão sim e ambos têm a mesma altura. Foi explicado que deveriam entender a representação como uma composição e que esta deverá estar organizada no suporte bidimensional e portanto relacionadas.

Do ponto de vista de JA tal foi facilmente ultrapassado ao compreender esta questão do todo como uma estrutura matemática – por comparação com a música – passando a adoptar a folha A4 correctamente como esboço – criação dessa constelação totalizante – e na folha A3 desenhando já com um quadro mental estabelecido (e acabando por fazê-lo de memória). No caso de RS o princípio foi o contrário. Mostra-se-lhe impossível desenhar essa constelação e necessita partir de um pormenor – dos pés – para ir desenvolvendo o desenho, como somatório de partes. Devido a estas particularidades de entendimento do objecto foi pedido o exercício da assinatura de modo a que, eles próprios, de modo simples, se vissem retratados nesse registo e na forma como o concebem.

A pedido dos reclusos introduziremos mais aulas para o estudo da mancha, entendida como sombra nas próximas aulas.

	Alunos		07/12/2009
1	CG	73	
2	FC	89	
3	JA	92	X
4	MA	105	
5	G	87	
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

6ª Semana

Sumário 14/12/2009 aula nº 05 tempo 120 minutos

O desenho figurativo: o modelo e a mão. Continuação.

A assinatura: exercício com 2 partes, a primeira assinatura 'com a mão confiante' (dextra), as seguintes com a outra (canhoto).

Notas

A aula decorreu a dois ritmos. Enquanto alguns reclusos, já tendo finalizado o modelo, se dedicaram à representação da mão, FC iniciou o modelo.

Observações

A representação da mão mostrou-se um exercício mais difícil de representar que o do modelo. Questionados sobre a grande dificuldade em representar a mão, não souberam identificar o motivo. Tentou-se que vissem a sua proporção e as inter-relações. Desde logo, mas com grande dificuldade encontraram os erros e as distorções patentes em cada 'pensamento'. Nota-se a grande capacidade de JA para olhar o todo e estabelecer as suas proporções enquanto uma estrutura solidária e onde passo a passo, do maior para o menor avança. Já no caso de RS a mão mostrou-se obstáculo intransponível e deveras complexo.

No caso de FC este captou a essência do modelo num breve instante. Colocou os pensamentos na folha A4 por ordem, autocorrigindo-se, com um traço firme, expressivo e quase 'fotográfico'. A sua capacidade de memória é notória e consegue, em diferentes objectos e formas de representar colocar o seu cunho pessoal, muito claramente perceptível no seu traço. Também da mesma forma o exercício da assinatura mostrou esse olhar minucioso, uma letra desenhada e persistente. Repete sem problemas e tende a corrigir o que detecta mal – é sensível às deformações e desproporções, é sensível ao objecto e à ideia de modulação enquanto processo de trazer a forma ao visível.

Alunos		14/12/2009	
1	CG	73	
2	FC	89	X
3	JA	92	X
4	MA	105	
5	G	87	
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

7ª Semana

Sumário 21/12/2009 aula nº 06 tempo 120 minutos

O desenho figurativo: a natureza morta (maçã e pêra) – aproximação aos sólidos e à abstracção.

As sombras e os volumes.

Questões de espaço e sua representação.

A assinatura: exercício com 2 partes, a primeira assinatura ‘com a mão confiante’ (dextra), as seguintes com a outra (canhoto).

Notas

O aumento do número de participantes da actividade trouxe uma nova dinâmica à aula. Alguns dos reclusos encontram-se numa fase mais adiantada dos desenhos e entendimento dos objectivos e exercícios propostos, outros vêm-se deslocados e procuram compreender os códigos já estabelecidos e aceites pelos demais.

Observações

G já esteve presente e rapidamente iniciou o desenho respondendo positivamente e evoluindo. P mostra grandes dificuldades de sociabilidade e de aceitação do que é proposto e quer atenção. Do ponto de vista da atitude e comportamento na sala de aula P mostra-se também aquém da participação dos demais. MA adaptou-se muito bem à aula e ao discurso, participou correctamente, evoluiu de desenho em desenho e pareceu interessado e discreto.

FC recuperou muito bem o atraso e resolveu com atenção e interesse o exercício da mão.

JA e RS com os novatos iniciaram também a natureza morta. RS mostra-se relutante no desenho à vista, não aplicando o que lhe é explicado – ainda assim têm interesse e desenvolve, ao seu modo, os exercícios. Já procura executar os pedidos feitos e têm curiosidade na resolução.

O exercício da assinatura revelou mais uma vez os traços gerais dos alunos. Penso que P não conseguirá integrar-se e acompanhar o ritmo e dinâmica criada na sala de aula.

	Alunos		21/12/2009
7	P	xx	X
2	FC	89	X
3	JA	92	X
4	MA	105	X
5	G	87	X
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

9ª Semana

Sumário 04/01/2010 aula nº 07 tempo 120 minutos

O desenho figurativo: a natureza morta (maçã e pêra) – aproximação aos sólidos e à abstracção.

A linguagem visual não figurativa e o sentido do geométrico.

O domínio da volumetria. A tridimensionalidade em suporte bidimensional.

A procura da espacialidade: O Cubo opaco branco e o copo azul. A construção do espaço e a organização da visualidade e estruturação mental.

O que o olho vê? O que o cérebro sabe?

Inquérito 01.

Notas

JA não pôde comparecer à aula. Todos os outros foram e participaram de forma empenhada. Reagiram positivamente à entrega do Inquérito e ao pedido de colaboração. Foi-me pedido que cedesse material para que pudessem trabalhar a partir da cela.

Tomei as diligências com o Dr. JA para que se distribua papel A3, lápis de carvão e, 6 lápis de cor, por recluso.

Observações

Grande parte da aula foi dedicado a falar do programa e da planificação das mesmas. Foi de novo referido o intuito do projecto das aulas e da tese a manifesto o interesse da participação deles. Ficou delineado que os exercícios mais específicos à tese ficariam como trabalho de cela, deixando para a aula as técnicas especiais e os exercícios mais dependentes da professora.

O exercício do cubo correu com a dificuldade espectável mas com suficiente interesse por parte deles. G conseguiu um trabalho muito coerente, consciente e auto-corrigido. FC sentiu dificuldades 'ao ser enganado pelo que já sabe'. MA acompanhou sem problemas e RS embora a dificuldade clara empenhou-se e reteve conhecimentos. As dificuldades de P mantêm-se patentes – o próprio sólido e as suas características e comportamentos são-lhe desconhecidos. Após uma chamada de atenção, mais exaustiva, compreendeu a necessidade de se concentrar e tomar a postura corporal correcta.

	Alunos		04/01/2010
7	P	xx	X
2	FC	89	X
3	JA	92	
4	MA	105	X
5	G	87	X
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

10ª Semana

Sumário 11/01/2010 aula nº 08 tempo 120 minutos

Devolução do Inquérito 1 preenchido.

O auto-retrato. Fim do módulo.

TPC: A cela e Inquérito 2.

Notas

Existiu um pedido prévio ao Chefe dos Guardas para podermos utilizar durante a aula as fotografias relativas ao processo de cada um.

Ocorreu também pedido similar para dotar cada recluso de folhas A3 e lápis para poder desenhar na cela.

Perante a extradição de FC no final do mês, foram-lhe facultados todos os exercícios de modo a que, ao seu critério os perfaça, da melhor maneira.

Observações

À aula deixou de comparecer P – tal era previsto face às dificuldades do recluso. Foi dado a conhecer à professora o pedido de G começar a trabalhar – ainda não há data prevista - e com isso deixará de participar nas aulas. JC e G entregaram o inquérito 2. RS perdeu o documento e solicitou um novo. MA esqueceu-se e, JA tinha faltado na aula anterior sendo-lhe entregue o documento a preencher.

Foi-lhes entregue o inquérito 2 bem como um bloco de folhas e um conjunto de 12 lápis (facultado por mim) para efectuarem os trabalhos solicitados fora de aula. Todos se prontificaram a colaborar na elaboração dos desenhos.

O pedido de acesso às fotografias deles foi aceite pela Direcção mas demorado, pelo que efectuaram as representações de memória e através de apalpação de modo a efectuarem os auto-retratos.

Os desenhos surgiram com alguma dificuldade.

O restante tempo foi utilizado a explicar situações relativas à próxima aula – espaço e linguagem em vistas.

	Alunos		11/01/2010
7	P	xx	X
2	FC	89	X
3	JA	92	X
4	MA	105	X
5	G	87	X
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

11ª Semana

Sumário 18/01/2010 aula nº 09 tempo 120 minutos
 Compreensão e visualização do Espaço. Conversa com os reclusos e recolha de experiências e informações. Comentário individual e debate entre todos sobre os trabalhos elaborados em cela. Plantas, cortes e alçados – como se articulam?

Notas

Foi entregue a RS o inquérito 1. Foi recolhido o inquérito 1 de MA e recolhido o inquérito 2. Avaliação das condições do material de tpc e recolha dos trabalhos. Situação de conflito entre a professora e o P. Foi solicitado aos guardas que retirassem da sala de aula o recluso.

Observações

A aula não decorreu de forma tranquila. Os reclusos entregaram os trabalhos feitos na cela. Adoptaram-se os seus exemplos como modo de se explicarem os conteúdos dos diferentes tipos de registo, os diferentes desenhos apresentados e as situações de erro, de intenção, ou dificuldade de expressão. O recluso P manteve o comportamento adoptado até ali. Manifesta o seu desinteresse na disciplina e nos exercícios em aula abertamente. Mantém o comportamento corporal impróprio, fala alto e sobrepõe-se à professora ainda e depois de se ter sido amplamente chamada a atenção. Pegou na garrafa de Guache e simulou bater com ela no MA. Pedi aos guardas que levassem o recluso. Indiquei aos demais reclusos que me sentia, pela relação estabelecida até aqui com eles, obrigada a justificar-lhes o ocorrido: o cansaço sistemático, as alusões constantes e chamadas de atenção, o baralho ensurdecido provocado pela teimosia de falar alto e inadequadamente por cima da professora causando um enorme eco dentro do recinto. O manifesto e sistemático desinteresse, as piadas pouco correctas a atitude corporal enquanto sentado, esbracejando e impondo-se. Disse que só ia à aula para não estar na cela e que não entendia porque não podia brincar. RS pediu que não existissem implicações disciplinares para P, pelo ocorrido. Garanti que não. Não foi feita qualquer participação e o recluso desistiu por si da actividade.

Alunos

18/01/2010

7	P	xx	X
2	FC	89	X
3	JA	92	X
4	MA	105	X
5	G	87	X
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

14ª Semana

Sumário 08/02/2010 aula nº 11 tempo 120 minutos
Teoria da cor. Apresentação da técnica do guache.
Experiência livre.

Notas

O recluso G e MA deixaram de comparecer às aulas por motivos externos à mesma, embora G tenha indicado o desejo de continuar.

Observações

À aula apresentaram-se os três reclusos. Foram apresentadas as desculpas, pela Professora ao recluso FC pelo sucedido (mais uma vez, como já anteriormente feito). FC e JA prontificaram-se a apresentar os desenhos. A aula decorreu sem qualquer incidente ou problema. Extremamente tranquila mostrou-se produtiva e permitiu conversar sobre as paisagens e as memórias, bem como sobre a técnica apresentada. FC aguarda transferência de EP para Espanha.

08/02/2010

Alunos

7			
2	FC	89	X
3	JA	92	X
4			
5			
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

15ª Semana

Sumário 15/02/2010 aula nº 12 tempo 120 minutos

Paisagem livre, instinto ou memória. Desenho a guache.

Notas

A aula decorreu só com os 3 reclusos.

Foi questionado a RS e JA quais seriam os potenciais pintores de interesse para o próximo exercício.

Última aula de FC.

Observações

A aula decorreu de forma muito tranquila e participada. Os reclusos mantêm-se interessados e conversam entre si e com a professora, de forma muito agradável e risonha. Estabelece-se uma boa relação de confiança entre os intervenientes.

A técnica apresentada não foi muito apreciada por nenhum dos três. Apresentaram dificuldades na elaboração dos tons secundários e terciários, facilmente conseguindo cores ‘desinteressantes’ ou inversamente sentindo-se desiludidos com a pouca opacidade e ‘estranha’ luminosidade das cores puras. Tiveram dificuldade em conceber conjuntos de tonalidades harmoniosas nos desenhos, bem como pouca sensibilidade ao problema forma/fundo deixando o fundo da cor do papel.

15/02/2010

Alunos

7			
2	FC	89	X
3	JA	92	X
4			
5			
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

16ª Semana

Sumário 22/02/2010 aula nº - tempo 120 minutos
A Professora faltou (motivo de doença).

Notas

O recluso FC foi transferido para Espanha durante esta semana.

Observações

22/02/2010

Alunos

7

2

3

4

5

6

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

18ª Semana

Sumário 08/03/2010 aula nº 14 tempo 120 minutos
Aquarela. Exercício de Dripping.
Desenho de paisagem: Deserto, floresta ou mar.

Notas

A aula decorreu com os 2 reclusos.
Foi solicitado ao Dr. J A nova participação de reclusos. Foi questionado a MA e G o seu regresso à actividade. G anuiu.

Observações

A aula decorreu com 'grande à vontade'. A Professora havendo considerado que os objectivos com a aquarela não haviam sido atingidos propôs nova actividade com o mesmo material, sugerindo nova técnica de aplicação.
Os resultados foram mais positivos e os reclusos experimentaram a técnica de forma mais solta.

08/03/2010

Alunos

7			
2			
3	JA	92	X
4			
5			
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

19ª Semana

Sumário

15/03/2010

aula nº - tempo 120 minutos

A Professora faltou.

Notas

Observações

15/03/2010

Alunos

7

2

3

4

5

6

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

20ª Semana

Sumário 22/03/2010 aula nº 15 tempo 120 minutos

Modelação. Objecto livre. Explicação da teoria de modelação por adição e subtracção.

Aquarela. Continuação.

Escolha dos pintores e respectivos quadros para exercício de cópia.

Notas

O recluso G voltou a assistir às aulas.

JÁ entregou morada.

Observações

A aula decorreu a dois tempos. Enquanto JA e RS começaram a modelação G experimentou a aquarela sentindo algumas dificuldades.

JÁ optou pelo figurativo, fazendo uma serpente embora se lhes tenha sido dito para exercitarem mais a mão do que prenderem-se a um objecto concreto. Tal apresentou-se um dificuldade. No caso de RS este executou uma Nossa Senhora com um manto. Fê-lo com grande exactidão e mais rigor e concentração que de habitual.

G iniciou-se na aquarela. Tinha experiência do passado do guache e demorou algum tempo a compreender pelo 'dripping' e pela paisagem que a técnica era mais de aguada e de uma visão de conjunto subtractiva que aditiva – teoria da cor. Revelou essa dificuldade e fez várias experiências considerando ser necessária outra aula para que o conhecimento e a absorção dos conhecimentos seja efectiva.

JA – Picasso

RS – O'Keeffe

G – Malevich

22/03/2010

Alunos

7

2

3

JA

92

X

JA

4

5

G

87

X

G

6

RS

66

X

RS

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

21ª Semana

Sumário 29/03/2010 aula nº 16 tempo 120 minutos

Continuação da aula anterior – a pasta de modelação.

A aguarela e o guache.

Notas

Telefonei FC.

Foi dada a indicação de que não a aula da próxima semana será suspensa e a intenção de iniciar o 3º período com novas actividades.

Observações

A aula decorreu a dois tempos. Enquanto JA e RS continuaram a modelação G retomou a aguarela e utilizou o guache.

JÁ repetiu a figuração, desta com um pé e um cachimbo, enquanto RS se dedicou à exercitação da mão.

G utilizou a aguarela e o guache com alguma dificuldade.

29/03/2010

Alunos

7

2

3

JA

92

X

4

5

G

87

X

6

RS

66

X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

22ª Semana

Sumário

05/04/2010

aula nº - tempo 120 minutos

Não houve aula – férias Páscoa.

Notas

Observações

05/04/2010

Alunos

7			
2			
3	JA	92	X
4			
5	G	87	X
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

23ª Semana

Sumário 12/04/2010 aula nº17 tempo 120 minutos

Cópia da pintura de autor em em papel vegetal. Primeira parte.

Notas

A aula decorreu sem problemas, mas a um ritmo muito lento, evoluindo pouco. G faltou mas indicou a RS o motivo da ausência e que voltaria a participar. RS informou a professora.

Observações

JA dedicou a aula a contar histórias da sua vida: viagens, casamento, filhos, amantes, tatuagens. Indicou á professora ter pagina no Facebook. RS acabou por fazer o mesmo.

12/04/2010

Alunos

7			
2			
3	JA	92	X
4			
5			
6	RS	66	X

Artes Criativas

Professora . Mariana Carrolo

24ª Semana

Sumário 19/04/2010

aula nº18 tempo 120 minutos

Continuação da aula anterior.

Notas

Observações

19/04/2010

Alunos

7

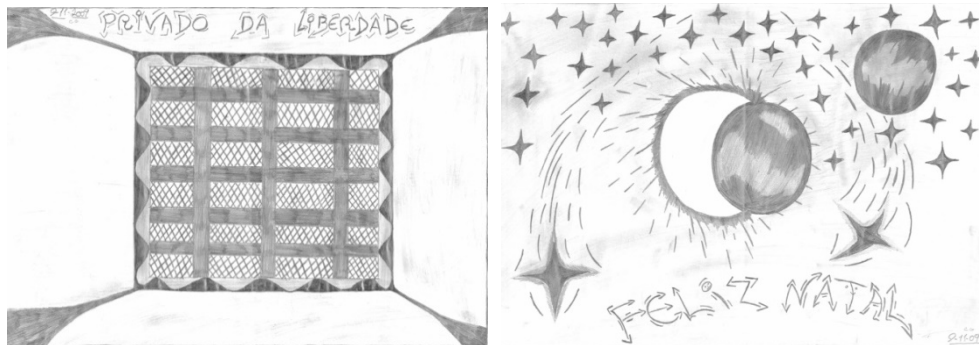
2

3 JA 92 X

4

5 G 87 X

6 RS 66 X



[CG]

Desenhos oferta do recluso, tema livre, em formato A3, (2009).



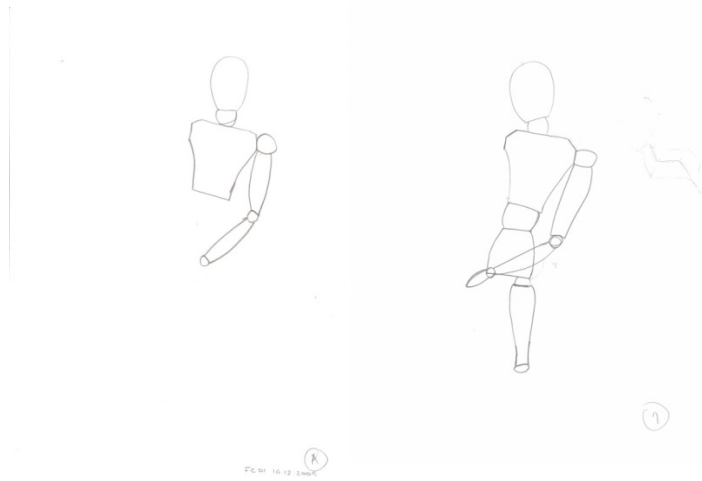
[FC]



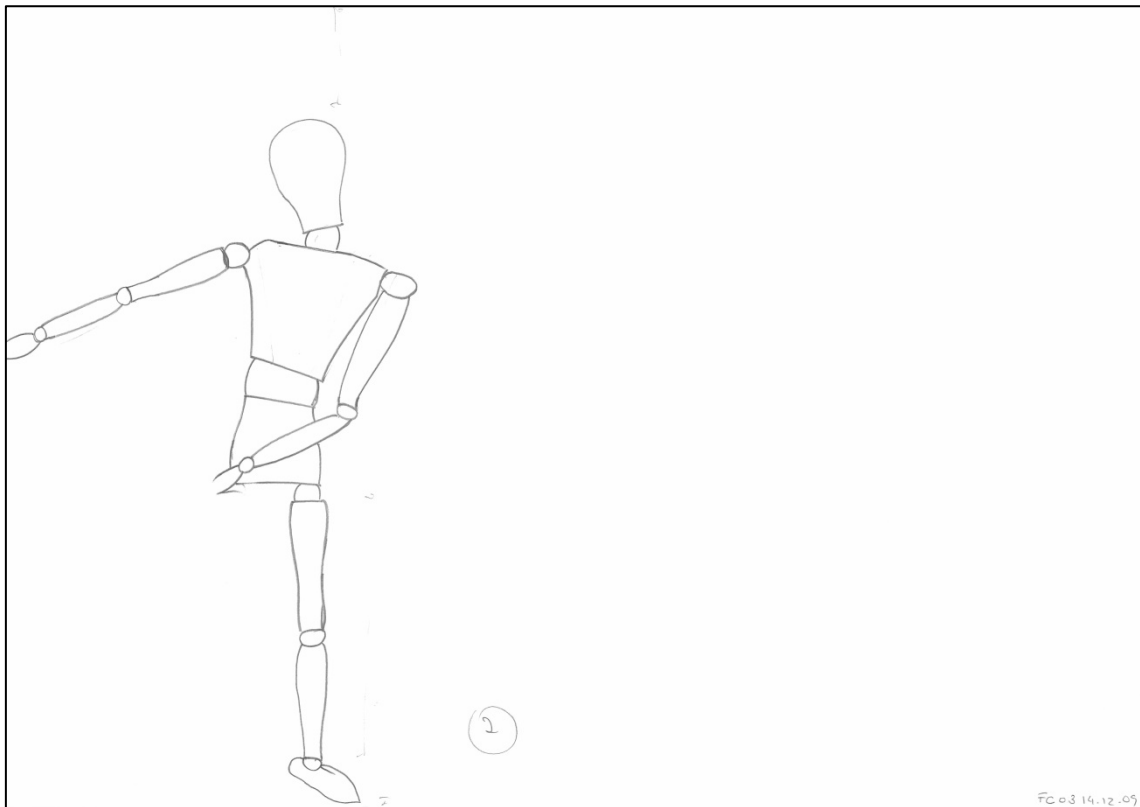
FC 04 - 20.0.2009

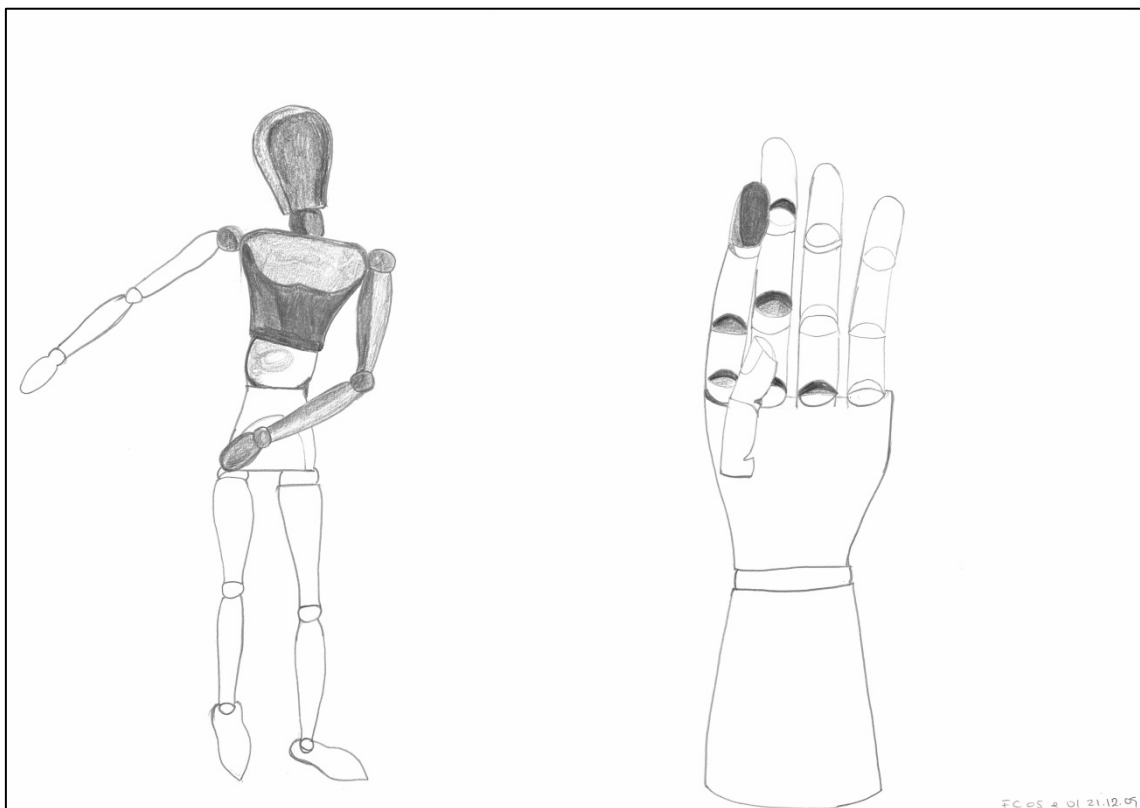
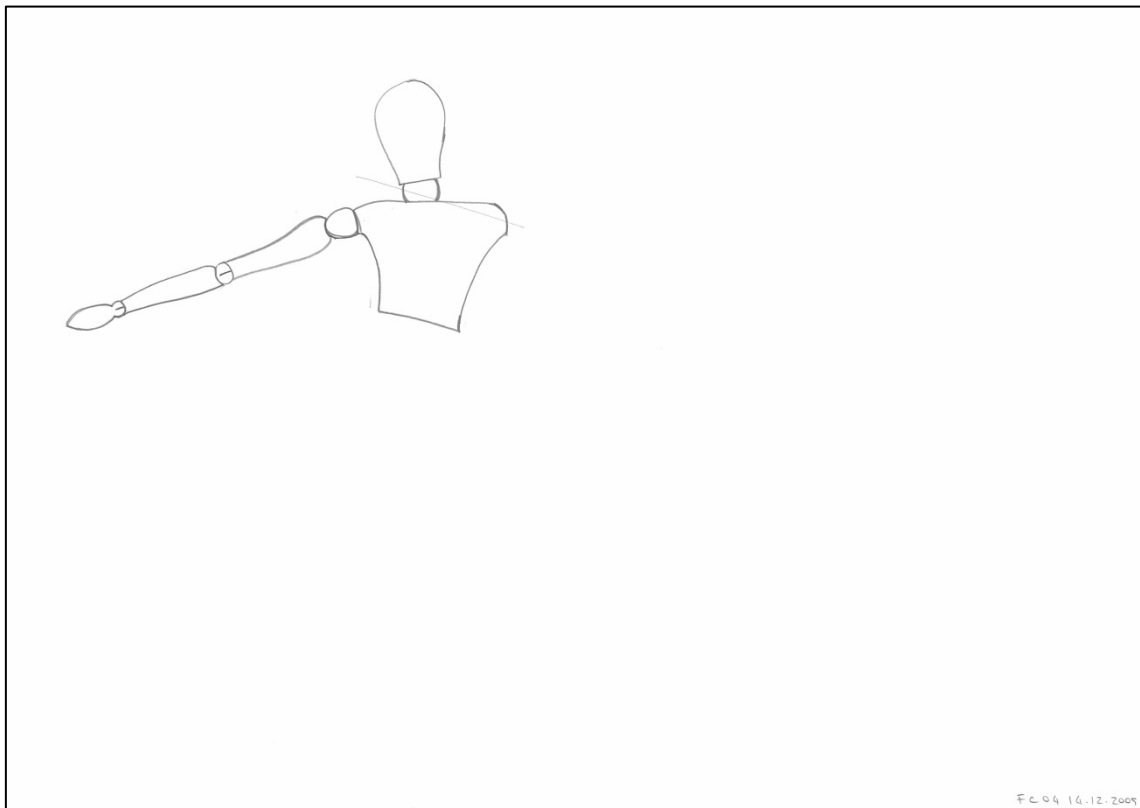
FC 05 - 20.0.2009

FC 06 - 20.0.2009

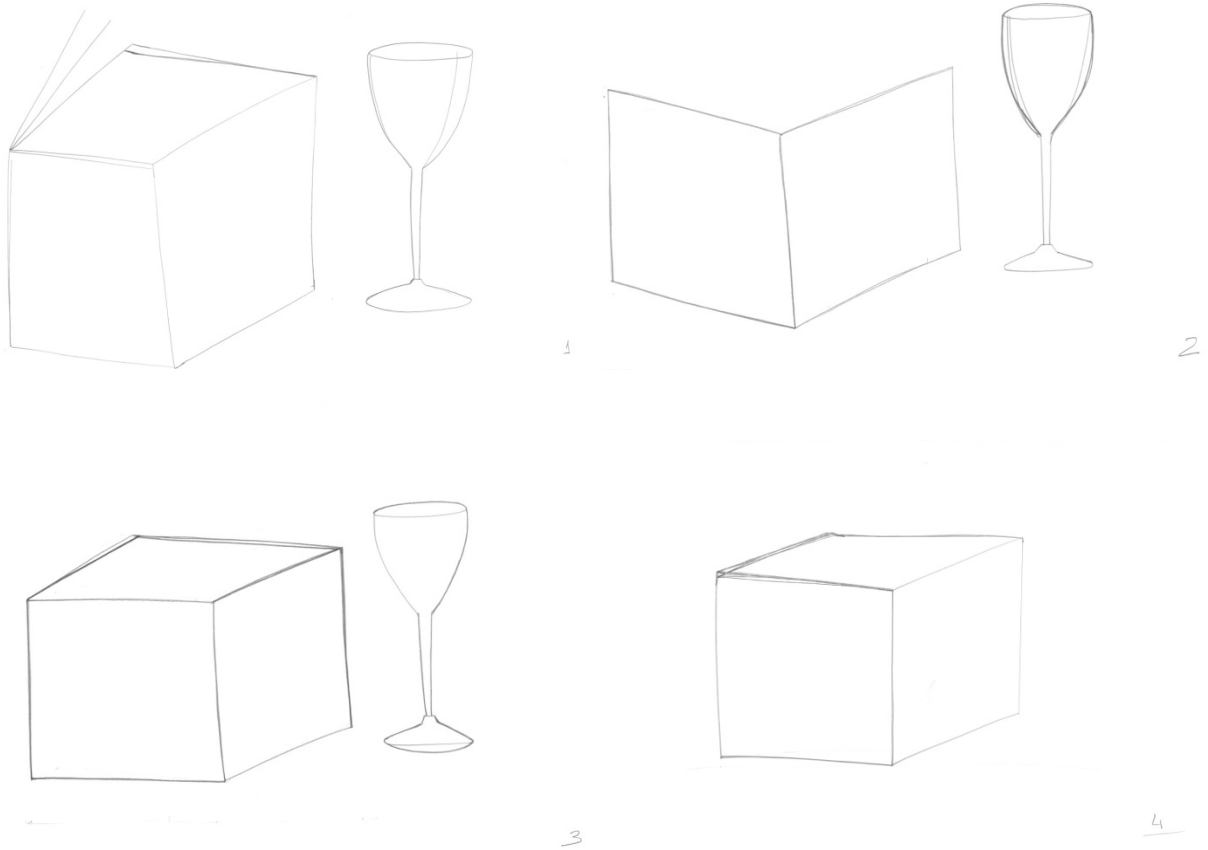


1. Retrato do recluso RS, em formato A3. O desenho do lado esquerdo foi construído com recurso ao somatório das partes, o do lado direito nasce do contorno global do objecto - (01), em formato A3, (2009). 2. Desenho do Sapato, desenvolvido através da delineação contínua do contorno (sem levantar a mão) – pensamento 01, 02 e 03, em formato A3, (2009). 3. Desenho, à vista, com modelo em madeira – Pensamento 01 e 02, em formato A3, (2009). 4. Desenho, à vista, com modelo em madeira – Pensamento 03 e 04, em formato A3, (2009).

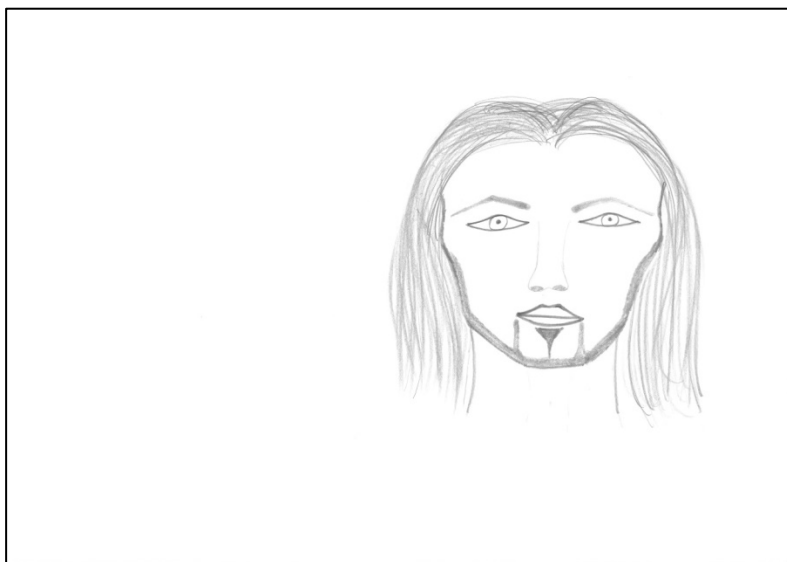




Desenho, à vista, com modelo humano e mão, em madeira (escalas de objecto diferentes) – Pensamento 01, em formato A3, (2009).

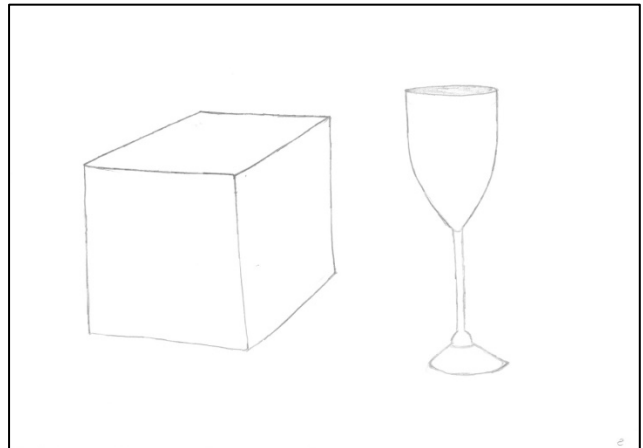
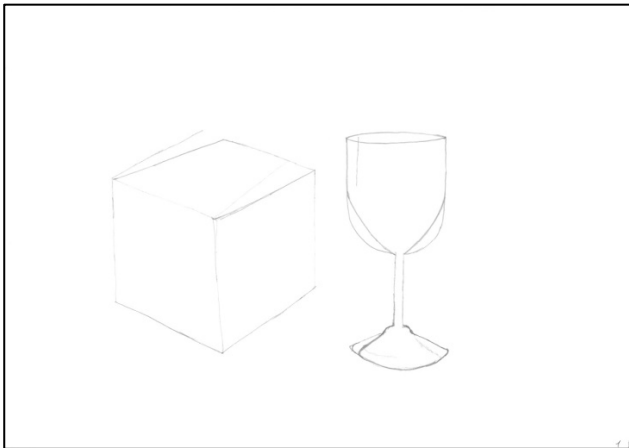
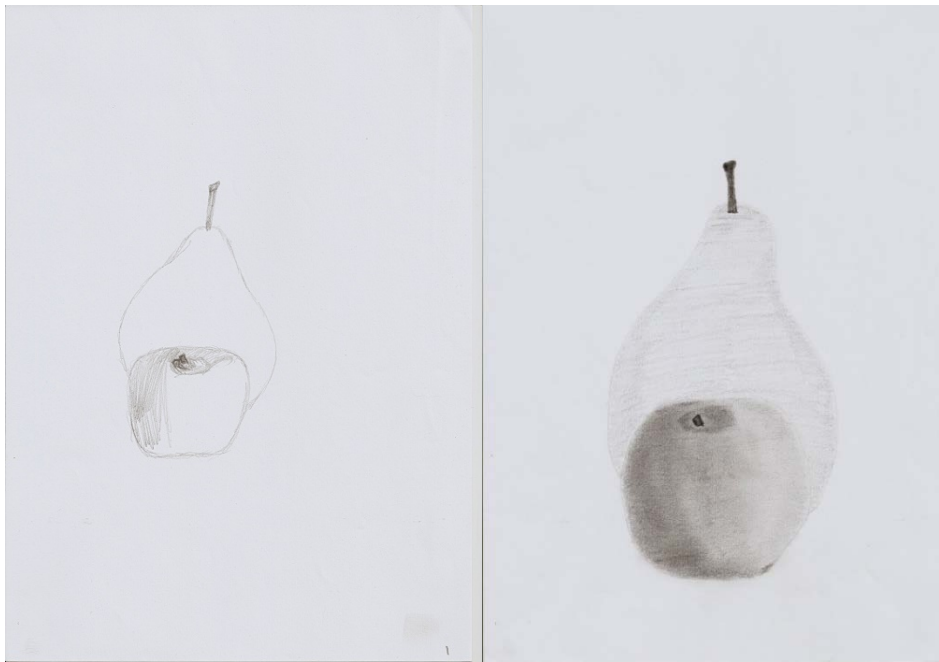


Desenho, à vista, de um copo de plástico opaco e um cubo de cartão, igualmente opaco, com arestas de 20c – Pensamento 01, 02, 03 e 04, em formato A3, 12/2009.

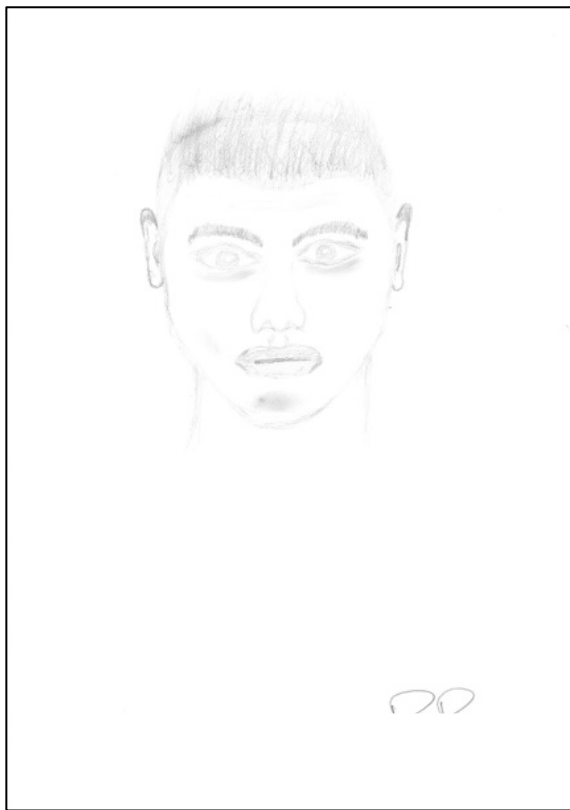


Desenho do auto-retrato do recluso, construído com recurso a uma fotografia, em formato A3, (2009).

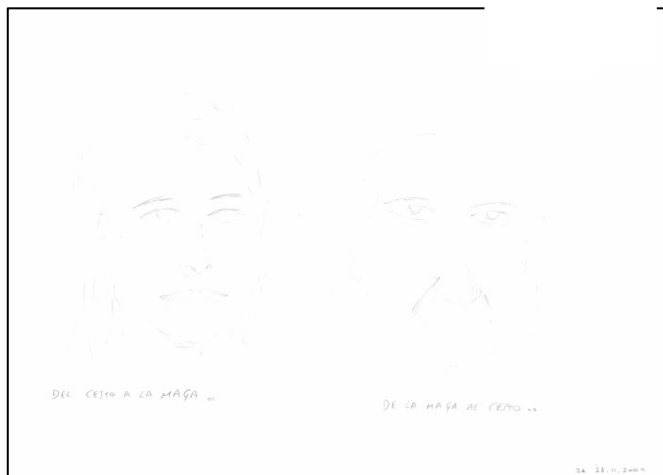
[G]



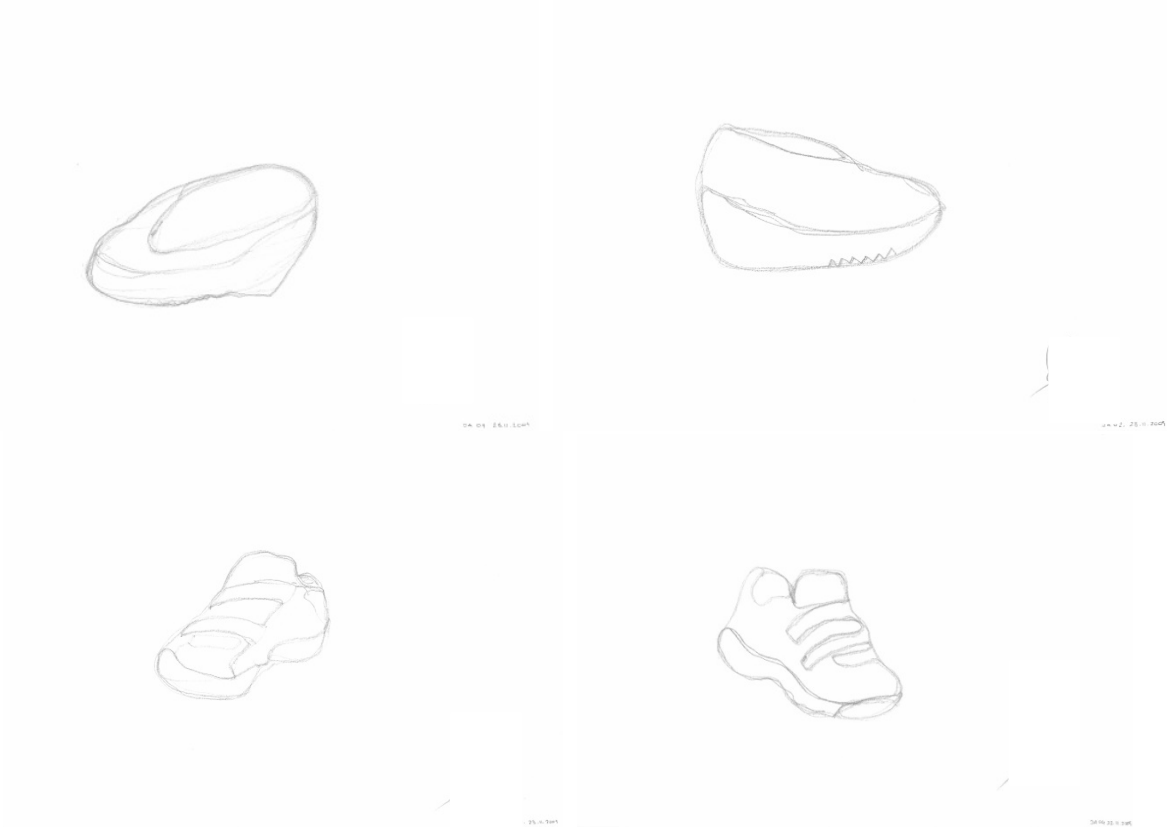
Desenho, à vista, de um copo de plástico opaco e um cubo de cartão, igualmente opaco, com arestas de 20cm - Pensamento 01 e 02, em formato A3, (2009).



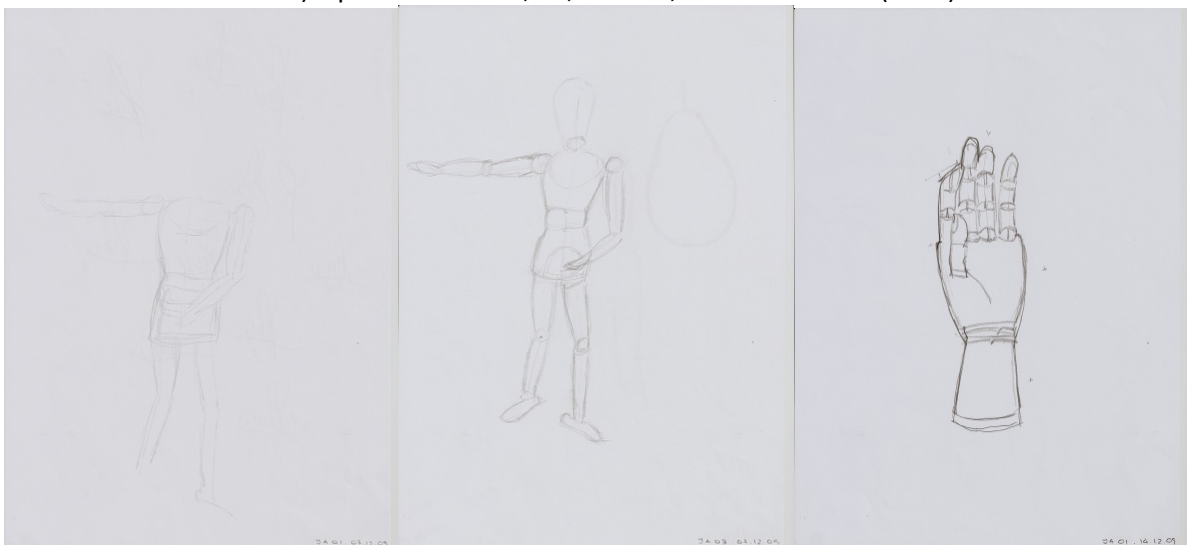
Desenho do auto-retrato do recluso, construído com recurso a uma fotografia, em formato A3, (2009).



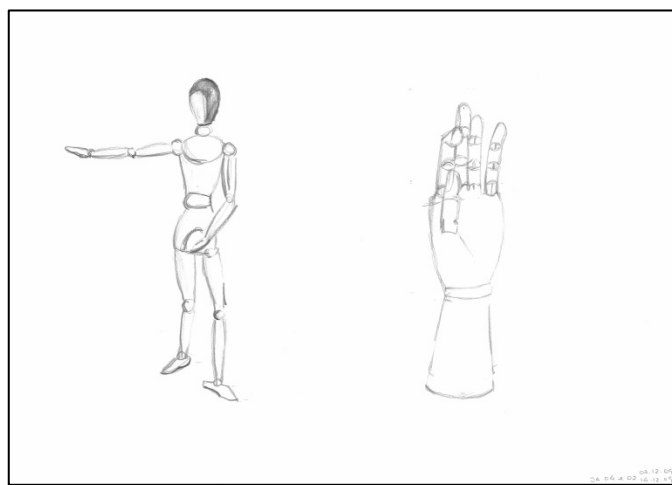
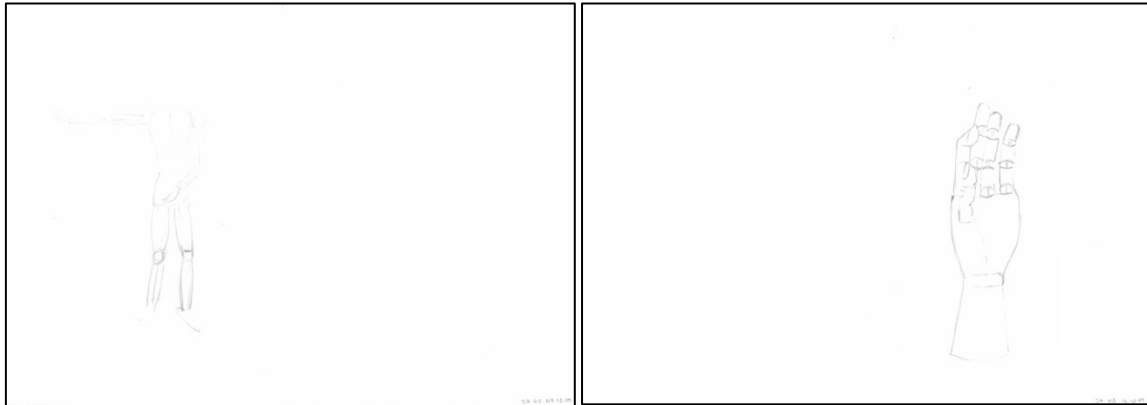
[JA]. Retrato da professora, em A3. O desenho do lado direito [Cesto] nasce do contorno global do objecto, o do lado esquerdo [Fruta] foi construído com recurso ao somatório das partes - (01), em formato A3, (2009).



[JA]. Desenho do Sapato, desenvolvido através da delineação contínua do contorno (sem levantar a mão) – pensamento 01, 02, 03 e A4, em formato A3. (2009).



[JA]. Desenho, à vista, com modelo de madeira – Pensamento 01 e 02, em A3, (2009). Desenho, à vista, com modelo de uma mão (à dta.) – Pensamento 01. (2009).



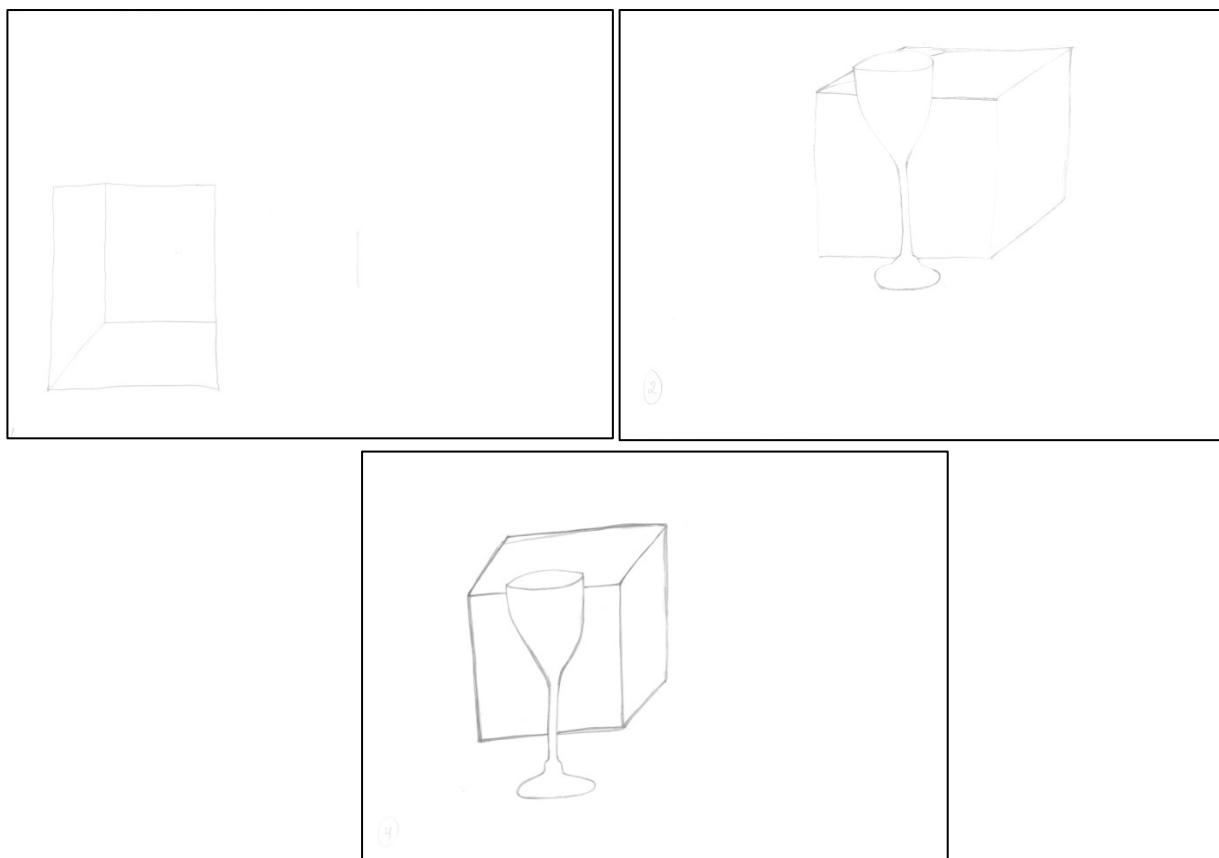
[JA]. Desenho, à vista, com modelo em madeira (à esq.) – Pensamento 03, em A3, (2009). Desenho, à vista, com modelo de uma mão (à dta.) – Pensamento 01. (2009). Desenho, à vista, com modelo humano e mão, em madeira (escalas de objecto diferentes) – Pensamento 01, em A3, (2009).



[JA]. Desenho, à vista, de natureza morta: frutas – Pensamento 01, 02 e 03, em A3, 21/12/2009.

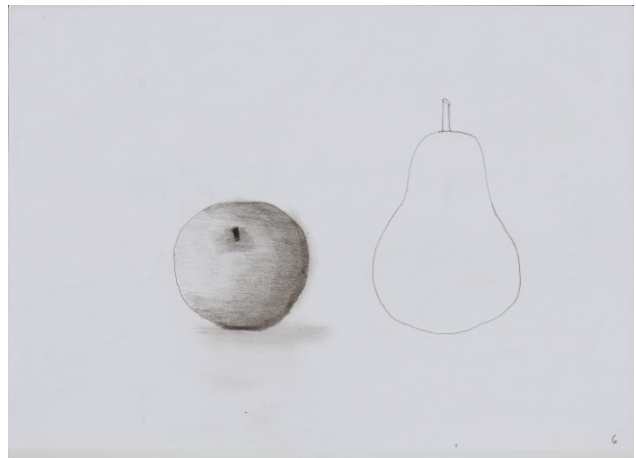
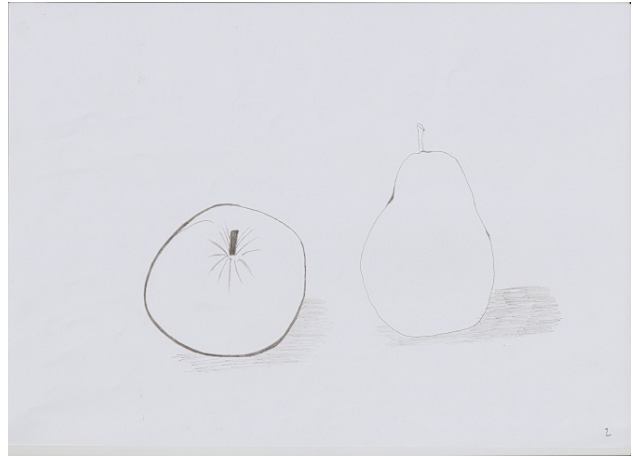


[JA]. Desenho do auto-retrato do recluso, construído com recurso a uma fotografia, em A3, (2009).



[JA]. Desenho, à vista, de um copo de plástico opaco e um cubo de cartão, igualmente opaco, com arestas de 20cm – Pensamento 01, 02 e 04, em formato A3, (2009).

[MA]

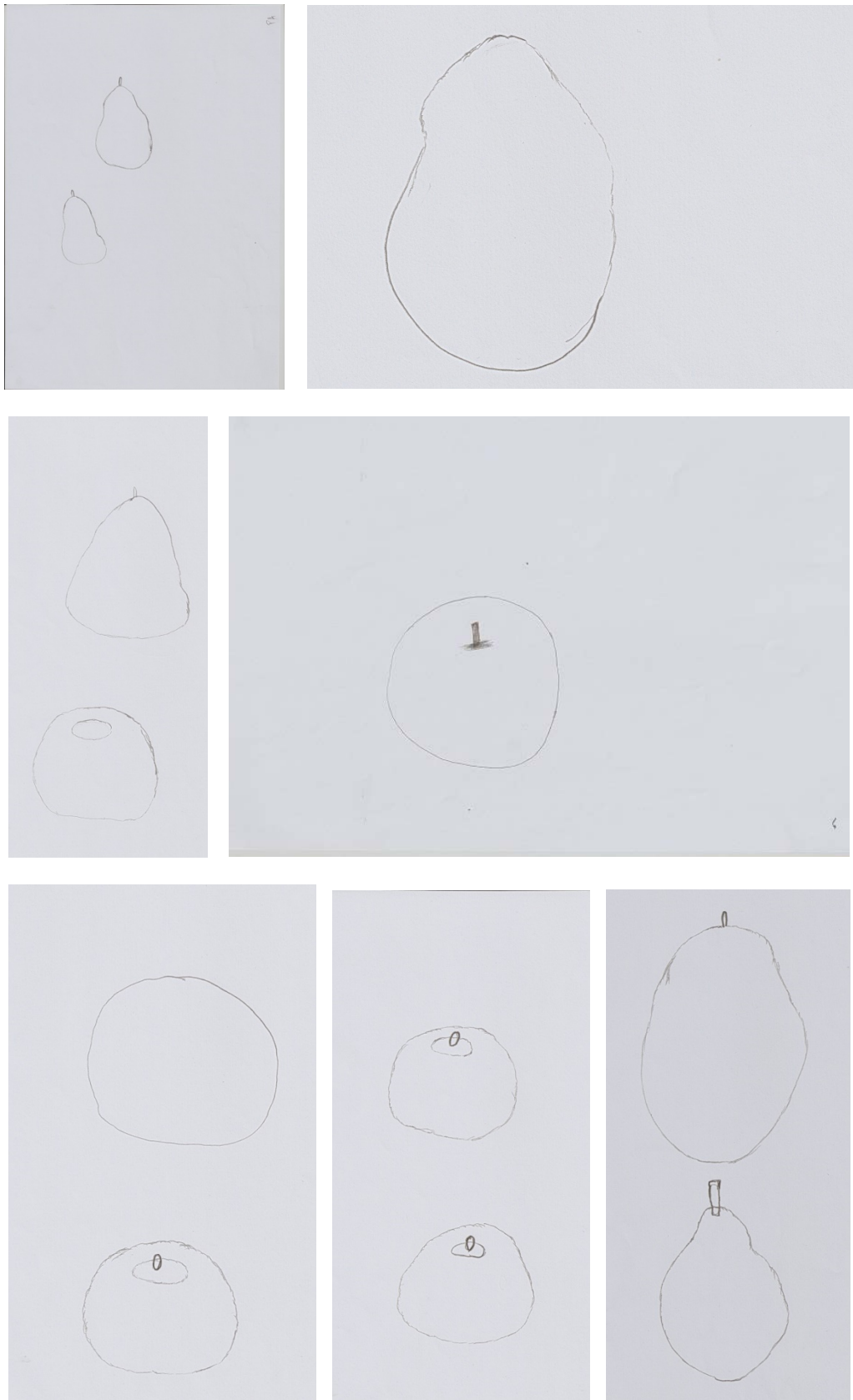


[MA] Desenho, à vista, de natureza morta: frutas – Pensamento 01, 02 e 06, em A3. Estudo da mancha – Pensamento 05, em formato A3, (2009).

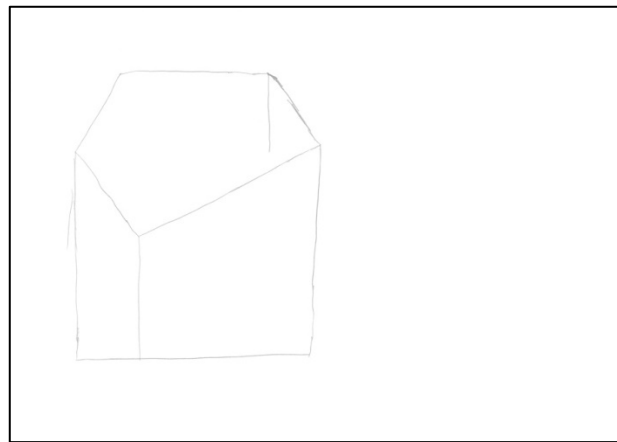
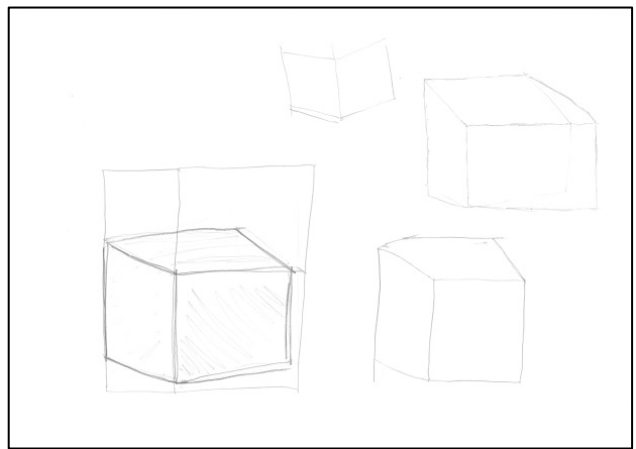
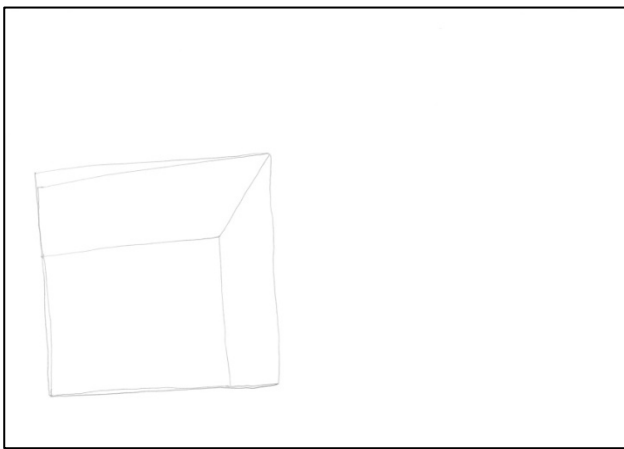
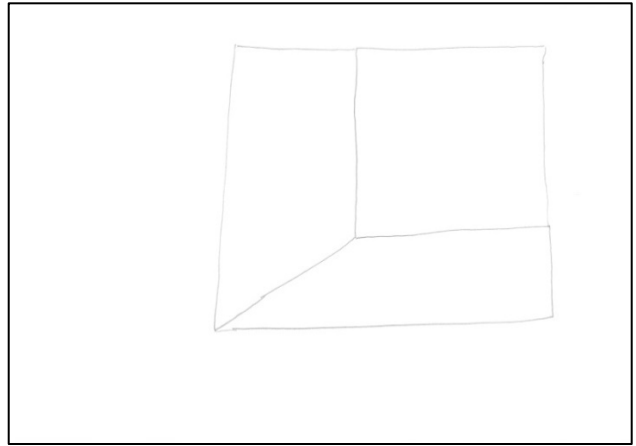
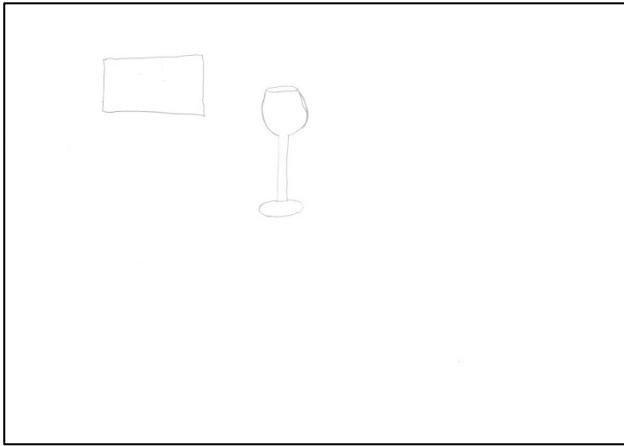


Desenho do auto-retrato do recluso, construído com recurso a uma fotografia, em A3, (2009). E, desenho, à vista, de um copo de plástico opaco e um cubo de cartão, igualmente opaco, com arestas de 20cm – Pensamento 01, em formato A3, (2009).

[P]

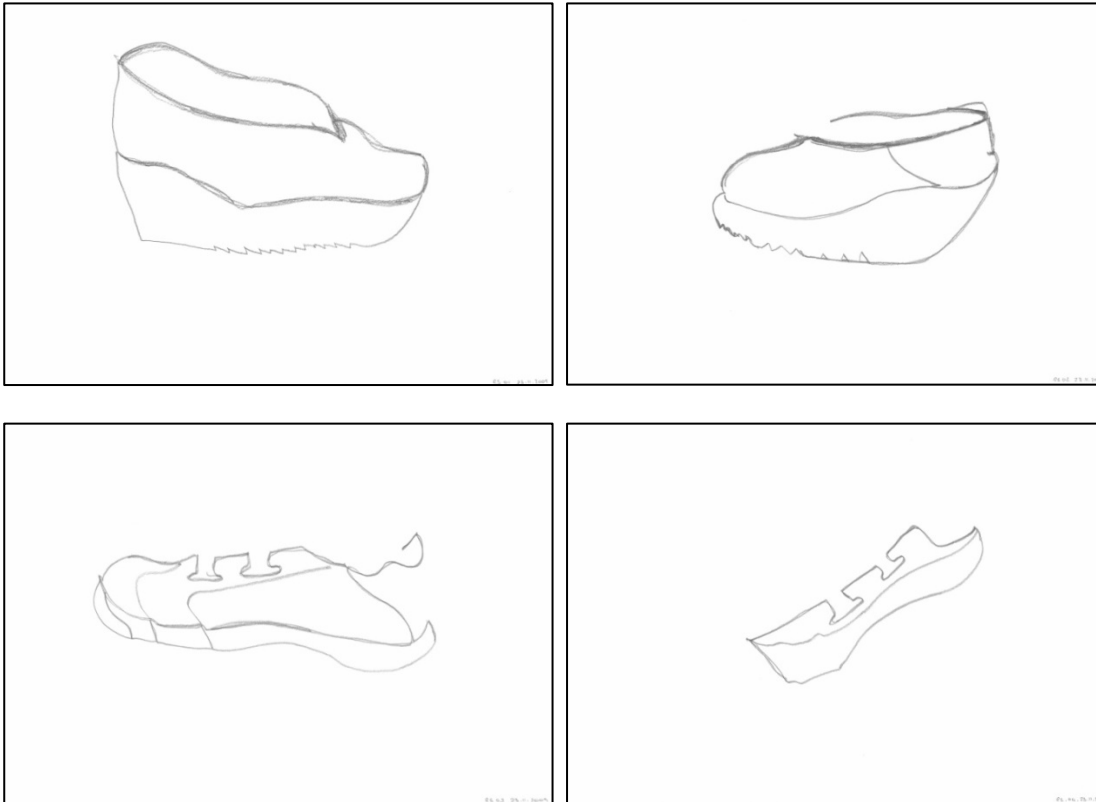


[P]. Desenho, à vista, de natureza morta: frutas – Pensamento 01, 02, 03, 04, 05, 06 e 10, (2009).



[P]. Desenho, à vista, de um copo de plástico opaco e um cubo de cartão, igualmente opaco, com arestas de 20cm – Pensamento 01, 02, 03 e 04, em A3, (2009).

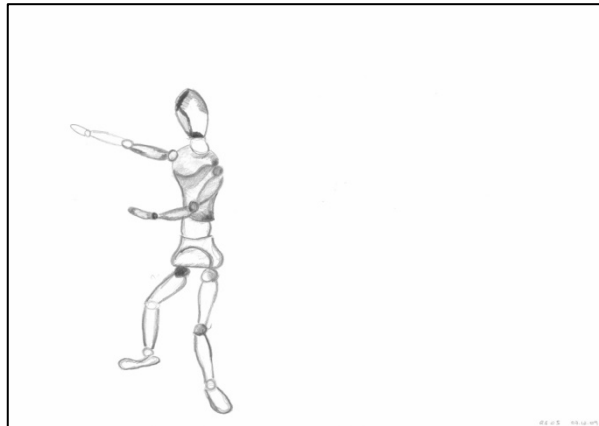
[RS]



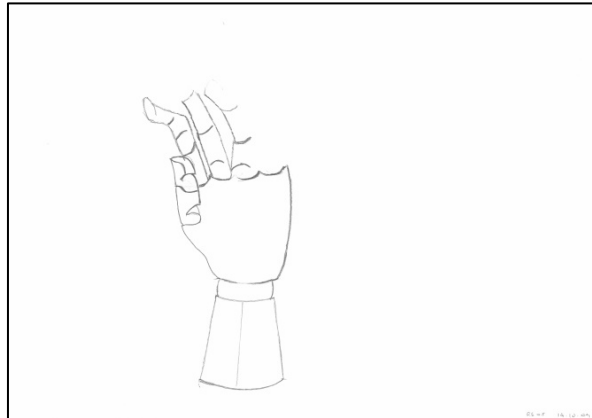
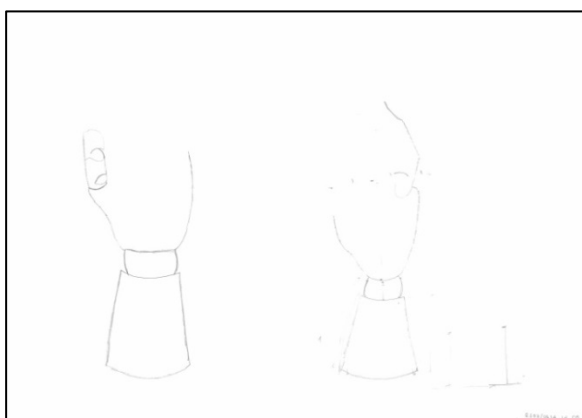
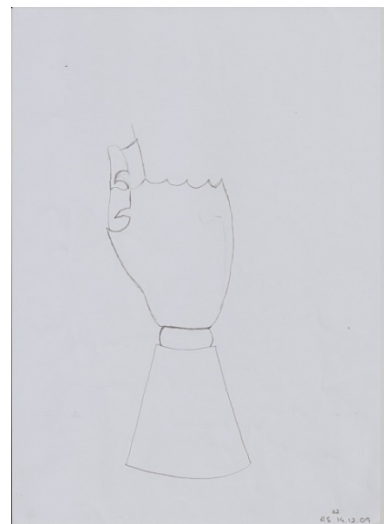
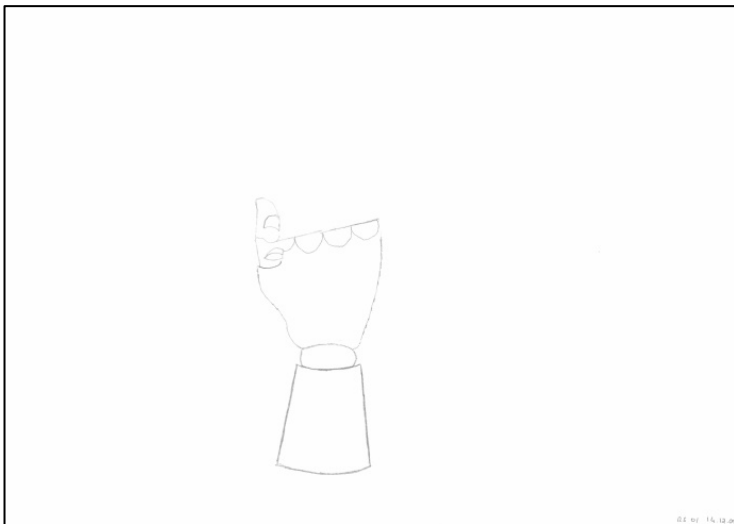
[RS]. Desenho do Sapato, desenvolvido através da delineação contínua do contorno (sem levantar a mão) – pensamento 01, 02, 03 e A4, em A3, (2009).



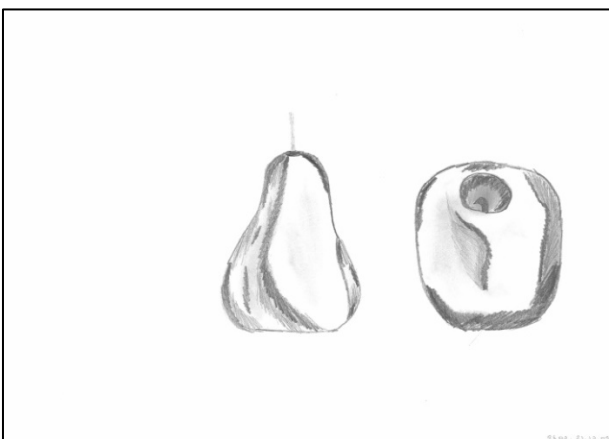
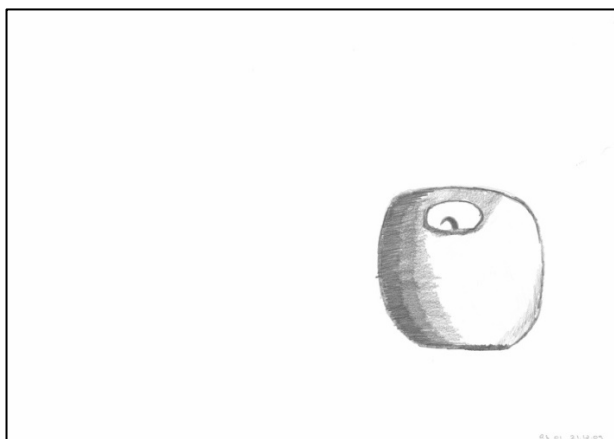
[RS]. Desenho, à vista, com modelo de madeira – Pensamento 01, em A4, e 04, em A3, (2009).



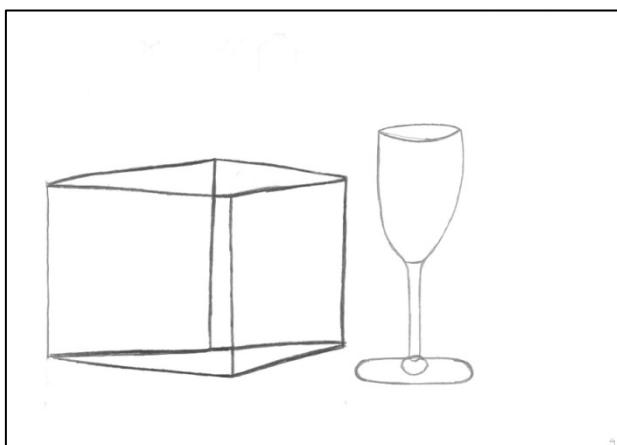
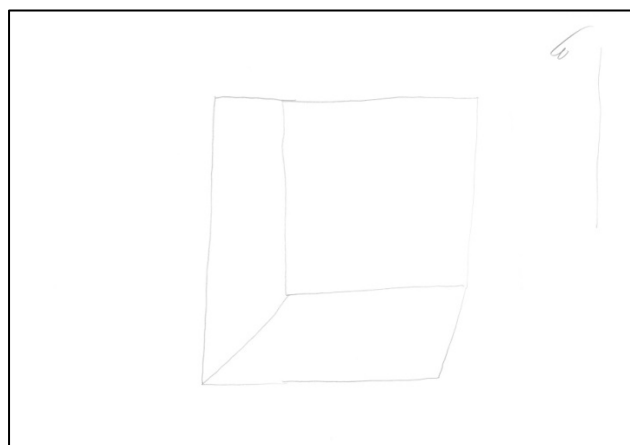
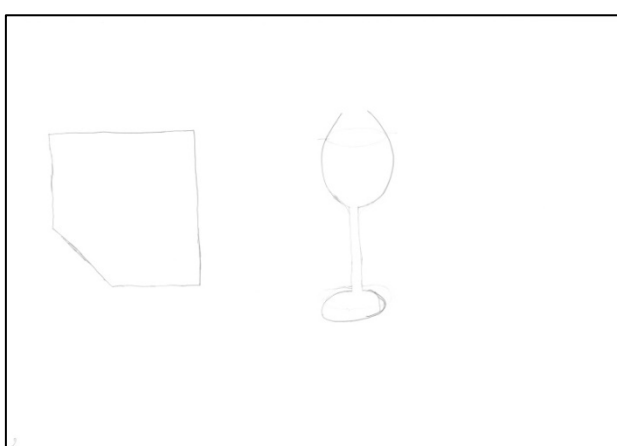
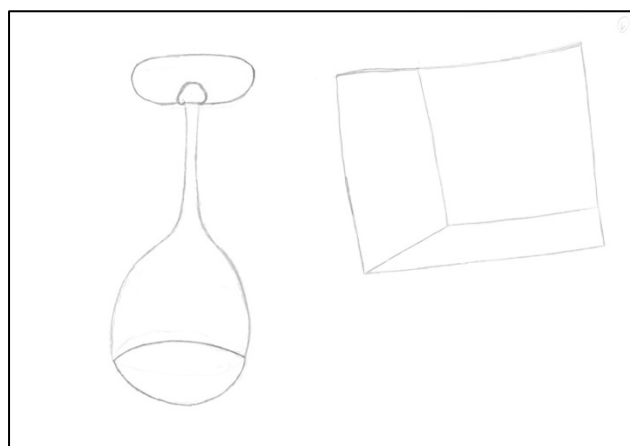
[RS]. Desenho, à vista, com modelo em madeira – Pensamento 05, em A3, (2009).



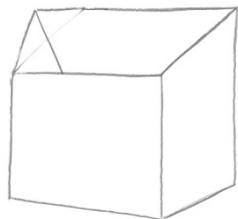
[RS]. Desenho, à vista, com modelo de uma mão, em madeira – Pensamento 01, 02 (em cima), em A3 e A4 e, Pensamento 03, 04 e 05 (em baixo), (2009).



[RS]. Desenho, à vista, de natureza morta: frutas – Pensamento 01, 02, em A3, (2009).

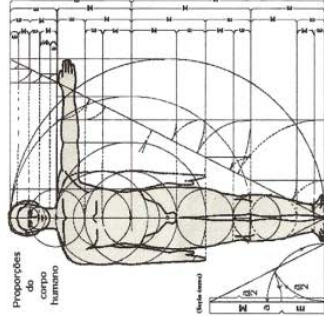
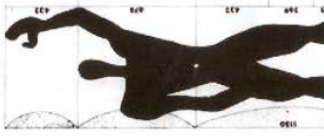
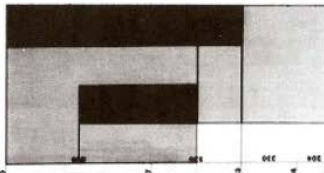


[RS]. Desenho, à vista, de um copo de plástico opaco e um cubo de cartão, igualmente opaco, com arestas de 20cm – Pensamento 01, 02, 03 e 04, em A3, (2009).



Desenho, à vista, de um copo de plástico opaco e um cubo de cartão, igualmente opaco, com arestas de 20cm – Pensamento 05, em A3, (2009). E, desenho do auto-retrato do recluso, construído com recurso a uma fotografia, em A3, (2009).

[Questionário 1 E 2, 2009/2010]

Estabelecimento Prisional de Monsanto Artes Criativas Professora: Mariana Carrolo	EPM. 2009. 2010	
Nome: <u>PP</u>		
Altura: <u>1,72</u>		
Quantos passos dou no comprimento da cela? E na largura? <u>7</u>		
Quantos ladrilhos do chão conto no comprimento? E na largura? <u>19</u>		
Que medida julgo ter o ladrilho/mosaico? <u>30 CM</u>		
Que medida julgo ter a minha cela? <u>14 M²</u>		
Quantas celas/janelas vejo a partir da minha? <u>5</u>		
Vejo o céu? <u>SI</u>		
Tenho sol directo na minha janela? A que horas? <u>NUNCA</u>		
Faz uma lista dos teus objectos? <u>COPA, PRODUTO HIGIENICO, REVISTAS LIBRO, TV, CERVEJA CEREAIS, YOGURT, LEITE</u> <u>SOLARIS, TAPACAO, UMA ESCOVA, UMA CAMA, UMA MESA.</u>		
Dos que não tens, quais gostarias de ter? <u>CAJENTADA Y D.V.D.</u>		
		

Nome: JAIME GIMENEZ ARCE
Altura: 1,75 M. QUANDO DANÇO É TOCO GUITARRA

Quantos passos dou no comprimento da cela? 7 PASSOS
E na largura? 2

Quantos ladrilhos do chão conto no comprimento? 20
E na largura? 6

Que medida julgo ter o ladrilho/mosaico? 33 CM X 33 CM / 20 CM X 20 CM

Que medida julgo ter a minha cela? 6,50 METROS X 2,60 METROS
Quantas celas/janelas vejo a partir da minha? 12

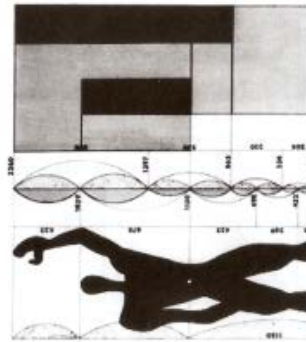
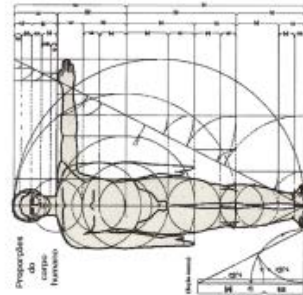
Vejo o céu? SOLO EM UM CANTO
Tenho sol directo na minha janela? A que horas? NO

Fiz uma lista dos teus objectos?

LIBROS, LANCES DE COLORES, PAPEL, CARTA, UMA RADIO,
UMA TV, OBJECTOS DE ATEO PERSONAL, FOTOS, BOLA, BÉBIDA,
CELESTES, DOCUMENTOS, PROGRAMAS DE ORDENADOR, WEB

Dos que não tens, quais gostarias de ter?

EQUIPO DE MÚSICA, C.D.'S DE MÚSICA, UMA GUITARRA, UM PIANO,
UM TELEMOVIL, UM ORDENADOR PORTÁTIL, UM D.V.D, PINTURAS,
ALGO, CABECETE PARA PINTAR, PROGRAMAS DE ORDENADOR, WEB-CAM,
INTERNET SEM FIO



Nome: Fco J. Polo Colmenar
Altura: 1,74 mt

Quantos passos dou no comprimento da cela? de la ventana a la gata 8
E na largura? 2 parcel a la cama 2 y media vidrios en la zona mis casaca, 3
adornos el decoración de la elabca

Quantos ladrilhos do chão conto no comprimento? 20
E na largura? 5 y media en la zona mis amba 30x30cm + 4 de 20x20cm en la
zona mis cuadro del techo, 5 de 70x70 en el vco y dcha

Que medida julgo ter o ladrilho/mosaico? 30 x 30 cm

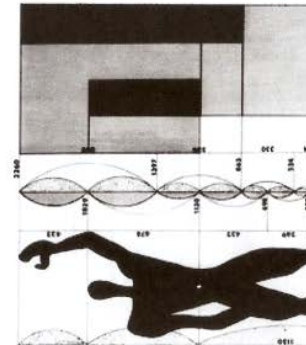
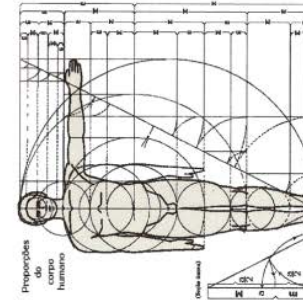
Que medida julgo ter a minha cela? 10 m² incluyendo espacio de la cama, un cuadro, barco near...
Quantas celas/janelas vejo a partir da minha? 2 abito. 1 abito

Vejo o céu? De pe no recibdo una pua linea
Tenho sol directo na minha janela? A que horas? Por la parte del hueco en el muro de
una persona con a parte del medio dia hasta las 17:00h I en verano, de verano
con los muebles de la cocina de empente

Fiz uma lista dos teus objectos?
Calculus, block, lapicera, mechero, radio, television, abito,
ladrillaria, 36 fotografias, rop, productos higienicos, lalla, alpa de
laminde, lalchob, 3 abito

Dos que não tens, quais gostarias de ter?

Te portátil, telefono móvil, pavao, nevera de cabella, que acuchando
con bomba de agua, placa electrica, frigorifico, material para teñir
ladrillos, maderas, pintura (pinta, tapia, etc...), top, personal, masquina, pavao, mañ
la pucosa, plomero, barment, LAS CLAVES DE LAS PUERTAS.



Nome: F. J. P. de Celmeira
Altura: 1,74



Como é o meu dia na cela:
Acordo às 08:00
Horas das refeições 08:30 - 12:30
17:35 - 21:10
Horário em que há água quente 18:00
09:00 de 11:00 a 11:00 e 17:00 a 18:00
Deito-me às 00:00 h



Actividades a que me dedico:
DEPORTE, LECTURA, ESCALADA, PASADIZOS

Como é o espaço da minha cela?
SUFICIENTE PARA UMA PESSOA PENSAR MAL DISTURBADO

Quantos passos dou por dia (a caminhar)?
Quantos passos no comprimento e na largura tem o pátio?
Com quantos colegas divides o pátio?



O que se vê no pátio?
- Vejo o céu? SI
- Bate o sol? A VEZES
- Faz túnel de vento? NO
- É frio ou quente? FRIO ENVIUVEDO QUENTE EM VERANOS
- Faz eco? UN POCO
- Vejo verde? HAZCO DESDE A HUMEDAD LA TANTA DEL CAMPO DE FUTBOL, LA RESA
- Ouço ou vejo animais? ALGUNOS PASAJOS ALGUNOS INSECTOS, ALGUNOS UESTIDOS CON FAJAS OTROS SIN ELA

Nome: P.P.
Altura: 1,72 m



Como é o meu dia na cela:
Acordo às 8:00
Horas das refeições 8:30 PA. 12:30 A. 17:30 J.
Horário em que há água quente 8-9 11-12 17-18 HORAS
Deito-me às 23-23:30



Actividades a que me dedico: FOOTBOL ARTE, BIBLIOTECA DESPORTO, INFORMATICA INGLEZ, SQUASH, GIMNASIO Y TRASHBO BARBERIA

Como é o espaço da minha cela?
COMO UMA SALA

Quantos passos dou por dia (a caminhar)? 1500
Quantos passos no comprimento e na largura tem o pátio? 10 x 5
Com quantos colegas divides o pátio? 102



O que se vê no pátio?
- Vejo o céu? SI HE HA SI
- Bate o sol? NO
- Faz túnel de vento? NO
- É frio ou quente? FRIO Y UVEDO
- Faz eco? SI
- Vejo verde? NO
- Ouço ou vejo animais? SI, POMBOS

Nome: Michal Jr. Oliveira

Altura: 1,79



Como é o meu dia na cela:

Acordo às 5:00 hs

Horas das refeições 6:20 h, 12:20, 17:20.

Horário em que há água quente 17:20

Deito-me às 22:05 da manhã.



Actividades a que me dedico:

Atas, trabalho físico, futebol
com parcerias de horas

Como é o espaço da minha cela?

1 pequeno apartamento por 2,50 de
tarifário.

Quantos passos dou por dia (a caminhar)? Não há espaço para caminhar 1500

Quantos passos no comprimento e na largura tem o pátio? 6 por 25

Com quantos colegas divides o pátio? no pátio existem 4 ou 2 no máximo,
no do pátio um mais 6 ou 7.

O que se vê no pátio?

- Vejo o céu? Sim, a terra quando vou ao depósito,

- Bate o sol? Sim, ao meio dia

- Faz túnel de vento? quando

- É frio ou quente? depende do tempo

- Faz eco? Não, mas

- Vejo verde? Sim, as plantas do jardim

- Ouço ou vejo animais? Não



Sim, toda a noite quando
acordo, e quando vou ao pátio grande com os
meus dois pontos e outros pontos
muito perto comigo ali mas me faz pensar e quando
como para opinar logo a ideia do pátio.

Nome: Dezardo Bateiro

Altura: 1,83



Como é o meu dia na cela:

Acordo às 8:15

Horas das refeições 8:15 - 12:30

Horário em que há água quente 14:30

Deito-me às 22:00 - 11:00

Deito-me às 3:00 da manhã



Actividades a que me dedico:

Futebol e ginásio

Como é o espaço da minha cela?

A minha cela é quadrada
com 9 paços normais.

Quantos passos dou por dia (a caminhar)? 500 por dia mais ou menos

Quantos passos no comprimento e na largura tem o pátio? 10 x 17 de comprimento

Com quantos colegas divides o pátio? 11 passos de largura.

O que se vê no pátio?

- Vejo o céu? Uma rede

- Bate o sol? algumas vezes

- Faz túnel de vento? nae

- É frio ou quente? frio

- Faz eco? um pouco

- Vejo verde? nao

- Ouço ou vejo animais? passaros.



IV. Documentos do curso de Artes Criativas 2011 e os desenhos dos reclusos.

A proposta do Atelier de Desenho e Pintura no Estabelecimento Prisional de Monsanto – EPM – surge no âmbito do projecto de tese: “**Arquitectura prisional portuguesa: forma, experiência e representação do espaço. O Estabelecimento Prisional de Monsanto**”, para que a experiência decorrente das actividades e trabalhos a desenvolver da doutoranda com os reclusos se constitua Investigação de Campo e Laboratório da Experiência, bem como, consubstancie através do material/testemunhos produzidos o *corpus* da investigação que aqui se propõe.

O Atelier de Desenho e Pintura no EPM irá decorrer, em 2011, à sexta-feira, entre as 10H e as 12H, sem término previsto e seguindo as pausas do calendário escolar.

A actividade está isenta de qualquer remuneração.

O material de artes plásticas será facultado pelo EPM, sem nova reposição. As sessões serão leccionadas pela doutoranda.

A intenção de incluir qualquer material, exterior ao EPM, nas actividades será solicitada, por escrito, ao EPM.

Os desenhos facultados pelo EPM: a sua análise/tratamento dos dados, visualização/divulgação – textual e gráfica – surgem no contexto de Investigação, no âmbito académico de Doutoramento, com o parecer favorável e aprovação das diferentes entidades intervenientes: FCSH, Entidade de Acolhimento, FCT e EPM – DGSP.

Os trabalhos são mantidos na posse do EPM, cabendo estudar, pelas partes envolvidas – Doutoranda e Direcção do EPM – a melhor forma de, sem dano, garantir a investigação, análise e divulgação dos dados e a comunicação/visualização destes à FCSH, na pessoa dos Orientadores de Tese.

A presente proposta está sujeita à aprovação, da Direcção do EPM.

A persecução do projecto e do seu programa está sujeito a alterações, decorrentes dos vários factores que os influenciam e determinam a própria natureza desta investigação.

PROGRAMA:

Os trabalhos a desenvolver com os reclusos organizam-se em módulos, com diferentes temáticas e com duração diferenciada.

A cada um desses módulos corresponde um objectivo específico de investigação. Procura-se um leque variado de temas/conteúdos e tipos/formas de representação, de modo a compreender o a natureza do espaço arquitectónico, o seu modo como os sujeitos o experimentam e o percebem.

A metodologia do projecto de investigação consiste na elaboração, em aula, dos desenhos e pinturas e do registo oral e escrito destas experiências, em aula e após a sua realização, através de um: Portfólio (com os trabalhos realizados pelos reclusos), Livro de Ponto, Diário de Bordo, Questionário/Entrevista, que permita a aferição das percepções/conhecimentos dos reclusos, ao longo do projecto.

FASE 1 – Desenhos de Apresentação e Reconhecimento

Objectivo/Questão: Quem são os sujeitos?

Procura-se, através do registo gráfico, uma primeira impressão de cada sujeito.

A

. **O desenho do nome.** Através da letra do recluso e da sua persistência e adaptabilidade fazer um reconhecimento preliminar e imediato que permita “quebrar o gelo” e levá-lo a participar com o que é dito, fazendo através do exercício a sua apresentação pessoal e as suas características tipo – criação de um estereótipo.

. **Uma memória imediata.** Através de um desenho livre, de uma experiência pessoal passada, “quebrar o gelo” e aproximar o recluso ao estudo e ao grupo. Perceber o tipo de registo do recluso, a rapidez, e capacidade de relacionar experiência-tema-representação.

[Registo e Análise de Resultados]

B

. **Retrato.** Representação do Outro - externo ao sujeito. Capacidade de observação e destreza dos gestos. Atenção e pormenor. Capacidade de reflexão.

Significado das hierarquias e eleições do olhar e no reparar o outro. Análise da duração do exercício para cada um dos reclusos versus definição e características da representação.

. **Auto-retrato.** Representação do eu. Capacidade de memória do próprio e eleição, perante a memória das suas características próprias e identitárias. O modo como cada um se vê.

Capacidade de observação e destreza dos gestos. Atenção e pormenor. Capacidade de reflexão. Significado das hierarquias e eleições de si.

O exercício é feito sem auxílio de qualquer reflector, visto a sua impossibilidade por motivos de segurança.

. **Retrato da professora.** Representação de um sujeito do sexo feminino. Representação comum a todos. Capacidade de observação e destreza dos gestos. Atenção e pormenor. Capacidade de reflexão.

Significado das hierarquias e eleições do olhar e no reparar o outro. Análise da duração do exercício para cada um dos reclusos versus definição e características da representação. Comparação através dos diferentes registos.

. **Desenho de grupo.** Representação do colectivo e a forma como o experienciam. O modo como as partes são relacionadas e coordenadas num todo. Integração do todo na folha. Capacidade de composição, equilíbrio e rigor. Proporção e Escala. Atenção e destreza. Incidência das distorções (por defeito e por excesso).

Significado das hierarquias e eleições do olhar e no reparar os outros. Análise da duração do exercício para cada um dos reclusos versus definição e características da representação. Comparação através dos diferentes registos.

- **Desenho Livre** – Procura de um significado para a opção do tema e referências apresentadas. Conhecer o recluso, dentro de um âmbito livre. Pausa.

Desenho e conversa informal. Reflexão sobre os trabalhos realizados.

[Registo e Análise de Resultados]

FASE 2 – Representação de Conceitos

Objectivo/Questão: Do que pensam, como pensam – como comunicam?

Procura-se, através do registo gráfico, configurar a articulação primeira entre o pensar e a sua forma de representar.

A

. **Identidade.** Um conceito. Uma ideia. Representação da ideia. Sugestão de um significado. Registo de um quadro mental.

Verificar o significado do conceito através das opções (livres) da representação e formas expressivas do seu registo. Reflexão sobre os trabalhos realizados.

. **Liberdade.** Um conceito. Uma ideia. Representação da ideia. Sugestão de um significado. Registo de um quadro mental.

Verificar o significado do conceito através das opções (livres) da representação e formas expressivas do seu registo. (Riscadores e Guache)

B

. **Prisão.** Um conceito. Uma ideia. Representação da ideia. Sugestão de um significado. Registo de um quadro mental. Verificar o significado do conceito através das opções (livres) da representação e formas expressivas do seu registo.

. **Mutação.** Um conceito. Uma ideia. Representação da ideia. Sugestão de um significado. Registo de um quadro mental.

Verificar o significado do conceito através das opções (livres) da representação e formas expressivas do seu registo.

- **Desenho Livre** – Procura de um significado para a opção do tema e referências apresentadas. Conhecer o recluso, dentro de um âmbito livre. Pausa.

Desenho e conversa informal. Reflexão sobre os trabalhos realizados. (Riscadores e Guache)

[Registo e Análise de Resultados]

FASE 3 – Deambulações

Objectivo/Questão: O que sentem, como sentem – como comunicam?

Procura-se, através do registo gráfico, configurar a articulação primeira entre o sentir (como e se se emocionam) e a sua forma de representar.

. **Vaguear pela imaginação absoluta.** Registo de um absoluto, intenso e derivado da imaginação. Ausência de real. Conjugação de imagéticas e composição de linhas de discurso imaginário.

Verificar a capacidade de abstracção, desprendimento e informalidade do registo mental e gráfico. O tipo de representação e articulação e nível de desprendimento ao real. Descrição oral dos ‘acontecimentos’ da cena. (Riscadores e Guache)

. **Vaguear através de um poema.** Registo livre, por sugestão de um poema (ou parte) e a forma como o experienciam.

Verificar a capacidade de interpretar, descodificar e criar, do recluso.

. **Vaguear por uma imagem.** Registo livre, por sugestão de uma imagem e a forma como o experienciam.

Verificar a capacidade de interpretar, descodificar e criar, do recluso.

. **Vaguear por uma música.** Registo livre, por sugestão de uma música e a forma como o experienciam.

Verificar a capacidade de interpretar, descodificar e criar, do recluso.

- **Desenho Livre** – Procura de um significado para a opção do tema e referências apresentadas. Conhecer o recluso, dentro de um âmbito livre. Pausa.

Desenho e conversa informal. Reflexão sobre os trabalhos realizados.

[Registo e Análise de Resultados]

FASE 4 – Metáforas

Objectivo/Questão: Do objectivo, como extrapolam uma realidade, para outra?

Procura-se, através do registo gráfico, configurar a forma como se apropriam de uma realidade e a transforma – as conotações e mutações de um objecto/conceito.

. **Metamorfose.** Exploração do efémero, ‘caduco’, mutante e criação de metáforas – jogo de novos significados para imagens comuns. Procura de novas identidades. Procura da mutação e do relativismo gráfico e da reflexão e possibilidades do tema.

Verificar a capacidade de extrapolar significados e imagens e construir novos, dotar, eleger e destituir. Alargar a capacidade de ‘ver’ e ‘entender’ objectos e realidades.

. **Pele.** Exploração da barreira, da passagem, do obstáculo, numa nova pele e criação de metáforas – jogo de novos significados para imagens comuns. Procura de novas identidades. Procura da mutação e do relativismo gráfico e da reflexão e possibilidades do tema.

Verificar a capacidade de extrapolar significados e imagens e construir novos, dotar, eleger e destituir. Alargar a capacidade de ‘ver’ e ‘entender’ objectos e realidades.

. **Devaneio.** Exploração do absurdo e criação de metáforas – jogo de novos significados para imagens comuns. Procura de novas identidades. Procura da mutação e do relativismo gráfico e da reflexão e possibilidades do tema.

Verificar a capacidade de extrapolar significados e imagens e construir novos, dotar, eleger e destituir. Alargar a capacidade de ‘ver’ e ‘entender’ objectos e realidades.

. **Espaço.** Exploração do contentor e do conteúdo, do que guarda e do que expõe, do cheio e do vazio, do que guarda e perde e criação de metáforas – jogo de novos significados para imagens comuns. Procura de novas identidades. Procura da mutação e do relativismo gráfico e da reflexão e possibilidades do tema.

Verificar a capacidade de extrapolar significados e imagens e construir novos, dotar, eleger e destituir. Alargar a capacidade de ‘ver’ e ‘entender’ objectos e realidades.

[Registo e Análise de Resultados]

FASE 5 – Aproximações e Objectivações

Objectivo/Questão: Como pressentem e vêem a realidade?

Procura-se, através do registo gráfico, aproximar o sujeito de um

A

. **A realidade (empírica) I e II.** Representação de objectos e espaço patentes na sala de aula e composição entre diferentes elementos de forma imediata e empírica e dos conhecimentos de cada um.

Verificar o conhecimento da perspectiva ou outras formas de representação do real. Sensibilidade natural ou adquirida. Atenção, observação e equilíbrio. Eleições de valores, significados e necessária reflexão.

B

. **O espaço exíguo.** Desenho e pintura de um espaço interior. Visualização de interioridades. Verificar o conhecimento da perspectiva ou outras formas de representação do real. Sensibilidade natural ou adquirida. Atenção, observação e equilíbrio. Eleições de valores, significados e necessária reflexão. Percepção dos espaços e suas noções específicas – adaptadas ao espaço interior.

. **O espaço limitado.** Desenho e pintura de um espaço exterior controlado. Verificar o conhecimento da perspectiva ou outras formas de representação do real. Sensibilidade natural ou adquirida. Atenção, observação e equilíbrio. Eleições de valores, significados e necessária reflexão. Percepção dos espaços e suas noções específicas – adaptadas ao espaço de transição.

. **O espaço ilimitado.** Desenho e pintura de um espaço exterior.

Verificar o conhecimento da perspectiva ou outras formas de representação do real. Sensibilidade natural ou adquirida. Atenção, observação e equilíbrio. Eleições de valores, significados e necessária reflexão. Percepção dos espaços e suas noções específicas – adaptadas ao espaço infinito.

. **O espaço e a orientação.** Representação de localizações de si face à realidade – norte/sul, este/oeste, fases lua e a forma como o experienciam

Verificação de percepções e noções de localização. Contexto e inserção do eu.

Desenho e conversa informal. Reflexão sobre os trabalhos realizados.

[Registo e Análise de Resultados]

Aulas Teóricas:

(Com auxílio de suporte didáctico)

. Representação da realidade - escala, proporção, intenção e equilíbrio.

. A Teoria da Cor.

. O Efeito Expressivo no desenho.

FASE 6 – Aproximações à Realidade

Objectivo/Questão: Do objectivo, como extrapolam uma realidade, para outra?

Procura-se, através do registo gráfico, configurar a forma como se apropriam de uma realidade e a transforma – as conotações e mutações de um objecto/conceito.

A

. **Representação e Escala.** Representação de objectos tendo em consideração as suas relações de proporção, escala e composição.

Verificação das noções perspetivas e percepção da realidade – capacidade de a representar. Aferição das aprendizagens e conteúdos teóricos facultados.

. **A perspectiva.** Desenho do cubo de papel opaco e do copo de pé alto transparente, em diferentes posições e diferentes relações.

Verificar a percepção das realidades matéricas diferentes e das suas distintas dimensões, volume e densidades, brilho, transparência e modelação. Noções de relação, pormenor e harmonia. Aferir as deformações.

B

. **Representação da realidade I, II.** Representação de objectos e espaço patentes na sala de aula e com os sujeitos.

Verificar a forma de captar a realidade totalizada num espaço encerrado. A atenção colocada nos objectos e quais os que são seleccionados e representados pelo recluso. Verificação dos dados relevantes para si e as ausências manifestas e a forma como o experienciam. A percepção das diferentes presenças e sua natureza e do espaço enquanto ausência (representação do espaço como forma ou fundo – principal ou acessório).

. **Representação da realidade com recurso à memória I, II e III.** Memória da cela, da janela e do pátio da prisão.

Verificar a forma como conseguem, de memória, identificar as características de um espaço, através da eleição e selecção de elementos e a forma como o experienciam e transmitem.

OBSERVAÇÃO: ESTA ACTIVIDADE, Á SEMELHANÇA DAS RESTANTES, É EFECTUADA PELOS RECLUSOS EM CONTEXTO DE SALA, SENDO REJEITADOS E DESTRUÍDOS, OS TRABALHOS QUE EVENTUALMENTE POSSAM SER REALIZADOS NA CELA.

- **BD – dia/noite.** Representação de actividades e funções e espaços do quotidiano do recluso. Grelha com 6 divisórias de preenchimento, através de desenho e legenda simples (balão de fala).

Conversa informal. Reflexão sobre os trabalhos realizados.

[Registo e Análise de Resultados]

FASE 7 – Locus Amoenus /Locus Horrendus

Objectivo/Questão: Como reagem a antagonismos?

Procura-se, através do registo gráfico, conhecer a sensibilidade e reacção à proposta de experiências e registos de valor antagónico e suas respectivas emoções e expressões (mais ou menos psicologizantes).

. **Paisagem/Eu.** Representação da relação de dois elementos através de uma leitura antagónica dos mesmos. Expressão de situações de conflito.

Verificar a forma de comunicação e expressão desses dados e as manifestações e sinais de conflito/tensão.

. **Exterioridade/Interioridade.** Representação da relação de dois elementos através de uma leitura antagónica dos mesmos. Expressão de situações de conflito.

Verificar a forma de comunicação e expressão desses dados e as manifestações e sinais de conflito/tensão.

. **Antes e Depois.** Representação da relação de dois elementos através de uma leitura antagónica dos mesmos. Expressão de situações de conflito.

Verificar a forma de comunicação e expressão desses dados e as manifestações e sinais de conflito/tensão.

- **Desenho Livre** – Procura de um significado para a opção do tema e referências apresentadas. Conhecer o recluso, dentro de um âmbito livre. Pausa.

Desenho e conversa informal. Reflexão sobre os trabalhos realizados.

[Registo e Análise de Resultados]

Os exercícios poderão variar na ordem – fases – em que são apresentados aos reclusos por necessidade de adaptar conteúdos a momentos específicos de aula, de criação de motivação e atenção dos mesmos, estando prevista esta alternância sem prejuízo dos conteúdos. De igual modo, existirão exercícios que virão a ser repetidos, no decurso das sessões, de modo a serem aferidas variações/alterações do pensar/agir e dos significados, no decurso do tempo e das aprendizagens derivadas das sessões de desenho.

Nota: A doutoranda propõe-se inventariar o material existente e as suas condições e organizá-lo.

De igual modo, verificar a pertinência e utilidade de, por sua iniciativa, colmatar algumas falhas de materiais e proceder à sua substituição, com envio de pedido de autorização ao EPM.

Lisboa, 25 de Maio de 2011



Mariana Correia Carolo

EPM – Estabelecimento Prisional de Monsanto. 2011

Atelier de Desenho e Pintura no Estabelecimento Prisional de Monsanto
Professora – Mariana Carrolo

Sumário data 20/_/05/_/2011_aula nº __ tempo 90 min

A professora faltou.

- Notas – Foi solicitada a aprovação do programa apresentado. É aguardada a resolução.

Sumário data 27__/_05/_/2011_aula nº _09_ tempo 90 min

Desenho a guache e tempera, de tema livre. Experimentação de técnicas e materiais.

- Notas – A aula decorreu sem (D) que foi transferido, na semana anterior, para outro estabelecimento prisional.

Sumário data _03/_/06/_/2011_aula nº __ tempo 90 min

A professora faltou.

- Notas – Motivo de doença.

Sumário data _10/_/06/_/2011_aula nº __ tempo 90min

Não houve aula.

- Notas – Dia de Portugal. Feriado.

	Alunos	fase	p	20/05/11	p	27/05/11	p	03/06/11	p	10/04/11
1	(A)	2ª		/	6	x		/		/
2	(D)	1ª		/				/		/
3	(GL)	1ª		/	7	x		/		/
4	(RS)	1ª		/	5	x		/		/
5	(S)	1ª		/				/		/
6	(T)	1ª		/				/		/
7				/				/		/
8				/				/		/

EPM – Estabelecimento Prisional de Monsanto. 2011

Atelier de Desenho e Pintura no Estabelecimento Prisional de Monsanto
Professora – Mariana Carrolo

Sumário data 15/_07/_2011_ aula n° __ tempo 90 min

A professora faltou.

- Notas – Consulta médica.

Sumário data 22/_07/_2011_ aula n° _13_ tempo 90 min

Desenhos da realidade. Compreensão e representação de volumes e perspectiva:

A Casa; O Cão; o Búzio. Continuação e repetição dos temas.

- Notas – O recluso A mostrou muito interesse nos exercícios e na problemática da representação. Por iniciativa própria repetiu o exercício do búzio e com interesse progrediu nas demais. O recluso (RV) volta ao EPM e às aulas, passados 2/3 anos, (2007/2008). Mostrou interesse, não colocou questões e fez os exercícios, como os colegas. O DESENHO (RV).CASA.Nº03.22.07.11 DESAPARECEU.

Sumário data _29/_07/_2011_ aula n° __ tempo 90 min

A professora faltou.

- Notas –

	Alunos	fase	p	15/07/11	p	22/07/11	p	29/07/11	p	05/08/11
1	(A)	2ª		/	10	x		/		-
2	(D)	1ª		/				/		
3	(GL)	1ª		/		-		/	10	x
4	(RS)	1ª		/	-	-		/	8	x
5	(S)	1ª		/				/		
6	(T)	1ª		/				/		
7	(JA) (regresso 2009/2010)	3ª		/	2	x		/	3	x
8	(RV) (regresso 2007/2008)	4ª		/	1	x		/	2	x

EPM – Estabelecimento Prisional de Monsanto. 2011

Atelier de Desenho e Pintura no Estabelecimento Prisional de Monsanto
Professora – Mariana Carrolo

Sumário data 12/_08/_2011_ aula nº _15_ tempo 90 min

Metáforas: Espaço. Desenhos em técnica mista que expressem conceitos.

- Notas – A aula decorreu sem a prévia explicação do conceito. Cada recluso interpretou-a, integralmente, sem qualquer espécie de exemplo. O recluso (A) manteve-se bastante calado só acompanhando com (RV) – protestou contra as faltas da professora. (GL) esteve a concluir o desenho da cela.

Sumário data 19/_08/_2011_ aula nº _16_ tempo 90 min

Desenhos da realidade. Desenho de posições relativas entre elementos – através da representação de uma caixa de música.

Representação através da técnica da Modelação: os sapatos (registo rápido).

- Notas – O exercício trouxe algumas dificuldades aos reclusos, sobretudo a (A) cuja representação da perspectiva foi muito distorcida – mostrou algum desconforto. Já (RV) e (JA) revelaram soluções eficazes de representação.

Sumário data _26/_08/_2011_ aula nº __ tempo 90 min

A professora tirou férias.

- Notas –

	Alunos	fase	p	12/08/11	p	19/08/11	p	26/08/11	p	02/09/11
1	(A)	2 ^a	11	x	12	x		/		/
2	(D)	1 ^a								
3	(GL)	1 ^a	11	x	12	x				
4	(RS)	1 ^a	9	x	-	-				
5	(S)	1 ^a								
6	(T)	1 ^a								
7	(JA) (regresso 2009/2010)	3 ^a	4	x	5	x				
8	(RV) (regresso 2007/2008)	4 ^a	3	x	4	x				

Sumário data 09/_/09/_/2011_ aula nº_17_ tempo 90 min

Modelação: Construção e elaboração de figuras, por adição e subtração em pasta de modelação.

- Notas – O recluso (RS) mostrou-se muito entusiasmado e bem-disposto com o tema da aula. (JA) e (GL) mantiveram a aula animada com muita conversa. (RSB) foi bem recebido de volta, contou histórias e os colegas escutaram e participaram delas – procurou concluir a figura do ano anterior, não acabada, 2009/2010.

(A) e (RV) faltaram sem comunicar o motivo, todavia pelos colegas deu a entender que estavam “amuados” com as ausências da professora.

Foi entregue a pintura, cópia de Picasso, oferta de (JA) à professora – o recluso manifestou a hipótese de lucro, mas pediu que o mesmo não fosse vendido – ao contrário da carta que escreveu, que foi vendida pelo seu advogado.

Sumário data 16/_/09/_/2011_ aula nº_18_ tempo 90 min

Continuação da aula anterior – exercícios de modelação.

- Notas – O recluso (A) e (RV) continuam ausentes da aula, sem que o abandono das sessões tenha sido comunicado ao Dr. J. foi mencionado a dificuldade de constituir horário nas próximas sessões. Os reclusos mostraram o seu desagrado e esteve-se grande parte da aula a tentar encontrar solução e a conversar sobre o desalento ou motivações de cada um, na perseguição das aulas. (RSB) mostrou grande desânimo e tristeza face a esta limitação horária, (GL) mostrou-o também, de força menos emocional. Os demais reclusos encontravam forma de continuar a ir, se o horário alterasse para as segundas-feiras.

	Alunos	fase	p	09/09/11	p	16/09/11	p	-/-/-	p	-/-/-
1	(A)	2ª	—	—	—	—	—	/		/
2	(D)	1ª	—	—	—	—	—	/		/
3	(GL)	1ª	13	x	14	x				
4	(RS)	1ª	10	x	11	x				
5	(S)	1ª	—	—	—	—	—			
6	(I)	1ª	—	—	—	—	—			
7	(JA) (regresso 2009/2010)	3ª	6	x	7	x				
8	(RV) (regresso 2007/2008)	4ª	—	—	—	—	—			
9	(RBS) (regresso 2009/2010)	5ª	1	x	2	x				

Aula nº02, 18.03.11: Desenho com tema sugerido: expressão do instinto. Exploração dos materiais, em formato A3.

[D]. Em cima, à esquerda. [GL]. Ao meio, à direita e, em baixo à esquerda. [RS]. A Casa, á direita.



Aula nº03, 25.03.11: Retratos, em suporte A3.

[D]. Retrato da professora, em cima à esquerda. [GL] . Retrato da professora, em cima à direita. [GL]. Retrato do recluso Ss. [RS]. Retrato do recluso D.



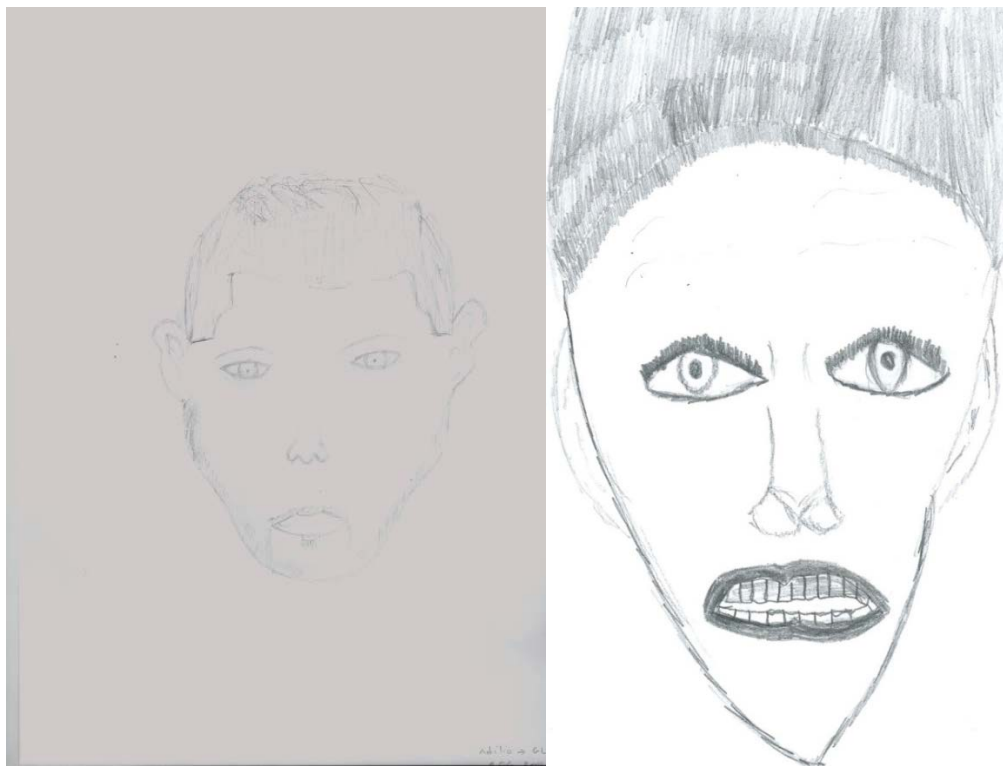


[RS]. Retrato do recluso D. [RS]. Retrato do recluso D.

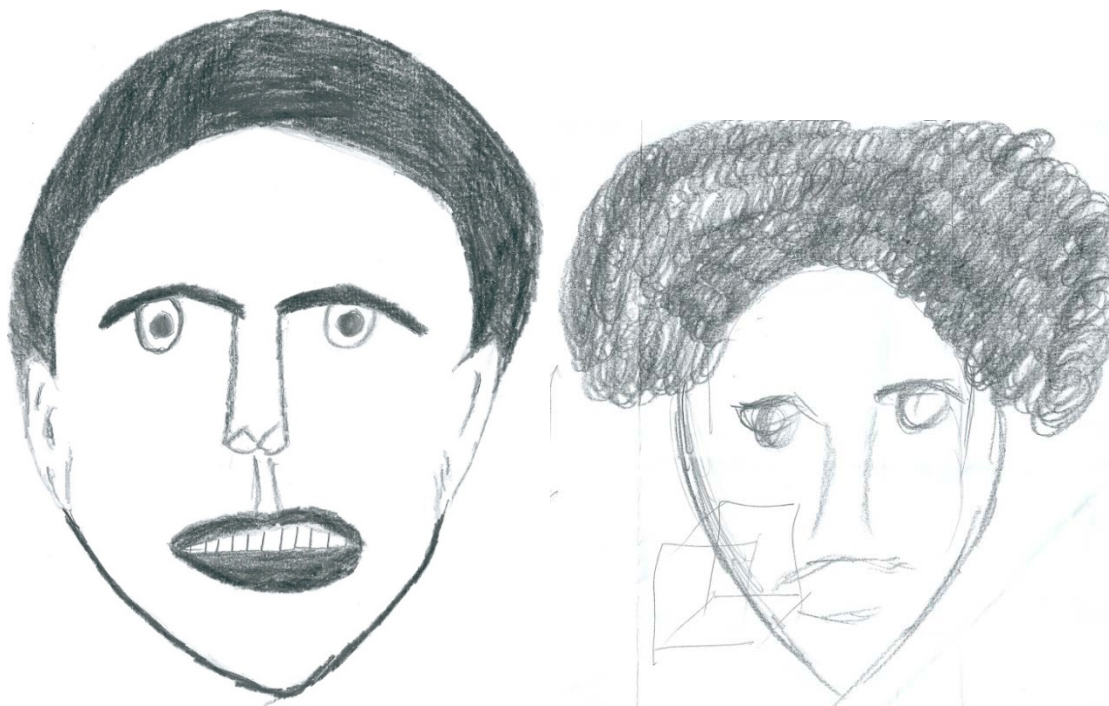


[RS]. Retrato do recluso GL. [RS]. Retrato do recluso GL.

Aula nº04, 01.04.11: Retratos e auto-retratos, em suporte A3.



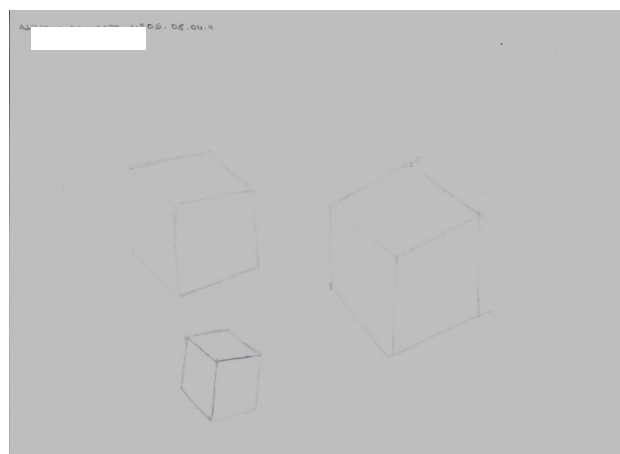
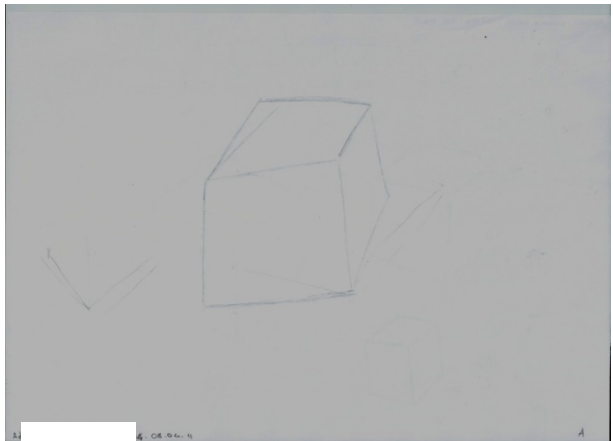
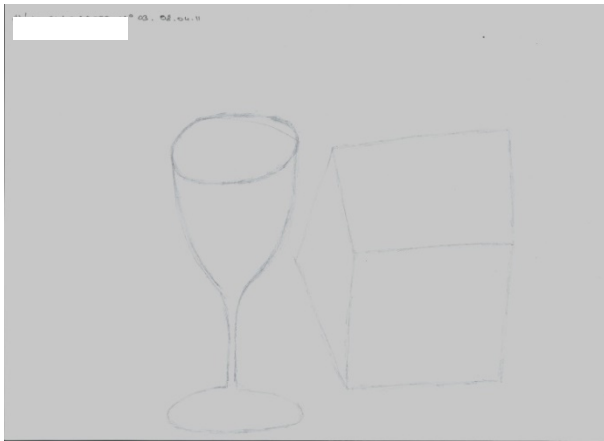
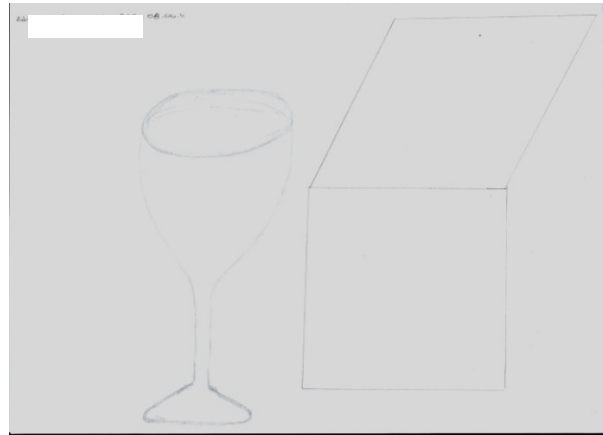
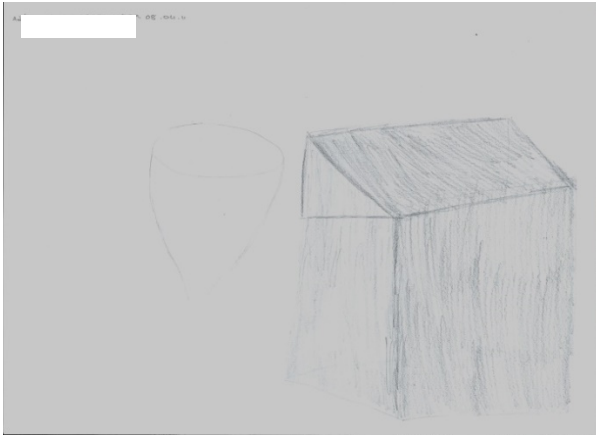
[A]. Retrato do recluso GL. [GL]. Retrato do recluso A.

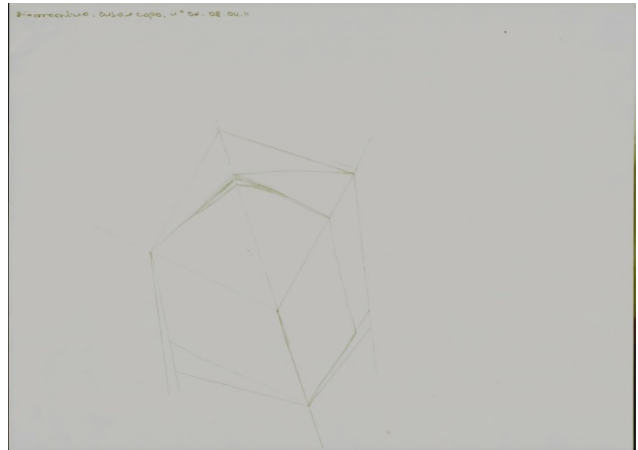


[GL]. Auto-retrato. [GL]. Retrato da professora.

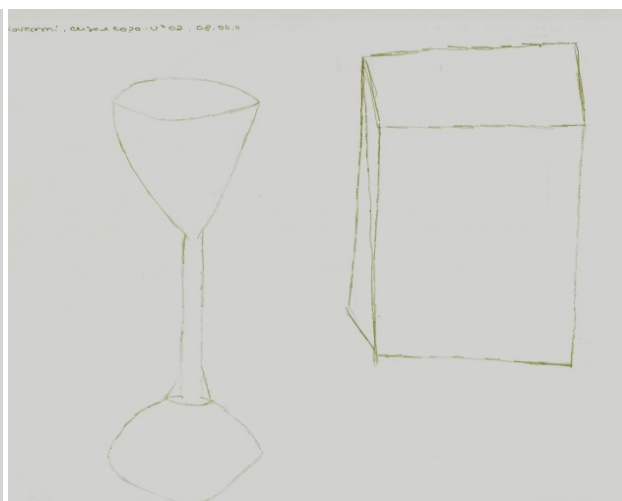
Aula nº05, 08.04.11: Desenho à vista, do cubo (com 20cm de aresta) e do copo opaco, em suporte A3.

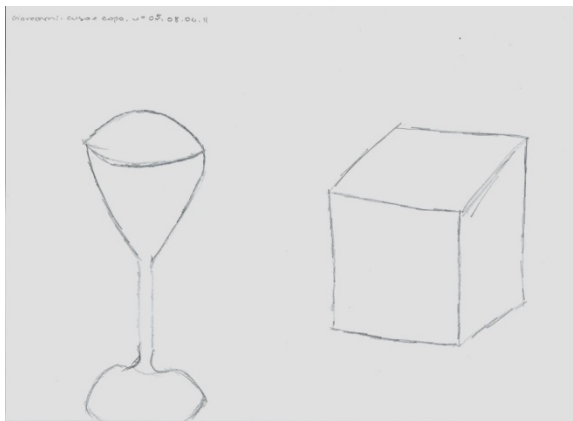
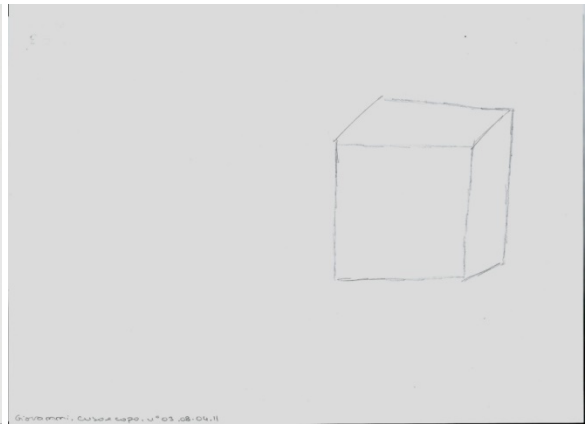
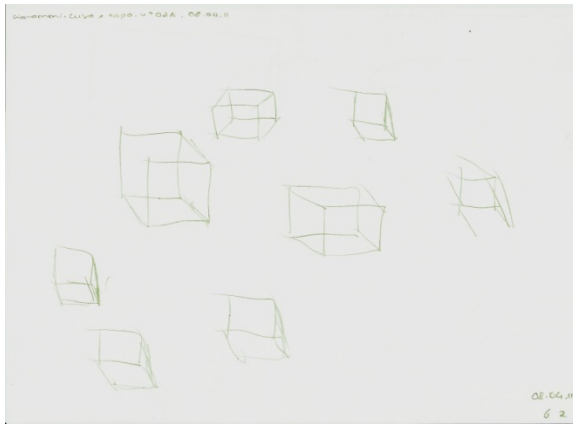
[A]. Desenho, à vista, do cubo (com 20cm de aresta) e do copo opaco.





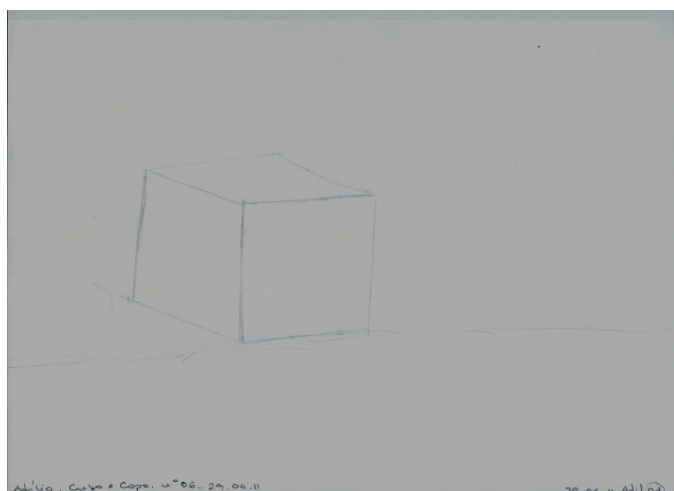
[D]. Auto-retrato, em cima à esquerda e desenho do cubo e do copo opaco. [GL]. Em baixo, desenho, à vista, do cubo (com 20cm de aresta) e do copo opaco. Tos os desenhos em formato A3.



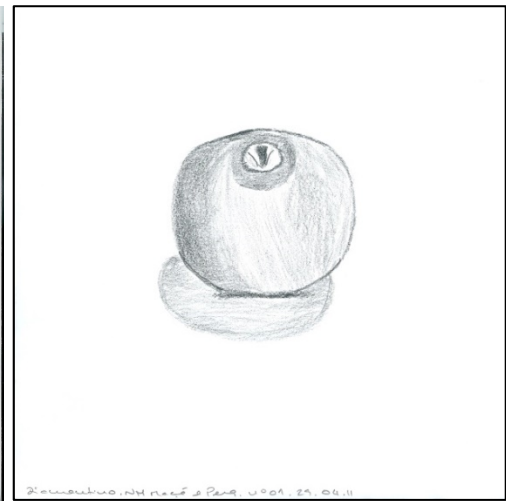
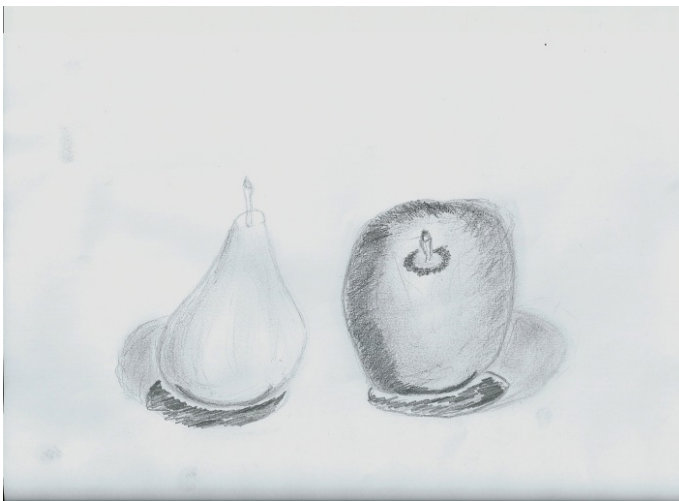
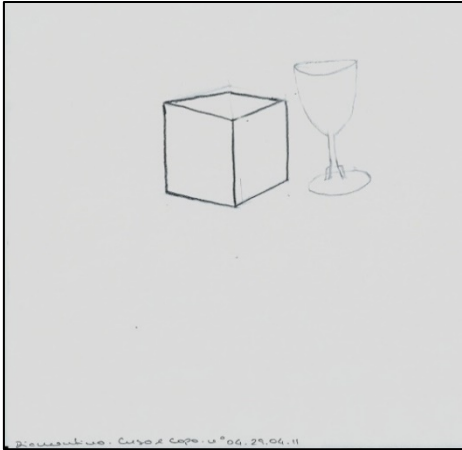


[GL]. Desenho, à vista, do cubo (com 20cm de aresta) e do copo opaco, em formato A3. À direita, em baixo, desenho de tema geométrico, em formato A3.

Aula nº06, 29.04.11: Desenho, à vista, do cubo (com 20cm de aresta) e do copo opaco e representação, à vista, de natureza-morta: frutas, em suporte A3.

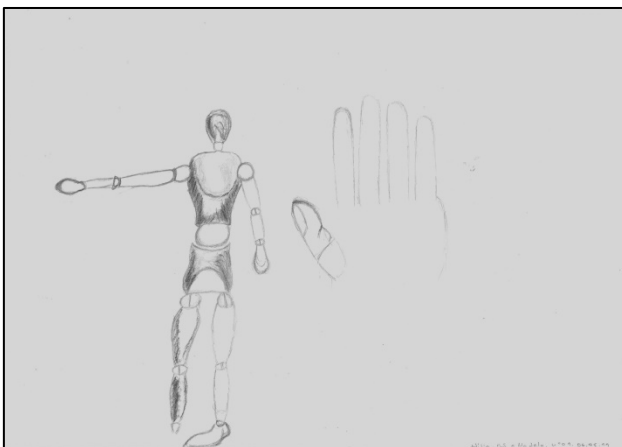


[A]. Desenhos, à vista, do cubo (com 20cm de aresta) e do copo opaco..

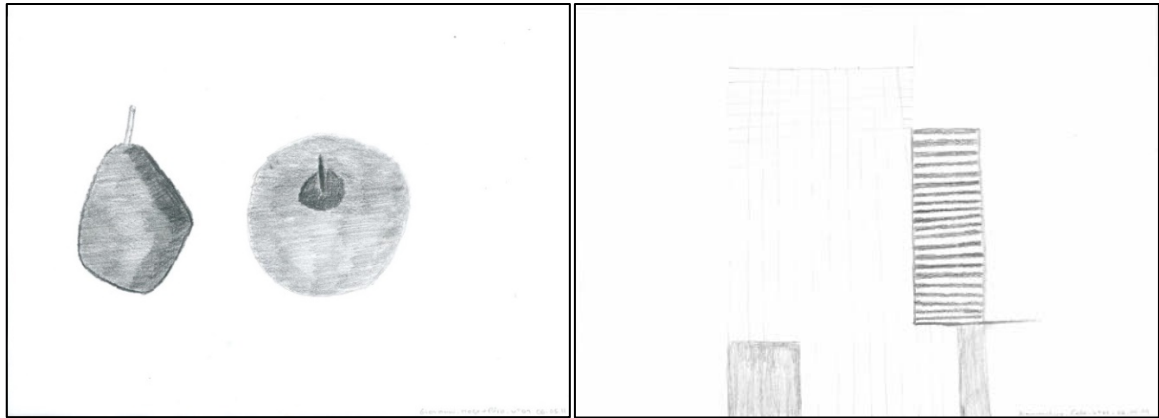


[D]. Desenho, à vista, do cubo (com 20cm de aresta) e do copo opaco, em cima, Pensamento nº: 04.
[A]. Natureza-morta: frutas, Pensamento nº: 01. [D]. Natureza-morta: frutas, Pensamento nº: 01.

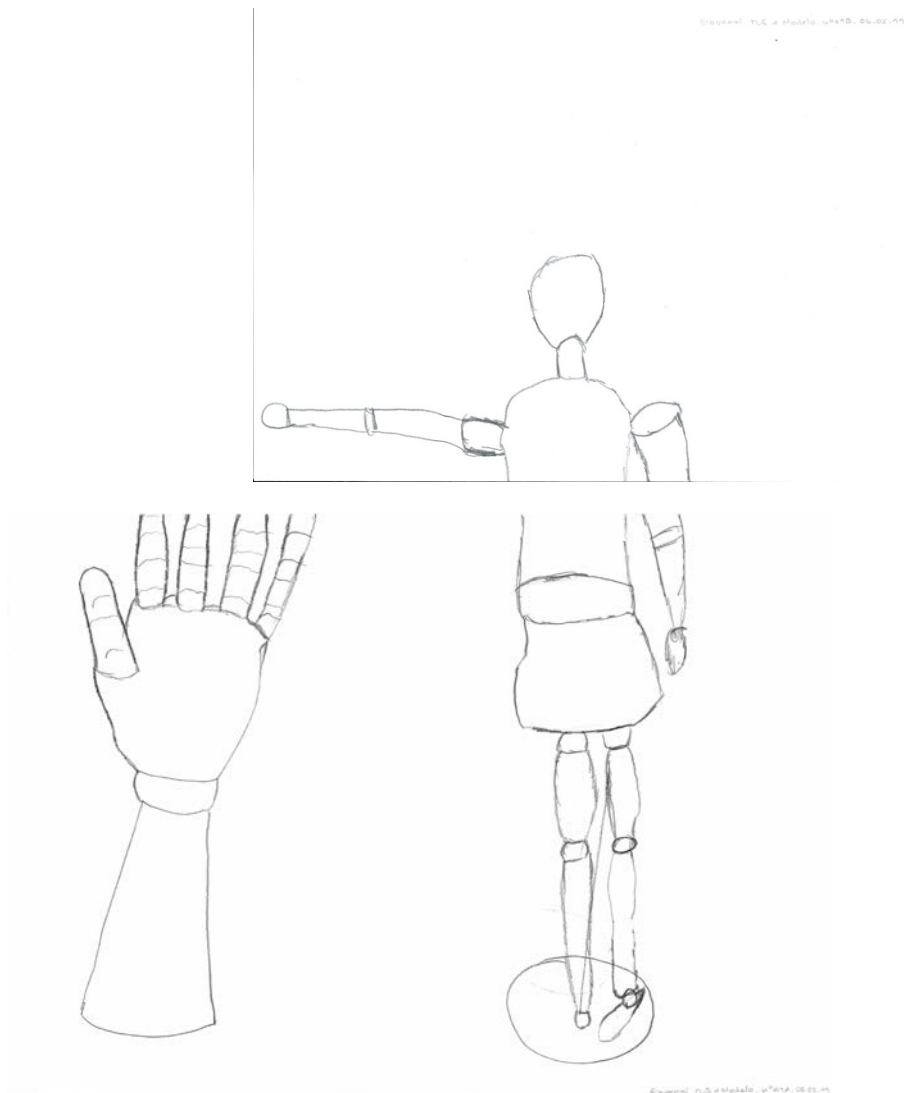
Aula nº07, 06.05.11: Desenho, à vista, com modelo humano e mão, em madeira (escalas de objecto diferentes), em suporte A3.



[A]. Desenho, à vista, com modelo e mão em madeira, Pensamento nº 01.



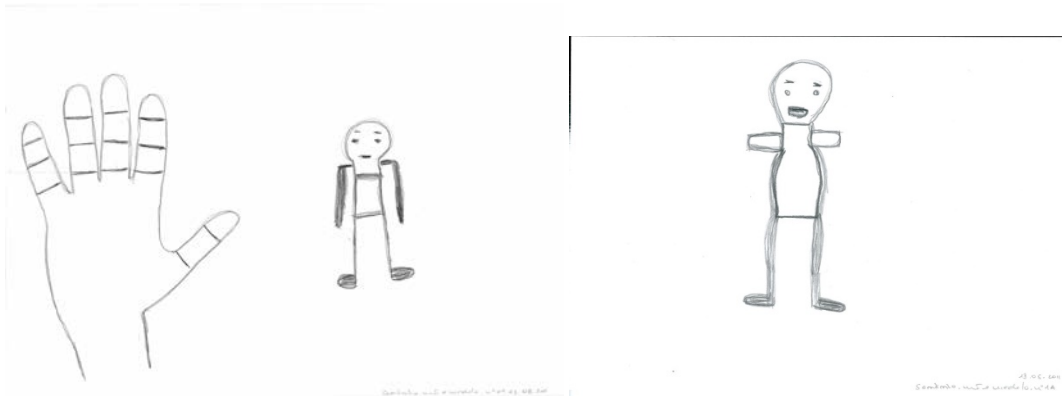
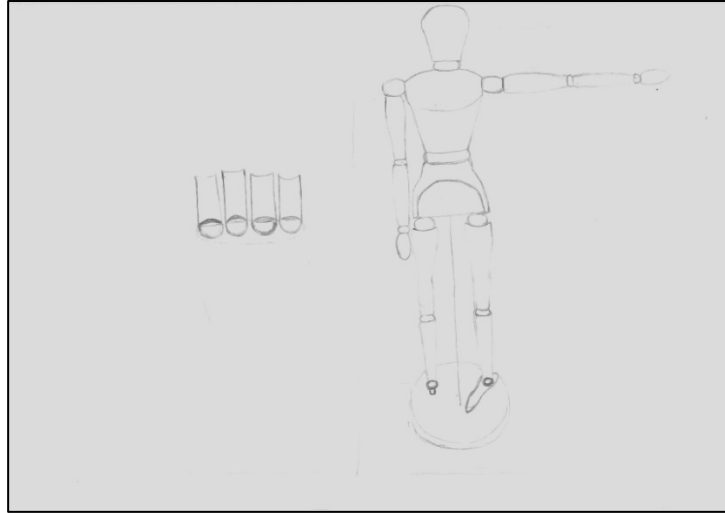
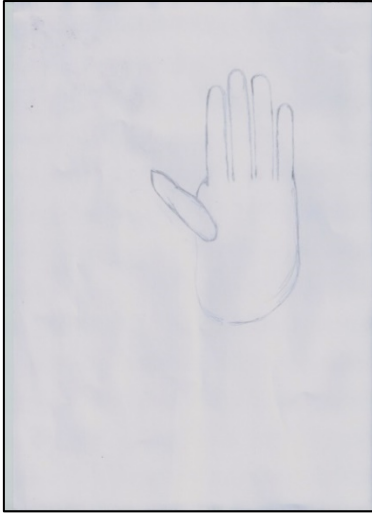
[GL]. Natureza-morta: frutas, Pensamento nº 01. [D]. Desenho da cela do recluso, Pensamento nº 02, em formato A3.



[GL]. Desenho, à vista, com modelo e mão em madeira, Pensamento nº 01 e 02.

Aula nº08, 13.05.11: (1) Desenho, à vista, com modelo e mão, em madeira. (2) Desenhos e perspectivas da cela dos reclusos.

[D]. Desenho, à vista, com modelo e mão, em madeira, em formato A3. [A]. Desenho, à vista, com modelo de uma mão, em madeira, em formato A4.



[RS]. Em baixo, desenho, à vista, com modelo e mão em madeira, Pensamento nº1, em formato A3.

[RS]. Representação do modelo, em madeira, Pensamento nº 02. [RS]. Retrato da professora.



Aula nº09, 27.05.11: Pintura a guache, exploração da técnica em tema livre, em formato A2.



[A]. Desenho de tema livre, em guache, Pensamento nº 01 e 02.



[GL]. Desenho de tema livre, em guache, Pensamento nº 01 e 02. [RS]. Desenho de tema livre, em guache, Pensamento nº 01 e 02.

Aula nº10, 17.06.11: Desenho de conceitos, “A Metáfora - Metamorfose”, em suporte A2.

[A]. Pensamento nº 01. [GL]. Pensamento nº 01. [RS].Pensamento nº01.

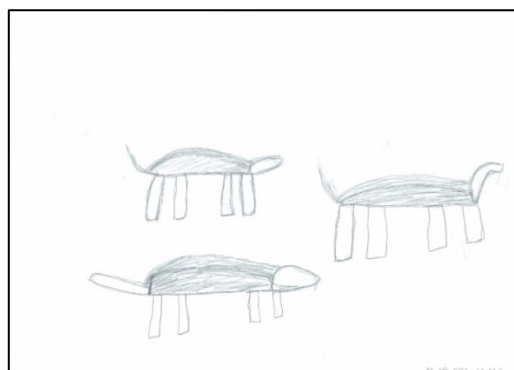
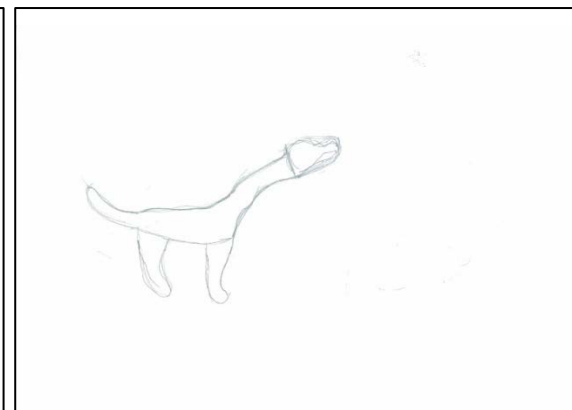
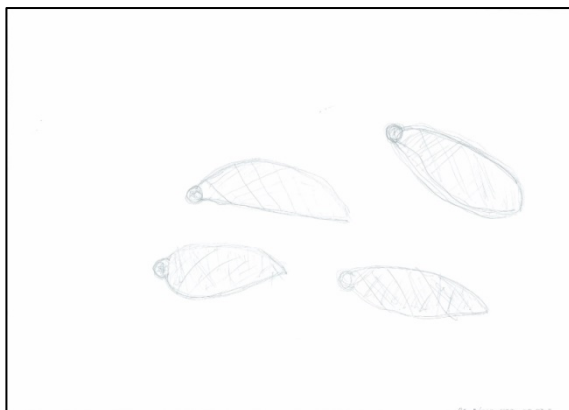
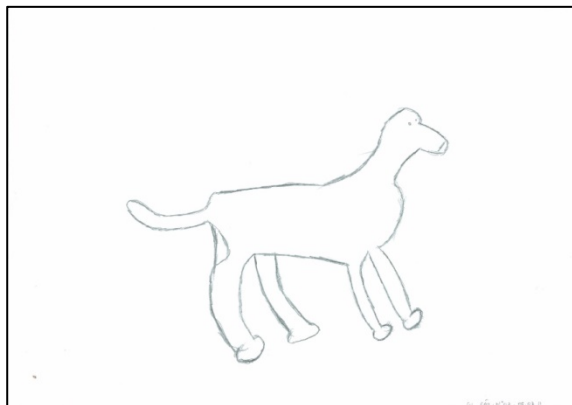
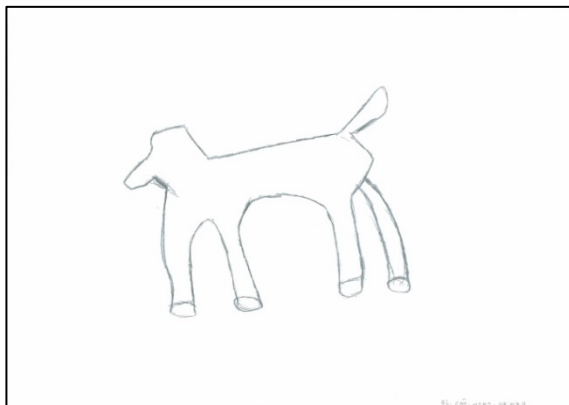
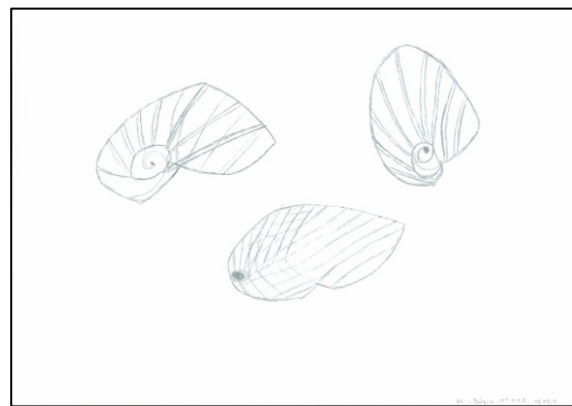
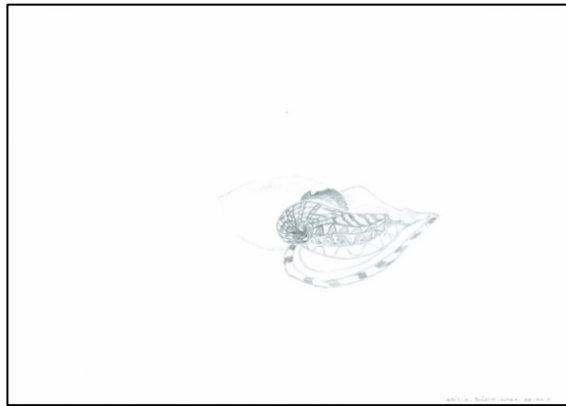


Aula nº011, 24.06.11: Desenho com técnica mista, com o tema “Metáfora: Pele”, em suporte A3.

[A]. “Metáfora: Pele”, Pensamento nº 01. [JA]. “Metáfora: Pele”, Pensamento nº 01. [RS]. “Metáfora: Pele”, Pensamento nº 01.

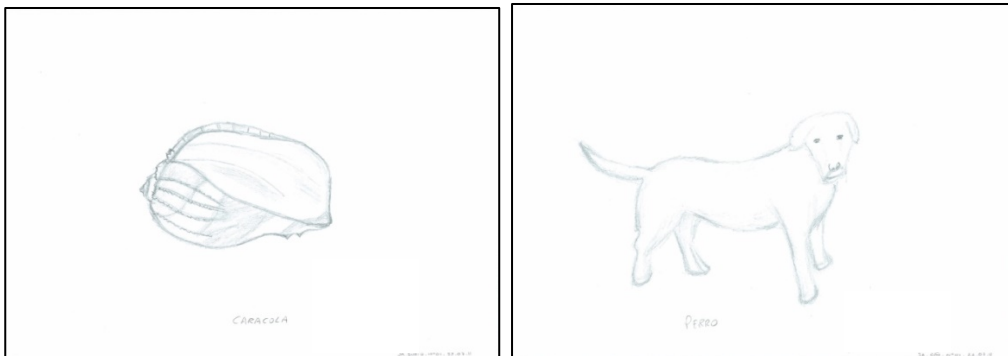
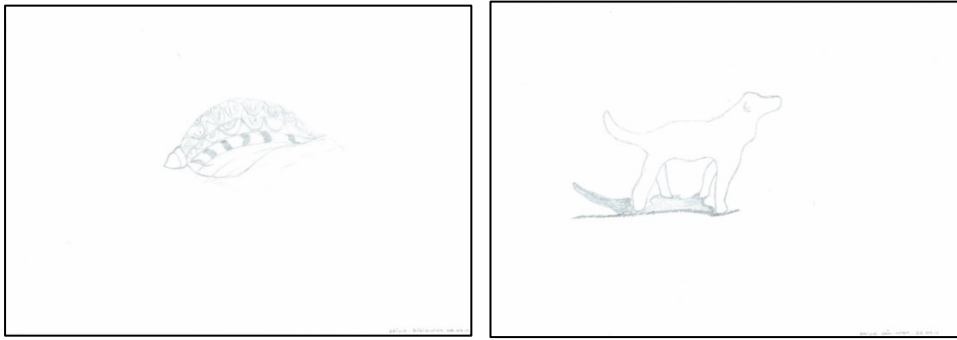


Aula nº12, 08.07.11: “Desenhos da realidade”: (1) “O Cão”; (2) “O Búzio”, em formato A3.



[A]. “O Búzio”, Pensamento nº 01. [GL]. “O Búzio”, Pensamento nº 01. [GL]. “O Cão”, Pensamento nº 01 e 02. [RS]. “O Búzio”, Pensamento nº 01 e “O Cão”, Pensamento nº 02. [RS]. “O Cão”, Pensamento nº 02.

Aula nº13, 22.07.11: Desenhos da realidade: “A Casa”; “O Cão”; “O Búzio”, em formato A3.



[A]. “O Búzio”, à esquerda e “O Cão”, Pensamento nº 01, à direita. [JA] “ A Casa”, Pensamento nº 01, “O Búzio” e, “O Cão”, Pensamento nº 01, à direita.

Aula nº14, 05.08.11: (1) Desenho de conceitos, “A Metáfora: o devaneio”, em técnica mista, suporte em A3.

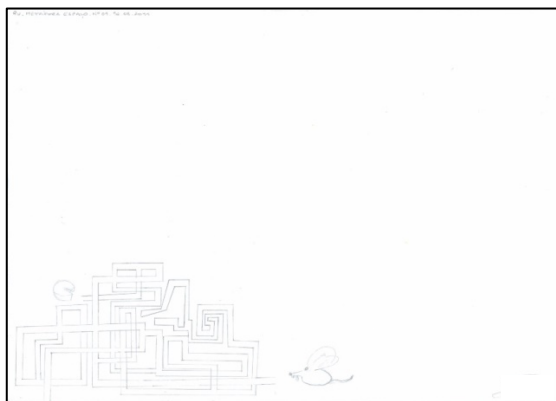


[GL]. “A Metáfora: devaneio”, Pensamento nº 01. [JA]. “A Metáfora: devaneio”, Pensamento nº 01.

Aula nº15, 12.08.11: (1) Desenho com técnica mista, com o tema “Metáfora: O Espaço”, em suporte A3. (2) Desenho, em aula, da “Cela do recluso” e a “Janela da Cela” (sem escala).



[A]. “Metáfora: O Espaço”, Pensamento nº 01, em cima à esquerda. [JA]. “Metáfora: O Espaço”, Pensamento nº 01, em cima à direita e “Metáfora: O Espaço”, Pensamento nº 02, em baixo à esquerda. [RS]. “Metáfora: O Espaço”, Pensamento nº 01.



[RV]. “Metáfora: O Espaço”, Pensamento nº 01.

Aula nº16, 19.08.11: O Desenho da realidade: Posições relativas , “Uma Caixa de Música”, em suporte A3 e, desenho do “Sapato” pela delineação contínua do contorno.



“Uma Caixa de Música”: desenho de A, RV, de GL e de JA. [JA]. “O Sapato”, Pensamento nº 01. [A]. “O Sapato”, Pensamento nº 01. [RV]. “O Sapato”, Pensamento nº 01.

